

OS DOUS AMORES

B. L. GARNIER, Livreiro-Editor, rua do Ouvidor, 71.

OBRAS DE JOSÉ DE ALENCAR

<b>Alfarrabios.</b> Chronicas dos tempos coloniaes. 2 vol. in-8, contendo :	
1º v. — <b>O Garatuja</b> , 1 v. in-8 enc. 3#000, br.....	2#000
2º v. — <b>O Ermitão da Gloria. A alma do Lazaro</b> , 1 v. in-8º, 3#000, br.....	2#000
<b>As Azas de um anjo</b> , comedia em um prologo, 4 a. e 1 epilogo. 1 v. in-8º, br.....	2#000
<b>Ao correr da penna</b> , revista hebdomadaria das paginas menores do <i>Correio Mercantil</i> . 1 v. in-8º, enc. 3#000 br...	2#000
<b>Cinco minutos. A Viuvinha</b> , romances, 1 v. in-8º, enc. 3#000, br.....	2#000
<b>O Demonio familiar</b> , comedia em 4 a. 1 v. in-8 br..	1#500
<b>O Guarany</b> , romance brasileiro. 4ª edição correcta, 2 v. in-8, nitidamente impressos, br. 4#000.....	6#000
<b>Iracena</b> , lenda do Ceará. 1 v. in-8 enc. 3#000, br.....	2#000
<b>Mãe</b> , drama em 4 a. 1 v. in-8, br.....	2#000
<b>As Minas de prata</b> , romance historico. 3 v. in-8, enc. 12#000, br.....	9#000
<b>A Noite de S. João</b> , comedia lyrica em 2 a. Musica de Elias Alvares Lobo, br. in-8.....	1#000
<b>Til</b> , romance, 4 v. in-12, enc. 6#000, br.....	4#000
<b>Verso e reverso</b> , comedia em 2 a. Nova edição, revista pelo autor. 1 v. br.....	1#000
<b>Discursos</b> proferidos na Camara dos Deputados e no Senado, sessão de 1869, 1 v. in-4 br. (c).....	2#000
<b>Discursos</b> proferidos na Sessão de 1871 na Camara dos Deputados. 1 v. in-8, enc. 2#000, br. (c).....	1#000
<b>O Systema representativo</b> . 1 v. enc. 4#000, br.....	3#000
<b>A Viagem imperial</b> , 1 v. in-8, br.....	#400
<b>O Jesuita</b> , drama, 1 v. in-8, enc. 3#000, br.....	2#000
<b>Estudos juridicos</b> , 1 v. in-4, enc.....	7#000
<b>A propriedade</b> (direito), 1 v. in-4, enc.....	7#000

SENIO

<b>Guerra dos Mascates</b> , chronica dos tempos coloniaes 2 v. in-8, enc. 6#000, br.....	4#000
<b>Sonhos d'Ouro</b> , romance brasileiro, 2 v. in-8 enc. 6#000 br.	4#000
<b>A Pata da Gazella</b> , romance brasileiro, 1 v. in-8 enc. br.....	3#000
	2#000
<b>O Gaúcho</b> , romance, 2 v. in-8, enc. 6#000, br.....	4#000
<b>O Tronco do Ipê</b> , romance brasileiro, 1 v. in-8, enc. br.....	3#000
	2#000

G. M.

<b>Diva</b> , perfil de mulher, 1 v. in-8, enc. 3#000, br.....	2#000
<b>Senhora</b> , perfil de mulher, romance, 1 v. in-8 enc. 3#000, br.	2#000
<b>Luciola</b> , perfil de mulher, romance, 1 v. in-8 enc. 3#000, br.	2#000

OS  
DOUS AMORES

ROMANCE BRASILEIRO

PÊLO

Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

---

QUINTA EDIÇÃO

TOMO SEGUNDO

---

RIO DE JANEIRO

B.-L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

PARIS — E. MELLIER, RUE SÉGUIER, 17



# OS DOUS AMORES



## I

**Henrique.**

O amor é a paixão das inconsequencias e dos absurdos.

A impossibilidade de bem definil-o provém da mesma natureza d'esse sentimento : tem-se escripto milhões de volumes sobre o amor, e a intelligencia humana ainda o não retratou com todas as suas côres, porque sempre elle se mostra com uma nova nuança.

Fizerão-no parente da amizade, derão-lhe até o gráo de seu irmão; mas se realmente tanto n'ella como n'elle ha sempre um pendor para o objecto que nos é grato, differem ambos em tudo que resta, tanto e tanto, que parecem mais inimigos do que devião ser dous parentes tão chegados.

Differem muito, differem nos principios e nos resultados.

O bello titulo de amigo adquire-se á custa de uma longa provação, que dura annos : agglomerão-se obsequios sobre obsequios ; é preciso que o tempo e o tracto mutuo de dous homens tenha feito conhecer a ambos sua tambem mutua dedicação, e o desinteresse e a paciencia, e até certo ponto conformidade de sentimentos, e de sentimentos que sejam nobres ; para que no fim de tudo isso sáhia o nome de — amigo, — não da flôr dos labios, mas do amago do coração.

O amor não é assim : ás vezes é a obra de um instante tão breve como um suspiro.

A's vezes não se estuda a nobreza dos sentimentos da pessoa a quem se vai, sempre involuntariamente, amar ; e nunca se espera por nenhuma prova de dedicação e paciencia, e não se póde esperar por alguma de desinteresse ; porque o amor é terrivelmente interesseiro no seu genero.

A's vezes dous olhos pretos, dous labios de coral, e um instante para vê-los, resumem toda a historia de um grande amor.

Pois bem, ahi tendes um amor e uma amizade : o primeiro, filho do temperamento, ou da sympathia, ou do que quizerdes ; o filho, em summa, de um curto momento, em que não houve, nem reflexão, nem vontade ; a segunda, sentimento reflectido, criado pela dedicação, amamentado pela virtude, educado cuidadosamente durante muitos annos.

Ahi tendes a amizade, virgem encantadora cheia de pureza, de formosura, de graça e de castidade ; e o amor, menino impertinente, audacioso, exigente, importuno, teimoso... para dizer tudo, menino malcriado.

O que é que acontece no correr da vida de ambos ?...

Acontece que o filho do momento, que devia ser o mais fraco, é o mais forte; que o menino malcriado, que devia ser menos tolerado, é de quem se soffre muito mais.

A amizade para viver precisa que a ajudem : é a alampada do templo, cuja luz se extingue se lhe falta o oleo ; é necessario que a dedicação, o desinteresse, a paciencia, que já tanto se provárão, vão sempre de seu existir dando novas provas, para que a amizade subsista ; para que a virgem não fuja envergonhada.

E o amor?... amai, e vêde : aquillo mesmo que destruiria para logo a mais antiga e enraizada amizade, é quasi sempre um incentivo que dá mais vigor e mais fogo ao filho do momento.

Amai, e vêde : a mulher que vos plantou no coração esse sentimento, vos desafia com seus rigores ; vos faz escravo de seus caprichos ; com um desdem arranca lagrimas de vossos olhos, e com uma lagrima vos faz dobrar os joelhos.

Na amizade, a traição faz esquecer ; no amor, a traição faz enlouquecer.

As differenças que existem entre os dous sentimentos continuão ainda ; e, como devia acontecer, compensão finalmente os triumphos que sobre a amizade dão no principio ao amor.

O orgulhoso que de si mesmo tirava suas forças, que vivia de seus caprichos, de desdens e de lagrimas, devia por força cansar mais depressa do que a virgem modesta, que caminhava cuidadosamente á sombra de mil cuidados, e guiada pela virtude e pela dedicação.

O tempo é portanto a vida da amizade, e a morte do amor.

E assim como vimos ha pouco, que aquillo mesmo que podia instantaneamente matar a amizade, era para

o amor incentivo que lhe dava mais vigor, e lhe tornava mais intenso o fogo ; veremos agora, em compensação tambem, que o principio que anima a primeira é causa do resfriamento e morte do segundo.

Queremos fallar do gozo, porque, embora de natureza distincta, tanto o amor como a amizade tem o seu.

Dous amigos gozão-se com a troca de seus sentimentos e de seus cuidados, gozão-se partilhando mutuamente os pezares e os prazeres um do outro, ajudando-se na prosperidade e nos trabalhos da vida ; e esse gozo anima o fogo do sentimento que o dá, enraíza ainda mais a amizade que o promoveu.

Agora o que acontece com o amor, perguntai a todos os esposos : interrogai principalmente a todas essas bellas moças, a quem se jurou paixão eterna ; interrogai a essas... um anno depois de casadas.

Ellas vos dirão o que desde muito tempo já foi dito — « o desejo é a medida do prazer ».

Ou, o que pouco mais ou menos exprime a mesma cousa — « a morte do amor está no gozo ».

Mas emquanto se não goza, flammeja um desejo immenso que accende a imaginação, e os menores encantos são perfeições angelicas, e tudo é engrandecido e divinizado no objecto que se ama : da mulher se faz um anjo.

Não ha mais nada de terrestre n'ella : houve uma metamorphose operada pela imaginação.

O desejo suspira ás vezes como um favonio que brinca com as flôres de manhã cedo ; e logo depois brame como a tempestade, como o vento enraivado varrendo a floresta virgem.

Se ha um abysmo, o homem lança-se dentro d'elle ; se lá dentro... se lá em baixo elle vio o rosto da mulher que ama...

Se ha um muro de bronze, o homem trabalha uma vida inteira para lançal-o por terra.

E nem os annos, e nem a ausencia podem fazer esquecer a mulher que se ama.

Porque não houve gozo.

E póde a mulher ser caprichosa e ligeira; póde zombar, póde parecer inconstante, póde desdenhar, podem mesmo asseverar que ella é falsa; o homem estará preso a seus pés como um misero escravo.

Porque não houve gozo.

É, com isto, e mercê d'estas considerações mil vezes já enunciadas de modo mil vezes melhor, que se explicava o amor extremoso e irresistivel de que o joven Henrique se achava possuido pela filha de Anacleto.

Henrique era um exemplo que se podia dar dos dous sentimentos que acabão de ser discutidos.

Laços de uma pura e virginal amizade o ligarão a Carlos: grilhões de um amor tyrannico e invencivel o prendião aos pés de Marianna.

A amizade porém dos dous mancebos era mais velha que o amor de um d'elles; e Carlos, com o zêlo de um amigo fiel, tinha acompanhado todo o correr d'esse amor, que durante muito tempo se lhe figurou em abysmo.

Com franqueza e lealdade combatêra esse sentimento de Henrique durantê seus primeiros tempos; apoiára sua viagem á Europa, e, apezar de lér o nome de Marianna em todas as cartas de seu amigo, só começára a fallar d'ella nas suas, quando começára tambem a viuvez da filha de Anacleto.

Depois da volta de Henrique á patria, acompanhava-o ao Céu côr de rosa, e observava...

Os dous amigos estavam juntos na manhã que se seguia depois da noite dos annos de Celina.

Henrique achava-se pensativo e profundamente melancólico.

— Preví que estimarias vêr-me hoje cedo : disse Carlos.

— Estimo vêr-te sempre ; que quer porém dizer a tua previsão ?

— Adivinhei que estarias pensativo e triste.

— Então adivinhaste também o motivo ?

— Também.

Henrique córou sem querer : ensaiou um sorriso, e perguntou :

— E qual é ?...

— Sou teu medico, Henrique, e vi que a noite de hontem deveria fazer-te mal.

— E fez-me.

— Portanto, fiz bem em vir conversar contigo : necessariamente tens muito que dizer-me.

— Não ; tenho ao contrario alguma cousa que perguntar.

— Vamos, pois.

— Que observaste hontem á noite, Carlos ?...

— Provavelmente menos do que tu, Henrique.

— Menos do que eu ?...

— Sim ; porque eu examinei tudo com o olhar frio do observador, e tu viste tudo com os olhos enganadores da paixão.

— E então ?...

— Então tu deixaste hontem o Céu côr de rosa com a convicção terrivel de que tinhas um rival poderoso no joven Salustiano.

— E tu ?...

— E eu vim com a certeza de que a bella viuva detesta esse homem mais do que tu mesmo.

— E' possível ?!!

— Mas eu trouxe tambem a certeza de que entre ella e Salustiano existe um segredo, que é uma barreira que se levanta contra o teu amor.

— Oh !... mas esse fatal segredo...

— E' um segredo... não o saberás... não o sabermos.

— Mas eu daria meu sangue... metade de minha vida para poder arrasal-o.

— E nunca o saberás.

Henrique torceu as mãos com violencia, e depois exclamou com accento de dôr profunda :

— Que eu não possa esquecer essa mulher !!!

E começou a passear por toda a extensão da sala visivelmente alterado.

Carlos acompanhava-o em silencio e com os braços cruzados, até que enfim Henrique principiou a desabafar seus soffrimentos, fallando.

— E' incrivel! exclamou elle : como se póde explicar este sentimento que tem feito o constante padecer de minha vida?... como é que póde em mim tanto essa mulher, que nem a razão, nem a ausencia, nem a amizade poderão conseguir fazer-me esquecê-la?... como é que eu me prendo assim a uma rosa que me espinha ; que me offereço a um raio que me abraza?!! Oh! Carlos! Carlos! este amor é fatal com a maldição de um pai !...

— Eu t'o predisse : no seu começo fôra possivel vencê-lo ; agora é tarde.

— Possivel vencê-lo?! se não fôras meu amigo, eu te desejaria um amor como este, para sentires como foi elle no seu começo ; sabes o que é estar um homem devorado pela sêde, e preso a uma columna de ferro a dous passos de um rio de agoas limpidas?... pois foi assim que eu vivi emquanto Marianna esteve casada ; a

minha sêde era de amor, minha columna de ferro era a honra, e essa mulher era para mim uma fonte de angelica pureza... oh!... foi muito horrivel a minha vida!... foi muito horrivel!!!

Carlos guardou silencio.

— E agora? proseguio o apaixonado mancebo; — agora que nenhuma consideração digna de respeitar-se oppõe-se ao meu amor; agora que eu não me envergonho declarando-o á mulher, que tanto póde sobre mim; agora que eu a ouço todos os dias dizer que me ama, ha de vir um homem, que até hoje desprezei, ostentar a meus olhos o poder que exerce sobre ella?... isto não é uma tentação abominavel?... dize Carlos, dize, isto não é uma tentação capaz de perder-me para sempre?

Os olhos de Henrique flammejavão.

O que queres dizer?... exclamou Carlos.

— Quero dizer, respondeu Henrique tremendo, que hontem á noite eu vi a mulher que adoro, levada pelo braço d'esse homem, pallida, abatida, tremula como uma criminosa; e elle, arrogante, soberbo, terrivel e feroz como um algoz; quero dizer, que de então até agora eu tenho sonhado com um punhal... com a des-honra...

-- Insensato! bradou Carlos.

— Mais do que isso!!!

-- Comprehendes bem tudo o sentido das palavras que pronunciaste?...

— Perfeitamente.

— Serás capaz de repetil-as?...

— Sem duvida.

— Henrique, disse Carlos com voz triste e grave; fallas com o teu amigo, responde pois seriamente: pensaste já uma só vez em realizar esse pensamento abominavel?...

Henrique hesitou.

Esse pensamento é um crime, tornou Carlos ; mas eu sou teu amigo para t'o perdoar ; responde pois, pensaste já uma só vez em realisal-o ?...

Henrique empallideceu como um moribundo, e disse :

— Já... esta noite.

— Estás quasi perdido !! exclamou dolorosamente o amigo.

Henrique, escutando esse grito da amizade, atirou-se no sofá chorando desabridamente.

Carlos sentou-se, e reflectio durante muito tempo ; o medico procurava um remedio para o seu doente ; e o doente tinha medo d'aquelle medico, que sempre se havia opposto ao seu amor.

No fim de meia hora, Carlos chegou-se para junto do amigo, e tocando-lhe no hombro, disse :

— Sê homem.

Henrique levantou a cabeça.

— Tenho pensado bem, continuou aquelle ; não vejo razão para tão grande dôr.

— Como ? perguntou Henrique.

— A bella viuva te ama.

O mancebo suspirou, e disse :

— E aquelle homem ?...

— E' um vil... despreza-o...

— Era só isso o que tinhas para me dizer ?...

— Não.

— Que mais então ?

— Cumpre que tudo isto tenha um termo ; e quanto mais cedo, melhor.

— Que devo fazer ?... eu não sei nada... desvairo e choro.

— Pois bem : irás ao Céu côr de rosa.

— Quando ?...

— Hoje não ; estás agitado demais : irás ao primeiro serão.

— E depois ?...

— Terás uma conferencia com tua amada, et positivamente offerecer-lhe-has a tua mão.

— E finalmente ?... exclamou Henrique.

— Pedil-a-has em casamento ao velho Anacleto.

— Tu m'ó aconselhas !... bradou o amante abraçando com força a Carlos ; tu m'ó aconselhas ?...

— Sim ! sim ! respondeu este.

E depois continuou fallando comsigo mesmo :

— Dos males o menor.

## II

### Um serão sem elle.

Se o olhar do observador pudesse chegar ao fundo do coração humano, esquadrihar todos os seus escaninhos, arrazar seus segredos mais occultos, lêr n'elle como em um livro ; teria, é verdade, muito de que horrorisar-se, muito de que espantar-se com a hypocrisia e malvadeza da humanidade ; em compensação porém acharia um encanto indizível, examinando o coração de uma moça, que começa a amar pela primeira vez.

Porque, se doçura immensa se goza já n'essas rapidas e passageiras traições-zinhas, que fazem ao pudor de uma virgem os suspiros que por entre os labios escapão, e os olhares que com mal comprimido fogo dardejão os olhos ; em que mar de innocencia, de amor angelico, de candura e de graças se não banharia o

pensamento do observador, penetrando no coração da virgem christã?!!

Uma vida nova começa com o primeiro dia de amor : a aurora d'esse dia rubra com o pejo da moça, revela um mysterio, que ainda se não comprehendia a noite passada.

De então por diante todos os pensamentos, todos os desejos, os brilhantes arabescos da imaginação, os sonhos, que a alma sonha acordada, o futuro, os risos, o pranto e a vida da virgem estão presos por correntes de flôres ao mysterio que se revelou.

Foi o grito da natureza que soou, e que repercutio no coração da donzella.

Mas a virgem christã teve a educação da pureza, e tem o pudor da mulher : desde que concebeu a idéa do amor, desde que a sentio, ouvindo o grito da natureza, córou de si mesma.

Porque córa?... porque esconde um sentimento, que a natureza inspira?... porque córa?... perguntai-lhe : ella responderá com voz quasi sumida — não sei, — ha de córar mil vezes mais, respondendo.

E a virgem que não córasse por mais formosa que fosse, seria como uma flôr sem perfumes, ou uma alma sem pensamentos.

Mas a virgem pretende em vão esconder o amor que amanheceu no seu coração : ella o esconde, e elle se revela, como ainda o perfume que escapa da flôr, e ainda o pensamento que transpira d'alma.

Observai a moça que começa a amar : tudo é novo n'ella : uma revolução se operou em seu character, e em suas acções ; o seu physico mesmo se resente ; ella se torna mais encantadora.

Estudai a expressão de seus olhos ; seus olhares são vagos, rapidos, ás vezes langorosos... é bello vê-la olhar assim...

Melancolica e distrahida, seus antigos prazeres a afa-digão ; esqueceu-se d'elles... tem na mente um desejo novo...

Louquinha que amava as festas com seu ruido, e bulicio ; que corria pelos prados ; que brincava com as companheiras saltando, gritando, zombando ; agora se esconde em seu quarto para chorar sem motivo, e depois, no jardim, fica uma hora parada defronte de uma flôr...

Isso, e ainda muito mais que não será possível descrever completamente nunca, é a historia da madrugada do amor, que todas as que forão moças gozárão, e que as que o não são, devem gozar ainda.

Celina começava a experimentar todos esses phenomenos : a noite de seus annos rasgára, emfim o véo da duvida... no fim do canto do mancebo pobre, ella tinha comprehendido que já o amava muito ; que dentro do seu coração esse amor brotára, e crescêra, sem que fosse sentido... Candido era amado.

Mas porque se tinha elle retirado antes da terminação do baile ? porque não apparecêra desde então no Céu côr de rosa ?

O amor de Celina começava com tormentos : porque tambem é regra que no amor uma duvida é um tormento, uma suspeita é veneno.

Com anciedade esperou a Bella Orphã pela primeira noite de serão... devia vê-lo... Candido, se a amava, não podia faltar... havia de vir por força...

Gastou o dobro do tempo que costumava, em seu toucador : tinha vontade de parecer ao homem que amava, a mais bella de todas as mulheres.

Chegou a hora do serão : vierão pouco a pouco chegando todos aquelles que costumavão frequentar o Céu côr de rosa.

Celina não podia arrancar os olhos da porta da entrada; por tres vezes tinha já ido á janella sob diferentes pretextos.

Apresentou-se Henrique... algum tempo depois appareceu Salustiano.

Os sinos tocárão nove horas da noite. Candido não havia chegado.

Celina não pôde conter um forte movimento de impaciencia, e desagrado.

— Meu Deos! D. Celina, exclamou Felicia, o que é que hoje você tem...

— Parece que esperava por alguém, que não chegou, disse Mariquinhas; ella não tem tirado os olhos da porta da sala.

— Oh! não! respondeu a Bella Orphã; é que hoje não estou boa... sinto um calor, que parece febre; preciso respirar ar puro e livre.

E dirigio-se de novo á janella... ninguem vinha: esperou cerca de dez minutos; mas sempre debalde.

A pobre moça sentio então uma dôr nova para ella; apertou-se-lhe o coração, como se uma mão de ferro a estivesse comprimindo com os dedos; e não podendo supportar o ruido que na sala reinava; parecendo-lhe as risadas que ouvia, os gracejos que se dizão, as musicas que se cantavão, e os olhares que lhe lançava Salustiano, um insulto feito á sua dôr, aproveitou um momento de distracção geral, e sahindo da sala sem ser sentida, subio para seu quarto, e atirando-se no leito, começou a chorar.

No emtanto, Henrique havia offerecido o braço a Marianna, e passeavão conversando.

Chegárão-se ambos para uma janella, e vendo-se a sós Henrique fallou á bella viuva:

— Minha senhora, eu precisava fallar-lhe a sós sobre

um objecto de grande importancia para nós ambos ; julgará opportuno este momento ?...

— Posso eu dar uma sentença sobre causa que não conheço ? perguntou gracejando Marianna.

— Não haverá gracejo, nem puerilidade, no que eu devo dizer, tornou Henrique com tom sério.

— Mas é que eu não sei sobre o que devemos tratar.

— Oh !... senhora !... será possível, que não adivinhe qual será o objecto de que lhe quero fallar ?... não lh'o diz o coração ha seis annos ?...

— Para aquelles que se amão, disse Marianna abaixando a cabeça e a voz, todos os momentos e todos os lugares são opportunos e propicios.

— Então eu fallo ; e depois que eu fallar, é que realmente ouvirei uma sentença.

Marianna levantou os olhos, e vio a expressão apaixonada e séria do semblante de Henrique.

— Eu não lembrarei o passado, disse o mancebo : é a historia de uma luta desesperada entre o dever e o amor, que eu não quero recordar, porque ainda me causa terribes angustias...

— Oh ! lembremol-o sempre !... a sua memoria é doce porque não desdoira... foi um amor do espirito.

— Embora... mas se quizer, eu o lembrarei sómente para dizer, que esse amor que resistio ao dever, que não morreu na ausencia, é um amor que deve ser bem caro, senhora !...

E tem elle sido mal pago, senhor ?... n'essa luta entre o dever e o amor, soffreria menos a mulher, para quem o amor é sempre mais ardente, e o dever era dobradamente maior ?...

— E agora, senhora ?... agora, que não ha mais barreiras levantadas diante d'esse terno sentimento ?...

— Agora ?...

— Sim ; agora ?...

— Aceite como resposta, senhor, a mesma pergunta que acaba de fazer-me.

— Oh ! pois bem ; mas o que vemos na sociedade ?... quem é que se apressa a desejar prender-se por laços sagrados ?... é por ventura o homem, que póde esperar dez annos sem perder na opinião dos outros homens ?...

— Que quer dizer, senhor ?...

— Quero dizer, minha senhora, que acreditando em suas palavras, julgando-me feliz e amado, eu me espanto de que a mulher que me ama, e que tem a certeza de ser por mim idolatrada, livre, tão senhora de sua mão como de seus pensamentos, não se lembrasse uma só vez ainda de me estender essa mão ha tantos annos desejada, dizendo-me : — eil-a aqui !

— Ah ! senhor !...

— Quero dizer que tenho pensado comigo mesmo sobre a causa provavel d'essa frieza, e seguramente ha erro em todos os meus juizos : pensei, eu o confesso, senhora, que eu podia ter sido o objecto de uma zombaria de seis annos... que o amor, em que acreditava, era fingido...

— E teve duas vezes esse mesmo pensamento ?... perguntou Marianna, deixando cahir duas grossas lagrimas.

— Henrique não vio felizmente as lagrimas da viuva.

— Não... não... esse pensamento duas vezes concebido seria capaz de matar-me ; esse pensamento foi certamente uma loucura ; mas como essa, mil outras loucura me vierão á cabeça, e finalmente pára n'uma, que foi a peor de todas, que é horrivel !...

— Mas por felicidade nossa, senhor, não passará tambem de uma loucura.

— Pensei, disse Henrique voltando os olhos para a sala, que havia no mundo um homem que se oppunhá á

minha dita... e que a mulher que eu adoro, obedecia á sua voz, e tremia debaixo de seus olhos!

Henrique encarou Marianna como querendo apanhar-lhe no rosto, no tremer convulsivo de um musculo, ou no espanto do olhar um segredo que ella guardasse; mas, apenas vio raiar nos labios da interessante viuva o mais feiticeiro dos sorrisos.

Com serenidade, sangue frio e graça respondeu Marianna em tom alegre :

— Quando eu dizia que era ainda uma loucura!...

— Uma loucura sómente?... uma chimera, e mais nada.

— Sim... sim; sómente uma loucura; mas uma doce loucura, que me agrada, porque a sua origem me é grata.

— Deos permitta que eu fosse realmente um louco!

Apezar da serenidade que effectava, a viuva sentia-se terrivelmente combatida interiormente pelas suspeitas de Henrique; a todo transe quiz saber até onde tinham ellas chegado.

— Porém, disse ella; para que ficar assim apenas conhecido por metade o juizo que fez a meu respeito?... arrependo-me de o haver interrompido.

— Ao contrario, senhora, fez bem em dar apressada um copo d'agua ao homem morto de sêde; tanto mais que o meu juizo parou ahi... não pensei mais nada...

— Falla seriamente? não procurou conhecer esse homem, que podia tanto em mim, nem descobrir a causa de sua admiravel influencia?...

— Não passei além do que disse.

— Oh! exclamou Marianna, Deos permitta que os seus votos de amor sejam mais verdadeiros do que as suas ultimas palavras,..

— Porque, minha senhora?...

— Porque agora não disse a verdade: o homem, do qual, quer fallar, está ali na sala... seus olhos o procurarão ainda ha pouco.

— E' verdade, murmurou Henrique.

Marianna córou, e disse com violencia mal comprimida:

— E o senhor... o homem a quem eu distingui com o meu amor, o senhor que é um homem nobre; porque se o não fôra, eu o não amára, abaixou-se até o ponto de tomar para seu rival um miseravel que não tem espirito, nem belleza?... abaixou-me, dando-me por amante um moço sem merito, e que eu detesto!...

— E' possível!...

— Oh!... eu sei amar melhor do que sou amada!...

Henrique apertava com ardor uma das mãos de Marianna; cahiria a seus pés, se não pudesse ser visto por tanta gente, que estava a alguns passos d'elles.

— Eu sei amar melhor, continuou a viuva: porque ao menos eu não rebaixaria o homem que amo, julgando-o capaz de esquecer-me por uma mulher que não se pudesse comparar comigo!...

— Mas aquelle homem por toda a parte a segue... e eu... ah! senhora, eu já disse que sou um louco.

O rosto de Marianna tomou ainda uma nova expressão physionomica; radiou n'elle outra vez o prazer, e com accento gracioso respondeu:

— Quando eu digo que amo, que me é grata uma loucura assim!...

— Que contradicção, meu Deos!

— Que quer?! a culpa não é minha; quando penso em levantar-me violenta e resentida contra essa loucura, vem logo desarmar-me a imagem do louco!...

Henrique torceu as mãos apaixonadamente, e disse:

— Ah! senhora! eu quizera sentar-me em um throno

para lhe dar metade d'elle... eu tremeria menos assim, porque o esplendor do meu diadema deslumbraria áquelles que ousassem erguer os olhos para aquella que se sentasse a meu lado !

— E eu, pelo contrario, respondeu a viuva com seu encantador sorriso, quizera vê-lo no fundo de um horri-vel abysmo para descer até lá, e ir viver debaixo de seus olhos ; eu então não tremeria nunca... porque nenhuma mulher quereria descer como eu, e esquecer o mundo pelo abysmo.

O piano tocou n'esse momento os primeiros compassos de uma valsa.

— Chamão-nos ! disse Marianna.

— Sim... chamão-nos... mas com suas bellas páavras ficou esquecido o fim principal de nossa conversação ! serêa encantadora que o homem não deve ouvir para se não perder !...

— Ah ! porém eu comprehendi tudo.

— Tudo ?... talvez ; porém não respondeu nada.

— Eis a minha resposta ; disse a viuva.

E offerecendo a Henrique sua mão direita, accrescentou, abaixando os olhos e com voz commovida :

— Eil-a aqui.

O mancebo apertou aquella mão delicada e bella com ardor e entusiasmo, e com os olhos humidos de lagrimas de prazer, disse :

— A'manhã virei pedil-a a seu pai !

— Venha... eu o espero : respondeu a viuva.

Os dous entrãrão na sala ebrios de alegria e de amor.

A musica viva e animadora de Straus tinha feito voltar á sala mais alguem, que d'ella estava ausente.

Pouco tempo depois que Celina havia subido para seu quarto, deu Mariquinhas por falta da amiga, e adivinhando onde a acharia, correu ao segundo andar.

Quando entrou no quarto da Bella Orphã não pôde reter um pequeno grito de susto :

Celina estava meio deitada em seu leito, e com o rosto coberto com um lenço chorava tristemente ; seus cabellos se haviam desatado, e cahião-lhe espalhados sobre o lindo collo.

Escutando o grito de Mariquinhas, tirou o lenço dos olhos, e sentando-se, perguntou agitada :

— Quem é?...

— Sou eu, D. Celina ; disse Mariquinhas aproximando-se ; sou eu, que te venho perguntar o que querem dizer essas lagrimas.

A Bella Orphã passou a mão pela frente, e respondeu tristemente :

— Já te não disse, que não estava boa?... é a minha cabeça que soffre.

Mariquinhas olhou para a amiga por algum tempo, e depois tornou-lhe assim :

— Sou alegre, D. Celina, tu me chamas maliciosa. D. Felicia diz que eu sou ligeira, e que não tenho juizo ; mas olha, o que eu sei, é que sou tua amiga.

— Eu te creio, D. Mariquinhas.

— Pois bem, sabe que comprehendo alguma cousa de tua dôr... não adevinho tudo, mas alguma cousa eu sei.

— Que queres dizer ?

— Que não é a tua cabeça que está soffrendo.

— Então o que?...

— E' o teu coração.

— D. Mariquinhas !

— Basta : por agora nem mais uma palavra : deixa-me arranjar teus cabellos... teremos tempo para conversar qualquer d'estes dias.

— Mas eu...

— Silencio : enxuga as tuas lagrimas : que precisão

ha de que saibão lá em baixo que tu choraste?... sabes?... perguntar-te-ião, ou quererião adivinhar porque.

A Bella Orphã abaixou a cabeça, e Mariquinhas começou a endireitar-lhe o cabelo.

— Quando acabava esse interessante trabalho, soárão em baixo os primeiros compassos da valsa.

— Ouves?... disse Mariquinhas.

— Sim; ouço.

— Pois vamos descer.

— Para que?...

— Para dansar.

— Eu não dansarei hoje.

— Oh! tornou Mariquinhas; mas é necessario dansar, é necessario rir, é necessario fingir; porque a moça que não finge, soffre muito n'este mundo que morde.

— Oh! que mundo!...

— Vamos.

— Espera: olha bem para mim: poderão descobrir nos meus olhos que eu estive chorando?...

Mariquinhas olhou de perto para Celina, foi aproximando o rosto, deu-lhe um beijo, e disse:

— Teus olhos brilhão... as lagrimas estão no coração. Descêrão as duas amigas.

Quando, deixando a janella, em que havião conversado, Marianna e Henrique tornavão á sala, Celina e Mariquinhas apparecião tambem.

Erão dous amores que entravão ao mesmo tempo: o primeiro trazia a esperanza nos olhos, e o segundo um tormento no coração.



### III

#### Candido

Na noite dos annos da Bella Orphã, foi a velha Irias uma das primeiras pessoas que reparou na ausencia de Candido.

Depois de esperar inutilmente vêl-o entrar de novo na sala, perguntou por elle, e soube com espanto que se havia retirado.

Receando que algum incommodo grande e imprevisto tivesse sobrevindo a seu filho adoptivo, despedio-se dos donos da casa, e deixando o Céu côr de rosa entrou no Purgatorio-trigueiro.

Subio ao velho sotão, a porta estava fechada : bateu em vão primeira, segunda e terceira vez.

Espantada d'aquelle silencio que no sotão reinava,

desenhando-se em sua imaginação já um grande infortunio, Irias gritou com força :

— Candido! meu filho!... Candido!...

Ouvio então os passos de alguém que da porta se aproximava, e Candido respondeu :

— Ide socegar, senhora; não tenhais receio algum pelo meu estado... não estou doente.

A voz do mancebo tinha uma não sei que de assustador.

— Abre! disse a velha.

— A'manhã, senhora.

— Abre! eu quero que abras.

— Eu preciso de repouso.

— Abre!

— Perdoai-me... mas esta noite não posso obedecer-vos.

— Abre, Candido! exclamou a velha; abre em nome da mulher que te concebeu... abre em nome de tua mãe.

O mancebo pareceu hesitar ainda : mas logo depois deu volta á chave, e a porta abriu-se.

— Acertastes! disse elle; d'hoje ávante tudo por minha mãe... tudo... e só por ella.

Irias ficou extatica diante de Candido.

Não era mais aquelle moço pallido, melancolico, abatido e fraco : seus olhos brilhavão de ardentes, suas faces estavam rubras, seus labios ás vezes convulsos, havia em todo seu semblante fogo e vivacidade; mas de sua fronte cahião gotas de suor, e em seu aspecto, e em seus modos notava-se a agitação, e esse excesso de vida que acompanha os febricitantes.

— Que é isto?... que tem?... bradou Irias agarrando-lhe no braço :

— Quereis dizer que nunca me vistes tão bello, não é assim, senhora?... respondeu o mancebo com um rir convulsivo, que fez estremecer a velha.

— Candido!...

— Pois então?... não e melhor assim?... não estou mil vezes mais bello com este meu rosto enrubescido, com meus olhares flammejantes, com este ardor e este fogo, em vez de todo aquelle gêlo antigo? oh! applaudime!... batei palmas?... eu triumpho!... sou feliz!...

Uma risada nervosa terminou a delirante exclamação de Candido.

A velha, que tinha entre as suas segura a mão do seu filho adoptivo, disse com força :

— Tu não estás bom... tens febre; eu vou chamar um medico.

De um salto collocou-se o moço diante da porta, e respondeu.

— Aqui não entrará mais ninguem esta noite : para que um medico?... o que é um medico?... é o homem da vida, é o homem que deve esforçar-se para prolongar o mais possivel a nossa existencia, é o inimigo da morte; pois então para longe!... a vida é sómente uma longa cadeia de tormentos : suas duas unicas realidades a definem com um gemido; porque o homem geme quando nasce, e geme quando morre; portanto aquelle que tem por officio estender esse longo apparelho de torturas, é um tyranno. O medico é um homem máo... nada de medico!

— Meu filho!...

— Não! não! eu não sou vosso filho, sabeis?... não quero que me chameis por esse nome... é um direito sagrado que usurpais! devo-vos muito, não é isso?... pois bem, tomaí todo meu sangue... ou melhor, séde a senhora de meus dias : trabalharei emquanto viver para vos sustentar; serei vosso escravo, e ainda assim morrerrei confessando que vos fico devendo muito; mas ah! não me chameis vosso filho! d'hoje ávante está isso decidido... não me chameis vosso filho!

A velha começou a chorar. Candido, que passeava a largos passos por toda a extensão de seu quarto, escutou enfim um soluço da pobre Irias; correu para ella, e achou-a sentada em seu leito, desfazendo-se em lagrimas.

— Vós chorais?... perguntou elle; que querem dizer essas lagrimas?... não confessei já que vos devia tudo?...

— Oh! não! não! vós não me deveis nada, respondeu a misera velha.

A voz de Irias trazia o accento de tamanha dôr, que abriu o coração do mancebo a seus naturaes sentimentos: esquecendo de subito os tormentos que o fazião desarrazoar, cahio aos pés da velha, e de joelhos, abraçado com elles, exclamou:

— Perdão! mil vezes perdão, se vos offendi! amaldiçoada esteja a minha alma, fechadas lhe sejam as portas do céo, senhora, se uma só vez concebeu uma só idéa que pudesse ser inspirada pela ingratidão a vossos beneficios. Vós tendes sido tudo para mim! ahi n'esses vossos peitos eu bebi o leite da vida... fostes quem ganhou o meu primeiro sorriso infantil! vós ereis pobre, não tinheis senão um pão, e me déstes metade d'esse pão! e me déstes vosso coração todo inteiro!... perdoai-me! perdoai-me!... que hoje depois de tanto soffrer, seria demais para mim a convicção de ter movido vossas lagrimas! perdoai-me!...

A velha e o moço abraçárão-se apertadamente, misturando o pranto que derramavão ambòs.

As lagrimas parecêrão abrandar um pouco a excitação de Candido: elle ficou, durante algum tempo, silencioso e pensativo diante de Irias, que não pronunciava uma só palavra, medrosa talvez de vêr renovar-se o desespero de seu filho adoptivo.

Finalmente foi Candido quem rompeu o silencio, dizendo tristemente:

— Eu me lembro do que disse : pedi que não me chamasseis vosso filho...

— Não fallemos mais n'isso.

— Ao contrario, devemos fallar; pois eu... eu que não quero deixar em vosso coração a mais leve duvida a respeito de meus sentimentos; pedi que me não chamasseis vosso filho... foi um desvario produzido por minha exaltação: eu vos offendi, porque não estava em mim; um remorso, que me tortura, fez-me delirar.

— Um remorso!...

— O remorso de uma grande falta que eu commetti, e da qual já comecei a receber o castigo.

— Como?... quando?... perguntou Irias.

— Desrespeitei um sentimento sagrado... quiz cultivar na minh'alma uma flôr estranha ao pé de outra flôr, que lá está plantada pela mão do Senhor Deos. Sabeis o que aconteceu?...

— O que?

— A flôr estranha está murcha... está morta, disse com voz tremula e dolorosa o mancebo; mas deixou para sempre na minh'alma o germen de um tormento horrivel... desesperado!

Os olhos e o rosto de Candido accendião-se de novo : a velha começou a recear que sobreviesse algum accidente mais grave, e ia fallar, quando o moço proseguio com voz cada vez mais repassada de dôr.

— Plantei em um vaso sagrado uma flôr humana, quiz equiparar um sentimento, que me veio do céo, com outro que achei na terra : o resultado é este : o vaso foi profanado... a flôr humana feneceu... um remorso é o que me resta d'ella.

— Candido!

— Quereis dizer que não me tendes comprehendido?... eu vos explico tudo; metade da culpa pertence-

vos tambem ; mas mal não vos quero por isso. Ouvi-me.

A velha não achou uma só palavra para dizer a Candido, que continuou a fallar.

— O amor dos pais vem do céo : é um sentimento tão grande, tão nobre, tão divino, que apesar de ser natural a todos os homens ; de ás vezes achar-se um bom filho em um máo cidadão ; o Senhor Deos desceu do céo, misturou-se com os homens, e quiz que esse sentimento fosse d'elle tambem, fazendo-se filho de uma mulher. O amor dos pais nos anima, nos consola, nos exalta, nos aproxima de Deos. Oh ! eu nunca vi meus pais, e os amei com toda a força de minha alma : quando soube que no mundo só me restava mãe, concentrei todos os raios da minha faculdade de amar n'essa mulher, que eu tenho criado na minha imaginação tão bella como um anjo. Oh ! minha mãe !... eu não tinha pensamento que não fosse d'ella ; todos os meus desejos, todos os meus sonhos de venturas relacionavãose com ella : oh !... eu pensava ser, mas não era desgraçado ! porque no meio de meus dissabores, de minhas tristes vigílias, de meus soffrimentos e de minhas privações, a imagem de minha mãe me apparecia bella... amante... carinhosa ; e, contemplando essa imagem, eu esquecia todos os meus infortunios : eu era pobre no mundo, mas com o meu coração rico d'este amor, eu gozei muitas vezes delicias indiziveis ; porque, quando eu me engolfava em bellas phantasias a respeito de minha mãe, quando me sentia redobrar de amor por ella, oh !... parecia-me vêr lá de cima, do céo, o Senhor Deos sorrindo-se para mim, mandar-me um anjo murmurar-me aos ouvidos — abençoado !...

— Abençoado !... repetio a velha enxugando com a face dorsal da mão, duas grossas lagrimas que dos olhos lhe cahirão.

— Não é verdade que eu deveria contentar-me com esta suprema felicidade que gozava; felicidade que não ha ouro que a compre!...

— Oh! sim! sim?...

— Pois o coração do homem é uma fonte de insaciavel ambição; o homem é tão ambicioso de riquezas, de honras, e de empregos, como de affeições: eu perdia-me, porque sou como todos os outros.

— Como? que queres tu dizer?...

Candido passou a mão pela fronte e proseguio:

— Da fresta d'aquella janella vi uma mulher de quem eu não podia ser filho, e que eu amei tanto quanto amava e amo a imagem de minha mãe!...

— Que importa?...

— Que importa!! pois não é um sacrilegio igualar o sentimento da terra com um sentimento que foi digno de Deos?! oh!... pois não é uma ingratição inqualificavel amara uma mulher, a quem nada devemos, que muitas vezes nos não paga o nosso amor, que outras vezes é mesmo indigna de ser amada: e amal-a tanto quanto amamos aquella que padeceu por nós horriveis trances, aquella, cujo sangue é o nosso sangue?! é sacrilegio, senhora, e é ingratição. Eu fui sacrilego e ingrato!

— Candido!...

— Esqueci tudo por uma criança de dezeseis annos, que ao romper de uma aurora descobri por entre as flôres d'aquella jardim: o momento que bastou para vê-la, começou a pesar em meu coração tanto quanto até então tinha pesado minha mãe. Esqueci minha pobreza, não me lembrei que ahi por esse mundo um pobre é um ente á parte, que não deve comer á mesa com os ricos, que não deve amar a quem tem mais do que elle... esqueci tudo... de minha mãe, comecei a lembrar-me menos; no altar da minha alma colloquei duas santas...

e quando orava, já não orava só por minha mãe!... fiz mais : deixei o silencio de meu quarto, fui tomar parte nas festas de gente que não era pobre como eu ; rirão-se talvez de mim mil vezes em cada noite!... eu diverti-os : cantei, para que me tolerassem ali... curvei-me... abaixei-me... e nem assim me tolerarão.

— Candido !...

— A culpa foi tambem vossa, exclamou Candido; quem vos inspirou o fatal pensamento de ir patentear o estado do meu coração áquella criança?... porque viestes tirar d'aqui os versos que eu escrevia em minha loucura?... oh!... es-aqui a vossa e minha obra!... sabeis como elles me tratarão?... não sabeis?... tiverão piedade de mim : despedirão-me, e não me mandarão correr pelos escravos : oh ! forão piedosos ! respeitárão a linha com que, em seus tratos e modos, distinguem um pobre de um cão!...

— Candido!... é possível o que estais dizendo?...

— Pensais que eu me lastimo!... continuou o mancebo; pois já não confessei que era um castigo? julgais que me resta algum resentimento?... não : é um remorso o que me resta !

— Oh ! não é isso, exclamou Irias ; não é isso o que te quero perguntar ; o que eu desejo é saber se tu zombas, se estais em ti, se não inventas?...

O mancebo rio-se com um rir terrivel.

— Elles despedirão-te?...

— Como a um pobre se despede.

— Elles?... ella?!!

— Porque vos admirais?...

— Ella te ama.

Candido tornou a rir-se mais terrivelmente ainda do que ha pouco.

— Ella te ama ! repetio com accento de profunda convicção a velha Irias.

— Não ! bradou o moço ; não, e não ! se é uma consolação que pretendeis derramar na minha alma, minha alma rejeita uma consolação em que não póde acreditar.

— E' uma verdade, o que eu digo... uma verdade que o futuro te ha de demonstrar.

— Então vós vos enganais, senhora ; estais ainda menos adiantada que eu no conhecimento d'este mundo, onde tendes vivido tres vezes mais do que o desgraçado que adoptastes.

A velha fez com a cabeça um movimento de impaciencia, e ia fallar.

— O que é, continuou Candido sem querer ouvir Irias, o que é, que vos prova o amor d'essa moça?... o que?... não ordenar que me lançassem fóra de sua casa no momento mesmo em que tivestes a imprudencia de lhe declarar o meu amor?... soffrer que eu para ella algumas vezes olhasse, e algumas vezes tambem ter olhado para mim?.. engano e illusão, senhora?... essa mulher é como as outras : a mulher se apraz de merecer o amor, a admiração da criança, do moço e do velho ; todos elles incensão o amor proprio, a vaidade mesmo, que é a corda mais vibrante do coração da mulher ! amai-me ! admirai-me ! diz ella ; porém pagar esse sentimento que querem inspirar com outro sentimento igual, é mui diverso do que isso : quem confunde amor com vaidade dirá tambem, como vós dizeis, que eu fui amado pela neta de Anacleto.

— Então esse amor entra por ventura na ordem dos impossiveis?...

— Dos impossiveis absolutos não ; porém no pé em que se acha a sociedade, entra na ordem dos impossiveis moraes.

— Como?... meu querido Candido, que te falta para ser amado?...

— Falta-me aquillo que é hoje no mundo a primeira das virtudes; a *virtude* que encanta homens e mulheres; que abre-nos a porta dos empregos e das honras; que abre-nos corações ao amor... falta-me a *virtude* a quem se está rendendo um culto idolatra; falta-me a riqueza.

— Oh!...

— Pois então?... aquella mulher não tem olhos para vêr que eu sou pobre, e vendo-o, não tem intelligencia para comprehender que amar um pobre é uma loucura? . . ella fez o que devia.

— Desvairas...

— Não; estou calmo : fallo com a frieza da razão : a mulher é vaidosa sempre, quer ser amada, admirada por sua belleza e por seus vestidos : quer para seu marido um homem em alta posição para elevar-se ella tambem; quer estar de alto, coberta de sedas e de brilhantes, deslumbrando os homens, e sendo invejada, pelas outras mulheres : no casamento, isto é tudo, e o amor é quasi nada : e a mulher, que isto consegue, lá vai... incensada... feliz... deslumbradora... invejada... ainda que seu marido seja um ente abjecto e estúpido; que abjecto!... que estúpido!... não ha abjecção, nem estupidéz onde ha riqueza : os altos funcionarios, que nunca estão em casa para receber o artista de merito, o velho soldado, e o honrado servidor do paiz, o estão sempre para ir ajudar a descer da carruagem o millionario analphabeto. Que querieis que fizesse a mulher?... esqueceu a missão do céo; ornou-se com os prejuizos e as douradas vilezas da terra... embora... o mundo bate palmas!...

— Isso não é falso; mas é exagerado, respondeu tristemente a velha Irias.

— Oh! não... é a propria verdade, mal pintada ainda : perguntai a todos os que soffrem perguntai a vós mesma : a sociedade não tem pejo!... hoje despreza um moço humilde, sem educação, que vive em miseria, e que para viver se sujeita a trabalhar como um escravo, e que por isso mesmo é indignamente ridicularisado; bem... ámanhã esse moço, que comprehendeu a época em que nasceu, enxergou... descobriu um meio que lhe offerece immensos... incalculaveis lucros; mas esse meio, sim, é que é deshonesto; é que desdoura, é que rebaixa o homem diante da moral e da propria consciencia... que importa?... o moço aproveitou-o... foi feliz : e depois d'amanhã, senhora, quando o moço sahe no seu bello carro, os grandes da terra, os nobres, os ministros e todos emfim o saúdão respeitosos, e vão depois festejal-o... curvar-se diante d'elle!... isto é mentira ou verdade?...

A velha guardou silencio.

— Não se zomba senão do pobre: não se ridicularisa senão a elle : dizei, porque é que sois o alvo de uma zombaria desprezível?... porque foi que vos lançarão uma alcunha insultuosa?... porque é que quando passais, a gente que vos vê se sorri, e vos maltrata, lançando sobre vós um epitheto affrontoso?...

— Porque eu sou uma triste mulher velha; respondeu Irias.

— Não, senhora; é sómente porque vós sois uma triste mulher pobre.

— Embora... embora; isso porém não me tira do meu pensar : a Bella Orphã te ama.

— Pois bem, ficai-vos com o vosso pensar.

— E eu hei de provar-te que tu te enganas com ella; e serás tu o primeiro que me virás confessar a injustiça que lhe estás fazendo.

— Será difficil.

— Frequenta com mais assiduidade o Céu côr de rosa...

Candido, que já se achava mais socegado, tornou-se de novo rubro de despeito e vergonha.

— Eu não irei lá mais nunca!... exclamou.

— Mais nunca?...

— E se lá tornasse merecia que me lançassem longe da porta como a um cão.

— Candido!...

— Eu não irei lá mais nunca! repetio com vehemencia o mancebo.

. . . . .

E estava cumprindo á risca o seu proposito; dous serões havião já tido lugar depois da noite dos annos de Celina, e Candido tinha faltado a ambos.

No começo da noite, que se seguiu á do segundo serão, achava-se Candido descansando no sotão do Purgatorio-trigueiro, quando a velha escrava de Irias lhe annunciou o Sr. Anacleto.

---

## IV

### A moça e o velho.

O viver da Bella Orphã estava soffrendo notaveis modificações.

Desde que Candido deixára de apparecer no Céu côr de rosa, tornou-se mais constante e profunda a melancolia da moça.

De ordinario escondida no seu quarto, Celina comparava seus curtos dias de um amor nascente, com aquelles que estava passando de anciedade e de duvida, e consequentemente misturava saudades com lagrimas.

Os pezares d'esta ordem são mil vezes mais fortes e crueis na mulher, do que no homem : porque a sociedade impõe á mulher o dever de calar, e o homem póde sem córar desabafar-se contando-os, derramando-os n'alma de um amigo : ella portanto concentra a sua dôr,

revolve-se n'ella, devora-a em silencio, o que dóe mais certamente.

Succedia isso a Celina : apezar da amizade com que sua tia a tratava, não podia a moça esquecer-se da differença da idade que havia entre ella e Marianna, e por isso, ainda quando pretendesse confiar a alguém os seus pezares, não se animaria nunca a escolher a viuva para confidente.

Em resultado a Bella Orphã fugia de tudo, e de todos para viver com seu segredo, para pensar sómente n'esse amor que tão sem sentir lhe nascêra no peito.

Todos os seus antigos e mais preferidos entretenimentos estavam esquecidos : o piano não mais se abria, as musicas descansavão, os livros tinhão sido aborrecidos ; porque tambem ás vezes a pobrezinha, pretendendo vencer-se, tomava um romance, lia uma pagina inteira, e no fim d'ella, conhecia que lhe era preciso lêr outra vez, porque sua attenção se distrahira : mas a leitura se repetia uma e dez vezes e o resultado era sempre o mesmo : ella lia apenas com os olhos... com o pensamento não podia.

Era melhor não lêr.

Um unico de seus antigos costumes conservou intacto : ao romper da aurora ia sempre ao seu jardimzinho colher un hotão de rosa... quem sabe se elle a observava occulta atrás da janella ?

Era sempre uma esperança... a de ser vista assim tão abatida e tão triste.

Até o velho Rodrigues perdera com as mudanças do viver da Bella Orphã ; as séstas não se renovárão mais : e elle nem ouvia a doce voz de Celina, nem podia, acompanhado por ella, entoar suas balladas e antigos romances.

Foi indo assim a moça admirada de que ninguem, nem

seu avô, nem seu tia, dissesse uma só palavra notando a ausencia de Candido, até que chegou a noite do segundo serão, depois da de seus annos.

O moço do Purgatorio-trigueiro faltou a esse, como tinha faltado ao primeiro.

A afflicção da Bella Orphã subio de ponto : ella conheceu que já tinha tantos pezares no coração, que poucas erão as lagrimas que derramava em segredo, para esvasial-o ; conheceu, que lhe era absolutamente preciso, para ser consolada, fallar a preço mesmo do que soffreria seu pudor de virgem.

Lembrou-se de uma sua amiga.

No fim do serão chamou Mariquinhas de parte, e disse-lhe :

— D. Mariquinhas, no ultimo serão vossê me havia dito que teriamos tempo de conversar sobre alguma cousa, em qualquer dos dias que se seguissem...

— Ah ! é verdade : respondeu a amiga.

— Então?

— Eu pedirei a meu pai que me deixe vir passar um dia contigo, D. Celina.

— Olha, depois d'ámanhã é domingo.

— Pois sim.

— Queres que eu peça a teu pai ?...

— Não... elle me estima muito para me negar esse prazer.

— Então eu te espero...

— Depois d'ámanhã.

As duas amigas separárão-se.

No dia seguinte, e na hora em que a Bella Orphã tinha por costume ir cantar, e ouvir o velho Rodrigues, estava Celina encerrada em seu quarto e toda entregue a suas meditações.

— E'-me preciso fallar, pensava ella : não se póde

viver assim em silencio com a alma cheia de angustias, e condemnada a não soltar um só gemido. Os homens tem o direito de chorar bem alto!... quando se diz o que se está padecendo, parece que o mal abranda um pouco...

Ella pensou alguns instantes, e proseguio :

— Seguramente aquelles que escrevem, os poetas em primeiro lugar, devem achar bastante consolação escrevendo : esses sim, não tem necessidade de um seio, onde depositem os seus pensamentos, seus segredos, e suas dôres : elles tem uma amiga fiel e mais condescendente que nenhuma outra na sua penna ; quando soffrem, escrevem, dizem o que tem no coração ; exaltão-se, eternisão suas penas, suas desgraças, e n'essa mesma eternidade achão um grande lenitivo para sua dôr. Um poeta!... se elle ama, elle o diz nos seus livros, faz do que se passa em sua alma um romance ; está dizendo que ama, e a quem ama á face do mundo inteiro. e ninguém comprehende o bello segredo que está derramado em todas as paginas de seu livro, senão a pessoa que elle quer que comprehenda !... oh !... se eu fôra poetisa ! ! ! !

E proseguio ainda :

— Um poeta ! ! ! um homem excepcional... o genio tem por força em si alguma cousa de divino ; assim como o Oceano é no universo o que poderia dar a idéa do infinito, se a idéa do infinito se podesse dar ; o poeta arremedaria o poder da divindade, se esse poder chegasse a ser arremedado : porque o poeta cria tambem o seu mundo, o seu universo ; levanta palacios, e abre cavernas ; desprende as tempestades, e faz bellas auras... oh !... que riqueza ha ahi tão rica como a imaginação de um poeta !... oh ! se eu fosse poetisa !...

Respirou alguns instantes, e continuou :

— Se eu fosse poetisa... não precisava tanto; se eu pudesse ao menos escrever algumas paginas, que eu mesma não me fatigasse, lendo-as, ao chegar ao fim da primeira... oh!... que felicidade!... eu havia de pintar o estado do meu coração... exhalar meus tormentos e minhas saudades nas paginas do meu livro... escreveria com lagrimas; porém depois, que consolação!... eu beijaria minh'alma nas minhas letras, beijaria meus olhos nas minhas lagrimas...

Celina hesitou um momento, e depois disse :

— Quem sabe?...

Ficou pensando ainda :

— Não... não eu não escreveria nada, que merecesse ser lido... iria descorar o quadro, que existe traçado no meu pensamento... mas em summa, ninguem havia de lêr, o que eu escrevesse... era um livro, que depois de acabado, eu lançaria no fogo... oh!... se eu pudesse escrever...

Ella tornou a hesitar, e depois disse como da primeira vez :

— Quem sabe?!!

A moça pensou ainda... parecia lutar entre um grande, um nobre desejo, e um receio, que, apesar de pueril, podia muito no seu animo : emfim o nobre desejo triumphou.

A Bella Orphã ergueu-se do leito, onde estava recostada, foi primeiro observar se sua tia estava no visinho quarto... Marianna dormia.

Tomou então todas as disposições para escrever, e sentando-se junto de uma mesa, começou a trabalhar.

O fructo das inspirações d'aquella virgem de dezeseis annos devia ser cheio de pensamentos innocentes e puros : era talvez como uma flôr, que derrama na solidão perfumes agradaveis e leves.

Ao terminar a primeira pagina, a Bella Orphã parou de repente ouvindo a voz do velho Rodrigues.

O guarda-portão do Céu côr de rosa cantava, sem duvida no fundo do alpendre, un romance já conhecido de Celina.

- « Era um dia um mancebo qu'ardente
- « Pobre vida esquecido vivia,
- « E uma virgem formosa, innocente,
- « Qu'outra igual não se vio, não se via.
- « Quem separa o ardo da belleza ?...
- « Um abysmo fatal : -- a pobreza.

O velho Rodrigues parou no fim da primeira estrophe do romance.

Celina, que havia interrompido o seu bello trabalho para ouvir a voz do guarda-portão esperou debalde, que elle proseguisse, durante algum tempo.

Suppondo emfim, que o velho Rodrigues não proseguiria em seu canto, tomou outra vez a penna, quando a voz de novo se fez ouvir :

- « O mancebo a donzella adorava ?...
- « Quem o sabe ?... ninguem d'elle ouviu.
- « Em seu peito esse amor sepultava,
- « Se o amor em seu peito nutrio,
- « E se amava, era triste esse amar ;
- « Era um mudo e terrivel penar.

O canto, como antes succedêra, parou no fim da estrophe.

— Que quererá isto dizer ? perguntou a si mesma a Bella Orphã ; porque é que o velho Rodrigues canta e se

suspende no fim de cada estrophe?... esta é a hora em que mutuamente nos faziamos ouvir : quererá elle assim lembrar-me, o que tenho esquecido?... mas porque escolheu para chamar-me, o romance que exprime um segredo do meu coração?...

A voz fez se ouvir pela terceira vez : Celina ergueuse meio agitada.

O guarda-portão do Céu côr de rosa proseguindo no seu canto, saltou pela terceira estrophe do romance, e cantava a quarta :

- « O que é feito da virgem, do pobre?...
- « Quando o dia voltar t'ô direi ;
- « Negro manto da noite nos cobre :
- « Ella dorme... mas elle... não sei.
- « E' na terra das trevas o véo ;
- « Vagão sonhos... mysterios do céu.

A voz parou como até então fizera, e a Bella Orphã, guardando apressadamente os seus papeis, sahio do quarto, desceu a escada, e entrou na sala.

Não havia ninguem ahi.

Celina sentou-se ao piano, e começou a tocar uma musica terna e melancolica.

O velho Rodrigues appareceu á porta da sala, e aproximou-se com seu andar vagaroso.

— Tinha-se esquecido de mim, senhora, disse elle.

A moça abaixou a cabeça, e respondeu :

— Tenho passado mal.

— Está doente?...

— Não estou boa.

— Acha-se hoje melhor?

— Não.

-- Talvez que n'esse caso possa a musica incommodal-a.

— Ao contrario.

— Quer cantar ?...

— Não ; quero ouvir.

— Escolha o que quizer, senhora.

— A moça hesitou ; mas emfim respondeu com a cabeça baixa :

— O mesmo romance que estava cantando ha pouco.

O velho Rodrigues começou de novo a cantar o « Sonho da virgem ».

Quando o canto terminou, a Bella Orphã deixou cahir a cabeça, e ficou pensativa.

Depois de algum tempo de silencio, o velho perguntou :

— Porque está triste assim ?

— Não sei ; respondeu a moça.

— Faz-lhe mal ouvir este romance ?

— Não ; faz-me bem.

— Mas essa tristeza deve ter forçosamente uma causa?... qual é ella ?...

— Eu não sei ; tornou a moça enxugando uma lagrima.

O velho fingio não vêr essa lagrima, e proseguio dizendo :

— Parece que a melancolia é a molestia reinante da quadra actual.

— Porque ?...

— Tenho um bom amigo padecendo do mesmo mal.

A moça não disse nada.

— Um bom amigo, que a senhora tambem conhece.

— Quem é elle ?

— O Sr. Candido.

Celina olhou espantada para o guarda-portão, mas para logo abaixou os olhos rubra de pejo.

O velho deixou que a Bella Orphã serenasse, e depois continuou :

— E' um bom moço aquelle Sr. Candido.

A moça não respondeu.

— Não pensa como eu ? perguntou o velho.

— Penso : murmurou Celina.

— Pois o infeliz moço anda agora bem triste ; e desgraçadamente com razão.

A Bella Orphã fez um leve movimento.

— Incommodo-a, senhora ?

— Não.

— Dizia pois que o Sr. Candido tinha bastante razão para andar triste... offendêrão-o gravemente...

— Sinto isso ; balbuciou a moça.

— E ha de sentir mais, quando souber que se servirão do seu nome para offendêl-o...

— Do meu nome ?... disse a moça estremecendo, e levantando ao mesmo tempo a cabeça.

— Do seu nome : repetio o velho.

— E como ? e porque ? eu não sei, eu não suspeito cousa alguma...

— Estou certo d'isso, senhora ; mas o facto é grave, e eu não sei se commetto uma imprudencia fallando-lhe d'esse assumpto.

— Não, não, falle ; eu lhe peço que falle.

— Pois bem, eis aqui o que se passou : o Sr. Candido foi politica, mas formalmente despedido d'esta casa.

— Quando ?... exclamou com traidora commoção a Bella Orphã.

— Na noite de seus annos.

— E porque ?

— Por sua causa.

— Por minha causa ?... meu Deos !... disse a moça com lagrimas nos olhos.

— Sim, minha senhora : sua tia teve com o Sr. Candido uma entrevista no jardim ; quer saber o que ella disse ? que n'esta sala zombava-se da senhora, dizendo-se que a senhora e o pobre mancebo se amavão.,.

— E' falso ?... isso não é verdade.

— E que em consequencia d'essas zombarias fôra a senhora queixar-se a ella de que seu nome estava exposto ás calumnias e á maledicencia por causa do Sr. Candido.

— Meu Deos ! Meu Deos !...

— Que a senhora fizera notar que esse mancebo, apesar de suas boas qualidades, não estava pelo estado da pobreza em que se acha, na posição de pretendêl-a.

— Oh ! mas eu não disse nada.

— E finalmente, senhora, sua tia fez comprehender ao pobre moço que a presença d'elle no Céu côr de rosa tornava-se incommoda e prejudicial á senhora.

— E elle ?... perguntou Celina.

— Retirou-se, e não voltará mais nunca ao Céu côr de rosa.

— Acreditou em tudo ? ! !

— Como não acreditar, senhora ? !...

— Oh ! e me detesta !... e julga mal de mim !...

— Não ! não ; elle ainda não soltou uma só queixa.

— E como sabe o senhor de tudo isto ?...

— Eu estava no jardim, ou perto d'elle : estava em um lugar onde podia e pude observar quanto se passou.

— Oh ! e então porque não jurou, porque não disse a esse mancebo que era falso tudo isso que avançarão contra mim ?...

— Eu lh'o disse, senhora.

— E elle ?

— Não quiz crêr-me.

— Sim ! sim ! e tinha razão ; exclamou por entre la-

grimas a Bella Orphã ; tinha muita razão !... quem poderia suspeitar que minha tia levantasse contra mim uma tão grande calumnia ? ! que quer dizer isto, meu Deus ?... que mal tenho eu feito ? .. que significa esta intriga !... oh ! e que juizo estará fazendo de mim esse nobre moço ? - como não terá elle amaldiçoado a hora em que pela primeira vez me vio ? ! !

— Não, tornou o velho ; elle não ha de amaldiçoal-a nunca.

— Minha cabeça arde, disse a moça sem attender ao guarda-portão : eu me perco... eu não sei o que faça ; mas é terrível que eu deixe assim vingar uma intriga .. uma calumnia que me desdoira !... não, não é possível.

E voltando-se para o velho tomou-lhe uma das mãos, e apertando-a proseguio :

— Sr. Rodrigues, eu devo-lhe amizade ; sei que me estima ; não consinta pois que tão injustamente estejam talvez praguejando contra mim : eu sou uma pobre criança... devo fazer loucuras... mas nunca me lembrei de dizer o que disserão que eu disse : vá, escute ; se não julga haver n'isso inconveniente, vá ter com esse moço, e diga-lhe da minha parte...

A virgem parou subitamente... cobrio-se-lhe o rosto de uma côr rubra, e ella estremeceu...

— Dizer-lhe o que ?... perguntou o velho.

— Nada : não lhe diga nada ; tornou a Bella Orphã com tristeza profunda.

O guarda-portão ficou olhando admirado para Celina.

— Desculpe-me, disse depois a moça : uma calumnia deve ter bastante força para exaltar sua victima, como eu ha pouco me exaltei.

— E aquelle pobre moço ?...

— Saberá um dia a verdade : no emtanto não posso

esquecer-me do que devo á minha educação : uma coisa só tenho direito de fazer...

— O que ?...

— Queixar-me-hei a meu avô, mesmo na presença de minha tia.

O rosto de Celina tinha tomado um tal aspecto de nobreza, sua voz um timbre tão forte, o seu olhar tanto fogo, que o velho Rodrigues esteve durante muito tempo olhando para ella sem dizer palavra.

— Perdôe me, senhora, disse elle emfim ; mas eu creio que não vai bem pelo caminho que pretende seguir.

— Porque ?... perguntou ella com voz firme.

— Porque, se ha intriga como suppõe, é um erro expôr-se a ella com essa franqueza que a caracteriza : os que intrigão trabalham sob o manto da noite, e para triumphar d'elles não basta a innocencia, é necessaria tambem a prudencia. Senhora, não diga cousa alguma a seu avô, nem se atraiaçõe diante de sua tia.

— Que devo pois fazer ?... perguntou a moça olhando admirada para o velho.

— Guardar silencio, respondeu este.

— Silencio ?... e até quando ?...

— Eu lh'o direi. No entanto anime-se com a certeza de que tem amigos que velão por elle... pela senhora...

E o velho accrescentou com voz insinuante :

— E que velão sobretudo pelo seu amor.

— Senhor...

— E' inutil fingir comigo... eu sei tudo.

A moça cobrio o rosto com as mãos, envergonhada e sentida.

E o velho deixou a sala, cantarolando por entre os dentes o romance da — Virgem :

« Era um dia um mancebo, que ardente...

## V

### Só.

A subita e imprevista retirada de Candido n'aquella fatal noite de annos, tinha sido um novo golpe para o coração do velho pai de Marianna.

Anacleto vira sahir da sala sua filha pelo braço do mancebo, apanhára um raio de colera dardejado contra ambos pelos olhos de Salustiano, e combinando estas observações com o desapparecimento de Candido, parecia-lhe, que sua filha, cedendo á inexplicavel influencia d'aquelle, tinha uma parte qualquer no triste acontecimento.

Muito occupado com os desgostos e temores que lhe causava Marianna, deixou passar a noite e os dous dias que lhe seguirão, sem desafiar explicação alguma.

Depois do primeiro serão, que teve lugar, passada a

noite de annos, um novo pensamento encheu a alma d'aquelle bom pai, que não teve mais tempo de lembrar-se de Candido.

Henrique viera pedir-lhe formalmente a mão de Marianna : o casamento ficára ajustado, e com geral assentimento determinou-se que se effectuaria antes de um mez.

Na noite do seguinte serão, Anacleto apresentou os noivos a seus amigos ; e então lembrou-se outra vez, que faltava na sala alguem a quem votava estima leal e bem merecida.

No outro dia chamou Marianna a seu quarto, e interrogou-a seriamente sobre a ausencia de Candido.

A viuva contava que mais cedo ou mais tarde se trataria d'isso no Céu côr de rosa, e tinha-se preparado para não atraçoar-se deixando entrever a verdade.

Respondeu a seu pai com segurança e calma : ella não sabia nada que podesse ter relação com esse facto ; sentia mesmo muito que um moço tão recommendavel assim se tivesse retirado do Céu côr de rosa.

O olhar penetrante e desconfiado do velho esteve, durante toda a conferencia, constantemente fito no rosto de Marianna, e não pôde apanhar o mais leve indício de fingimento : a verdade estava fechada no coração da viuva com uma porta de ferro.

— Estou determinado a ir ao Purgatorio-trigueiro ; disse Anacleto olhando sempre fixamente para sua filha.

— Creio que é o melhor passo a dar, respondeu ella sem hesitar.

— Devo pedir uma explicação a esse moço.

— Sem duvida, tornou a viuva ; ninguem melhor do que elle póde esclarecer este mysterio.

— Suppões que me cumpre esperar ainda alguns dias?... perguntou o velho observando.

— Ao contrario, disse Marianna, penso que meu pai deve ir fallar-lhe hoje mesmo.

— Bem... irei esta noite.

A filha de Anacleto apreciava com justeza o character de Candido para temer que elle declarasse o que havia occorrido; e sobretudo jogava ainda com a probabilidade do silencio do mancebo, porque, quando mesmo fallasse, elle contava com o extremoso amor de seu pai para ser perdoada.

Ao comecar da noite Anacleto dirigio-se ao Purgatorio-trigueiro.

Começou por conversar com a velha Irias, a quem pediu explicações a respeito da ausencia de seu filho adoptivo.

A resposta da velha Irias foi uma e unica :

— Elle está lá em cima, e melhor do que eu poderá dizer se teve razões para retirar-se.

Anacleto fez-se annunciar a Candido.

Quando o moço vinha descendo a escada, Anacleto começou a subil-a dizendo :

— Sou sem cerimonia, meu caro, e quero antes ir conversar lá em cima.

O velho e o mancebo achárão-se a sós defronte um do outro.

— Adevinha certamente o motivo que me traz aqui?... perguntou Anacleto.

Candido não sabia fingir, e respondeu :

— Talvez.

— Pois então... ia dizendo o velho.

— Mas, é melhor que o exponha o senhor, interrompeu o mancebo; é possivel tambem que eu esteja enganado, e que nossos pensamentos, que supponho reunidos em uma só idéa, se achem pelo contrario bem affastados um do outro.

-- Não ; não estão.

— Emfim, sou eu quem deverá ouvir as causas de uma visita que, em todo o caso, muito me lisóngeia.

— Meu caro, disse Anacleto, eu ponho as formalidades e as etiquetas para o lado, quando converso com aquelles de quem sou amigo ; e nós o somos.

Candido abaixou a cabeça em signal de agradecimento.

— Ou pelo menos, tornou o velho, eu o sou seu.

O moço tornou a repetir com a cabeça o mesmo signal de ha pouco.

— Deixemo-nos pois de longos rodeios, e vamos já ferir de face a questão. O senhor retirou-se de minha casa do um modo singular : de duas uma, ou alguém lá o offendeu, ou o senhor nos offende ; e, em todo caso uma explicação se faz necessaria.

Candido empallideceu a proprio pezar, e ficou pensando.

— Estuda para responder ? perguntou o velho.

Com um sorriso fraco e triste respondeu o mancebo.

— Agradeço-lhe, senhor, a delicadeza com que me trata, e o interesse que eu não mereço ; mas que, apezar d'isso, mostra por mim.

— Não se trata de agradecimentos, nem de delicadezas, é nem de interesses : o caso é simples, meu caro ; alguém o offendeu em minha casa ?...

— Ninguem : disse o mancebo, rindo-se amargamente como a pouco.

— Então como devo eu explicar o que occorreu, e está ainda occorrendo ?...

— Explique como quizer, senhor ; explique pela minha má cabeça.

— Como é isso ?...

Candido pensou alguns instantes, e começou depois a fallar.

— Eu errei em não ter agradecido, em não haver fugido de aceitar o offercimento que V. S. me fez da sua casa...

— Que!...

— Ah! senhor! eu direi tudo: invejar a ventura dos outros é um crime; mas forçar um infeliz a ter diante dos olhos e constantemente o quadro da felicidade alheia, é quasi rir de seus tormentos!

— Então. .

— Sua casa é um céu de prazeres e... de virtudes; estar porém ali um desgraçado que não póde fruir esses prazeres, e, que, se acaso tem uma ou outra virtude não a póde mostrar para ser por ella estimado, é o martyrio de Tantaló... a causa creio que foi essa; eu me retirei por isso.

— Sr. Candido, ha nas suas palavras alguma cousa que se parece com a ironia: e ha no seu coração algum sentimento que quer sahir e não póde, porque o senhor impede.

— Não... não... tudo se diz em uma palavra; eu sou infeliz, e tenho consciencia de o ser: além da realidade de meu infortunio, senhor, a natureza deu-me ambições, deu-me desejos que não posso realisar, e que por consequencia me atormentão.

— Devo fallar-lhe, com franqueza, Sr. Candido: entendendo que a sua posição na sociedade não é a melhor possivel; que seus merecimentos lhe marcavão um logar mais alto n'ella: comprehendendo mesmo que um moço pobre, que vê o mundo cheio de gozos e delicias que não lhe é dado gozar, tem até certo ponto razão para entristecer-se durante algumas horas; olhe porém á roda de si, Sr. Candido; que numero immenso de homens não está ahi diante de seus olhos com mil vezes mais razão para lastimar-se?... quantos tiverão como o

senhor a felicidade de receber uma educação proveitosa e acurada?... já não é alguma cousa a superioridade da luz do seu espirito?

O moço sacudio a cabeça, e disse :

— Já confessei que sou ambicioso : e demais, a educação agiganta as privações : o mendigo contenta-se com um pedaço de pão velho para comer, e com um capote feito em pedaços, e com a porta de uma igreja para dormir; mas o mendigo não sonha com a felicidade como sonha o moço que estudou, e que tem imaginação e ardor. Não é ouro o que eu desejo senhor... a riqueza que eu peço a Deos não é de metal, nem de bilhetes do banco ; a minha riqueza é a do coração : se muitas vezes fallo com amargor do poder do dinheiro, é porque me revolto quando vejo a cima do talento, da honra e do merito o ouro ! mas não é o ouro que eu ambiciono.

— Não o comprehendo, disse Anacleto.

— O que me acanha, o que me obumbra, o que me faz nascer desejos de fugir para essas florestas virgens de minha patria, é a pobreza de affeições em que vivo : ah ! Sr. Anacleto !... eu sou o ultimo, o mais miseravel mendigo dos melhores amores ?...

— Que quer dizer ?

— Pois então ? como é que um homem como eu não ha de sentir apertar-se-lhe terrivelmente o coração, quando, comparando-se com os outros homens, se acha o somenos de todos elles ?... pois não ha de doer-me o aspecto da felicidade de uma familia, comparado com o meu isolamento ?... Em sua casa, em toda a parte onde ha homens e mulheres, eu vejo um moço brilhante de mocidade, de talento, de ardor e de ventura ; pensa que é isso o que eu invejo ?... não ; tambem sou moço, tenho tambem alguma intelligencia, e tambem fogo no coração ; o que eu invejo é o olhar de genio bemfeitor, é o

olhar de benção, senhor, com que um velho pai se revive n'aquelle moço; é o carinho, a doçura angelica com que uma terna mãe o festeja; é a doce amizade com que uma boa irmã o abraça; e então, senhor, quando eu penso que nunca cheguei a gozar, nem gozarei um olhar assim de um bom pai, nem um carinho de mãe, nem uma meiguice de irmã, não é verdade que tenho bastante razão para considerar-me desgraçado?... não é verdade o que eu digo? não sou eu o ultimo, o mais miseravel mendigo dos melhores amores?...

— E o remedio agora, meu pobre Candido?! disse Anacleto meio commovido.

— Remedio para curar radicalmente a minha dôr não ha nenhum; para minoral-a é a solidão, é o retiro: aqui, senhor, no fundo d'este quarto eu não vejo essas scenas de felicidade domestica, não tenho ao vivo diante dos olhos o quadro d'aquillo que em vão desejo: ficarei pois aqui, senhor, emquanto esta boa velha carecer de meu braço: desde o momento porém em que ella fechar os olhos, o meu destino é outro.

O moço respirou, e proseguio:

— Não conheci meus pais; minha mãe é a natureza; pois bem irei viver onde a natureza é mais bella, irei adoral-a nos seus mais vivos encantos: aborreço a sociedade dos homens: o campo... o valle... a montanha... os precipicios.. a floresta virgem... o rio caudaloso é um espectaculo bem bello!... ah! sim! o campo... o valle... os precipicios... a floresta virgem... e o rio caudaloso são meus irmãos; tem como eu por mãe sómente a natureza.

Candido tinha-se exaltado tanto, que Anacleto deixou-o socegar para continuar a conversação que havia encetado.

— Tem ainda muito fogo, Sr. Candido, disse o velho;

é muito moço, e sua imaginação avulta os seus pezares : respeito os porque são de nobre origem ; mas tenho o direito dos annos para dizer-lhe que peccão por excessivos.

— Embora....

— Procurar ser feliz é ao mesmo tempo um dever do homem.

— Quando ha esperança.

— E quem a não tem?... quando foi que ella nos abandonou?... eis-me aqui velho e cansado... eis-me aqui á borda do tumulo com os olhos fitos em Deos, e uma esperança no coração.

O mancebo olhou para o velho.

— Sim! não se admire : uma grande esperança, e depois d'esta virão ainda outras : uma grande esperança, a de vêr feliz minha filha.

— Sua filha !!! repetio Candido.

— E então não á uma nobre esperança ?

— Bem doce !!!

— E quem lhe diz que não terá ainda uma igual?...

— Eu não : eu hei de completar o meu destino : fui arrojado do mundo com desprezo... quando abri os olhos, abri-os entre os estranhos... não conheço os meus ; eu sou — só ; — comprehenda bem esta palavra, Sr. Anacleto ; é uma palavra, um nome de duas letras que revela toda a minha historia, o meu passado, o meu presente, e o meu futuro — só ! — completarei a minha sina : farei a viagem do mundo sem um companheiro do meu sangue — só !... sempre só !...

E como se essa palavra tivesse realmente a significação que lhe elle dava, como se ella fosse a sua divisa, Candido ainda uma vez repetio com voz sonora e profundamente melancolica :

— Só ! — sempre só !

Mostrou-se Anacleto impaciente ; e, depois de coçar a cabeça por vezes, tornou :

— Não temos feito nada, meu caro : vim aqui saber a razão porque deixou de ir á minha casa de um modo tão singular ; e já temo bem retirar-me sem levar explicação alguma.

— Por ventura não tenho eu dito bastante? esse acto é filho de uma excentricidade minha.

— E no emtanto o que pensárão de nós ambos os nossos amigos ?...

— Os seus amigos podem pensar o que quizerem a meu respeito : para mim é isso indifferente.

— E para mim ?...

— O senhor lhes dirá que eu sou um louco, que me condemno a um inferno que eu mesmo tenho creado para atormentar-me : o senhor lhes dirá se quizer : « Aquelle miço tem uma cabeça desarranjada, deixa a nossa sociedade agradável... obsequiadora e feliz, pela solidão e pelo isolamento : elle quer estar só... sempre só ».

— E se eu lhe rogasse que de novo frequentasse a minha casa ?... tomaste parte nos nossos prazeres ?... fosse de novo um de nossos mais constantes companheiros dos serões ?...

— Eu teria o immenso pezar de não poder servil-o ; respondeu com tristeza indizível o moço.

— Paciencia, disse Anacleto ; resta-me ao menos a convicção de que nunca o offendi voluntariamente, e que fiz tudo o que estava de minha parte para provar-lhe a estima em que o tenho.

O velho ergueu-se pezaroso e quasi resentido.

Candido apertou-lhe a mão com ardor, e disse :

— Não me desestime por isto... creia que, o que faço, é o que devo fazer : creia que, o que eu disse, é o

que eu devia sómente dizer.,. e o senhor, que é um dos poucos homens, cuja mão me tem sido offerecida com lealdade e franqueza, sinta por mim antes piedade do que resentimento.

— Serei o mesmo sempre; respondeu o velho dispondo-se para sahir.

— Uma palavra ainda.

— O que?... perguntou Anacleto.

— E' um novo obsequio que lhe quero pedir. Provavelmente minha ausencia tem admirado tambem a sua familia.

— Sem duvida.

— Eu lhe rogo que em meu nome lhe offereça minhas desculpas, e em particular á senhora sua filha: quizera que ella tivesse conhecimento da obsequiosa visita que recebi; do que se passou entre nós, e do que emfim julguei dever responder, explicando o meu procedimento.

O velho olhou para Candido como desconfiado do motivo d'esta ultima recommendação.

— E a ella, e a todos, senhor, que possam mostrar-se curiosos das causas de minha irrevogavel resolução, poucas palavras bastão para explical-a; e para arredar de sua pessoa e de sua familia a menor suspeita de uma offensa ainda involuntaria feita a mim, é de sobradizer: « elle completa a sua sina — só... sempre só — ».

---

## VI

### Duas amigas

Era na tarde do domingo.

Anacleto e Marianna, obrigados a ir fazer uma visita de etiqueta, tinham acabado de sair para voltar antes de duas horas.

Celina e Mariquinhas subirão ao segundo andar, e entrarão no quarto da primeira.

Sentárão-se defronte uma da outra, junto da pequena mesa sobre a qual escrevêra a Bella Orphã no dia antecedente.

Estavão ambas as moças vestidas de branco, e erão ambas muito bonitas; Celina porém mostrava-se meio perturbada e confusa; apoiou o cotovello na mesa, descansou o rosto na face palmar da mão, e fechou um pouco os olhos como se quizesse dormir.

Era Mariquinhas tres annos mais velha que a Bella

Orphã, tinha dezenove annos ; mas dera-lhe a natureza com um genio alegre e brincador, com uma tendencia para faceirice e ambição de agradar, tanto talento, tanta viveza e tão fino instincto para viver no mundo e conhecê-lo, que pouco mais de quatro annos de vida de assembleas, de theatros e de reuniões tinham sido de sobra para ella dissecar a sociedade, e sufficientemente apreciar-a no que na sociedade ha de relativo a uma moça bonita e solteira.

Mariquinhas tinha mesmo orgulho doque ella chamava — sua experiencia : discernia com summa habilidade a simples delicadeza do galanteio, o galanteio da paixão que se improvisa, e a paixão que se improvisa do verdadeiro amor.

Com sua experiencia pois ella adevinhára que Celina estava já pagando o seu tributo de coração ; e vindo n'esta tarde ouvil-a confidencialmente, não quiz esperar que sua amiga começasse a fallar.

Conheceu que a Bella Orphã achava-se perturbada e vergonhosa ; e, querendo antes leval-a sem sentir ao principal objecto que as reunia do que começar logo a tratar d'elle, dirigio-lhe a palavra em primeiro lugar :

— Estamos aqui mais á vontade, D. Celina ; creio que ninguem nos virá perturbar...

— Ninguem...

— E' que as moças tem mais necessidade de conversar em segredo do que os homens ; creio mesmo que de cada vez que uma moça solteira falla á vista de muita gente não deixa de correr seu perigo.

— Mas porque ?...

— Ora... porque vivemos em um mundo notavel, principalmente por suas contradicções a respeito de nós outras ; dizem que somos fracas e frageis ; por consequencia não é verdade que deveria haver muita desculpa para nossos erros ?...

— Sim.

— Pois a nós é que se não perdoão tenues faltas; uma leviandade é quasi um crime: e ás vezes uma simples palavra dita com a maior innocencia d'este mundo desafia escarcéos taes, que é melhor não fallar, D. Celina.

— Oh! parece que é assim.

— Ah! os homens e as mulheres!... olha; as apparencias são em verdade todas em nosso favor: somos flôres que se cultivão, bellas estatuas que se admirão, lindas santinhas que se adorão... nas apparencias, D. Celina.

— E a realidade?

— Oh!... isso é outra cousa: os Srs. homens entenderão lá a seu modo a theoria das compensações; bem vêes que nos não podião dar tudo... guardarão, o bom para si: ninguem os chamará tolos por isso.

— E nós somos então...

— Ora... nós?... nós somos o que elles querem que nós sejamos; tambem!... olha, D. Celina, durmo todas as noites com um socego que não ha igual.

— E todavia ninguem dirá que isso se passa assim.

— Em parte nós temos a culpa.

— Como?

— Com systema, com arte, mesmo com esta nossa fraqueza, nós poderíamos, apezar de tudo, valer muito, e conservar um poder que fazemos por abandonar. Eu sou moça, mas observo; ás vezes quando me rio, estou pensando bem sériamente.

— E o que observas?... no que pensas?...

— Observo o systema de vida que seguem mihas camaradas logo que se casão, e penso que eu havia, que eu hei de seguir um outro bem diverso.

— E' um segredo que guardas para ti só?...

— Não, eu o quizera dizer a todas as do meu sexo ; ou me engano muito, ou fariamos uma revolução ; D. Celina, eu sou reformista... quero a reforma do systema domestico.

— Como é isso ?...

— Eu te vou dizer.

— Espera... disse a Bella Orphã erguendo-se ; não sentiste chegar alguem á porta do quarto ?...

— Não... mas vai vêr sempre.

— Celina chegou á porta, olhou para um e outro lado, não vio ninguem.

— Enganei-me, disse ella sentando-se de novo : falla agora, eu te escuto.

Mariquinhas começou a discorrer :

— D. Celina, eu não quero fallar de uma moça que vive pobrememente em solteira, e vai pobrememente viver depois de casada cercada de privações e de filhos : para essa, a misericordia de Deos e a virtude, e gratidão de seu marido : essa, coitadinha, já está por si mesma na posição em que mais se soffre physica e moralmente, por si e por seus filhos : eu quero sómente fallar n'aquellas que, podendo conservar-se de cima no seio da felicidade, lanção-se por terra aos pés do infortunio.

— Pois bem, disse Celina.

— Uma joven senhora, bonita, moça como tu, ou como eu, que não é rica, mas que tambem não é pobre, que teve educação, que se estima, que é delicada, e que deseja fazer-se amar : o que faz ella ?...

— O que faz ella ?... perguntou Celina repetindo a phrase de Mariquinhas.

— Encontrou um mancebo ardente, extremoso e bello ; sympatisão ambos ; fallemos agora a verdade, D. Celina, como procede a moça ? defronte de seu toucador empenha todos os esforços para se tornar mais bella, seus

cabellos estão sempre atados primorosamente... ha perfumes nos seus vestidos, fogo em seus olhos, graça em seus sorrisos, espirito em suas palavras, amor em toda ella, diante d'elle canta apaixonadamente ; para agradar-lhe estuda com fervor a musica, o desenho, a litteratura, a dança, tudo ; consegue o bello triumpho, faz de um namorado um escravo ; seus pais applaudem a escolha de seu coração... esse homem é emfim seu marido.

— E depois ?...

— Depois?... essa moça não se lembra mais que a paixão esfria... oh ! é incrível!... ella mesma trabalha involuntariamente por esfrial-a. De manhã seu marido a vê com os cabellos desgrenhados diante d'elle, erguendo-se do leito com os pés nus... o piano passa fechado mezes inteiros... o canto lhe desagrada... o desenho a aborrece, ella não lê mais, não se sorri, nem olha, nem falla, como se sorria, olhava e fallava d'antes. E, se alguém lhe lança em rosto esse metamorphose, ella responde : « Consegui o que queria, o passaro já está preso ». E a louca não pensa que o passaro que pretendeu foi o amor d'esse homem, passaro que vai fugir bem depressa.

— E' assim, disse a Bella Orphã.

— Entretanto, continuou Mariquinhas, acontece o que devia acontecer : o coração do marido espanta-se d'aquella repentina mudança ; procura vêr de novo a bella moça de lindos cabellos, de escolhidas vestes, de olhar de fogo, de espirituosas palavras, de gracioso sorriso ; e achando pelo contrario uma menina descabellada, sem graça, sem espirito, sem arte mesmo, recúa... esfria, e ás vezes desanima ; e então grita a mulher contra a inconstancia do homem : fallemos outra vez a verdade, D. Celina, o homem não tem culpa... a mulher que elle amava não é certamente essa, que então assim se lhe mostra.

— Oh ! tens razão ; é assim mesmo ; exclamou Celina.

— E depois qual é a vida que vive d'ahi por diante a esposa?... uma vida de mentiras e de fingimento nas assembléas, e de frieza ou de indiferença em casa : em casa toma a posição de criada grave de seu marido ; por suas mãos a toma : tem por prazer a costura, e por officio determinar o almoço, o jantar e a ceia : quando o marido chega da rua ralha comme elle... quando o marido sahe ralha com os escravos : d'onde lhe veio esse máo humor?... do ciúme?... acredita que já não é amada?... quem teve culpa d'isso?... ella mesma, que se fez outra.

— Continúa, D. Mariquinhas.

— Ora agora ; proseguio a moça, eu acho tão facil, tão bello, tão nobre seguir-se uma vida absolutamente opposta a essa!... uma vida que faria ao mesmo tempo o encanto do marido, e a felicidade da mulher.

— Dize... dize.

— Mesmo depois de casada, a moça não se enfeita com esmero para ir a uma assembléa?... quaes são os pensamentos, que a occupão quando ella está defronte do toucador?... dous, principalmente : primeiro, não ser sobrepujada, não parecer menos bella que as outras senhoras ; este sentimento nasceu conosco, e nos acompanhará em todas as epochas de nossa vida : o segundo, é o desejo de agradar ; porque, sem offender nem levemente sua pureza de esposa, uma senhora póde querer, e quer agradar ; pois não é, D. Celina, uma contradicção indesculpavel, um erro que custa a defender, o esmerar-se uma senhora casada em agradar, em parecer bella aos outros, e esquecer-se, e não fazer um só esforço para mostrar-se bonita aos olhos de seu marido?...

— Sem duvida ; sem duvida.

— A moça que acaba de casar-se, não tem necessi-

dade de mudar muito em suas relações com o homem, que recebe por marido ; seu melhor empenho, seu maior triumpho estaria em continuar a ser a namorada de seu esposo. Póde parecer que seja isso muito difficil ; mas eu não o creio.

— Então como ? falla.

— Porque não ha de a moça empenhar para prender seu marido, os mesmos meios de que ella se servio para encadeal-o, quando se amavão solteiros?... quando de manhã apparecer-lhe, appareçá-lhe penteada, vestida com simplicidade, mas sem negligencia, com seu vestido apertado, fresca, louçã e bella, que, ou eu me engano muito, ou ganhará um abraço de seu esposo ; gostava elle de ouvil-a cantar?... pois cante ainda, e cada vez mais aprimore sua voz : dava-lhe prazer o piano ? a harpa?... pois estude novas musicas, e em relação com o gosto do homem que ama ; e converse com elle como d'antes, meiga e pudibunda, e ao mesmo tempo amorosa ; e, finalmente, sem deixar-se cahir no ridiculo (que seria então muito peor), obrigue a seu marido a ser ainda seu namorado á força de namoral-o : seria isto um impossivel ?...

— Eu não sei ; mas, falla ainda.

— É sobretudo o pudor, D. Celina !... o pudor da senhora casada não deve differir muito do pudor de uma virgem ; de cada vez que uma esposa se veste diante de seu marido, perde um anno do fogo de amor.

— Oh ! deve ser assim !

— O amor vive de mysterios, de imaginação, de segredos, de véos, de difficuldades, de opposição e de fogo ; a realidade é fria como o gêlo, a realidade o mata ; a esposa deve apparecer aos olhos do esposo sempre pudibunda e recatada : esse pudor, esse recato, esse rosto que córa, é uma espada cujo gume não se dobra nunca ;

assim ella será sempre bella, sempre nova para seu marido, cuja imaginação lhe dirá que elle a não comprehendeu toda ainda, que o seu thesouro de innocencia é inesgotavel... e o amor não se ha de acabar nunca, se na mulher houver sempre esse pudor que arremeda o da virgem, e no esposo houver sempre esse respeito que jámais falta a um homem delicado. O rubor da face de uma moça é tudo ; uma senhora que córa ouvindo votos de amor de seu marido, não póde recear nem frieza, nem indifferença.

— Oh ! D. Mariquinhas, exclamou Celina muito sériamente, D. Mariquinhas, tu és sabia.

Escutando a ingenua exclamação de Celina, Mariquinhas desatou a rir.

— Então eu te faço rir?...

— Pois então?... não me chamaste sabia!

— Mas é que tu dizes cousas que devem ser bem verdadeiras.

— Estimo que te aproveitem.

— A mim ?

— Sim, algum dia poderão aproveitar-te.

A Bella Orphã sacudio tristemente a cabeça, e respondeu :

— A mim, não.

— E porque ?...

— Porque eu não me hei de casar.

— Ah ! queres ser freira ? tens vocação para o claustro ?  
Celina abaixou a cabeça.

— Dizem os homens que as moças tem duas maneiras muito notaveis de responder affirmativamente ; que quando abaixão a cabeça e guardão silencio, ou quando respondem simplesmente — não sei, — querem dizer que sim ; mas eu sou capaz de jurar que d'esta vez tu, abaixando os olhos, D. Celina, quizeste dizer que — não.

— Começas a gracejar?

— Não, Deos me livre; a tarde deve acabar como principiou, séria e philosophica; olha, D. Celina, ha pouco me chamaste — sabia; — agora eu digo que somos duas philosophas: quem nos ouvisse teria de achar-nos bem modestas.

— D. Mariquinhas!

— Vamos ao que importa; eu te fiz uma pergunta, e não quizeste responder-me; hei de arrancar-te a resposta á força. Fizeste ha poucos dias dezeseis annos, D. Celina; eu sou mais velha tres annos...

De repente começou Mariquinhas a rir-se muito.

— De que te estás rindo assim?

— Ora... de uma coincidencia.

— Qual!...

— Tu has de ser toda tua vida uma pobre innocentinha, e em toda tua vida precisarás de uma mestra bem complacente.

— Começas outra vez?

— Não, é verdade: lembra-te que na noite em que fizeste treze annos, aqui, n'este mesmo quarto, uma boa amiga foi tua mestra, e te explicou com bastante habilitade o que era certo sentimento, que ignoravas; o que era amor.

— Oh! que bom tempo! disse Celina suspirando.

— E hoje, n'este mesmo quarto, uma outra boa amiga tua te está dando lições de philosophia amorosa.

— Acabaste já?...

— De fallar sobre a coincidencia, acabei, mas agora vou tratar do que muito nos importa.

— Pois falla; mas não gracejes.

— Tens dezeseis annos, D. Celina, continuou Mariquinhas; és bonita, mesmo bem bonita, derão-te muitas

prendas, deves ser sensível, e por consequencia não te achas com vocação para o claustro.

— Porque ?...

Porque já sabes o que é amar um homem, porque muitos cavalheiros sem duvida já se prostrarão diante de ti, já te jurarão um amor immenso... desesperado... eterno... que ha de passar além da morte; já te declararão muito positivamente que tua indiferença é capaz de matal-os...

— Oh ! basta... que quer dizer isso ?

— Quero dar-te um conselho de amiga.

— Qual ?...

— Que não tenhas medo de que esses senhores se deixem morrer por tua causa.

— Ora D. Mariquinhas...

— Que não acredites n'elles...

— Certamente, que não.

— Escuta : quando um homem se chegar a ti e começar a fazer o elogio de tua belleza, como se fosse um poeta que recitasse um cantico, e depois a jurar amor, constancia, paixão e ardor por toda a eternidade, desconfia d'elle ; os homens que mais fallão são os que mais mentem.

— E os que não fallão?... perguntou Celina.

— Esses não dizem nada : respondeu Mariquinhas com ingenuidade.

— Ora, tornou a Bella Orphã com um movimento de desagrado, d'isso já eu sabia.

— Então o que é ?...

— Dizes que não devemos acreditar n'aquelles que fallão muito e jurão sempre : bem : e n'aquellos que de longe nos olhão medrosos... tristes... modestos... mas que nos olhão com fogo, e que abaixão a cabeça quando suas vistas se encontrão com as nossas ?

— Esses, respondeu Mariquinhas, das duas uma, ou

amão devéras, e pela primeira vez na vida, ou são peiores que todos, são hypocritas.

Fez a Bella Orphã um novo movimento de impaciencia.

— E como distinguir?... perguntou ella.

— Estudando-os em seu proceder.

Celina calou-se.

— Tu tens uma historia para me contar, disse Mariquinhas abraçando-a.

— Historia?...

— Sim : a historia de um moço triste e modesto que te ama, que nunca te fallou de amor, mas que te olha com olhos de fogo.

A Bella Orphã córou.

— Somos duas amigas... quasi de mesma idade; que pejo é esse?...

— Eu não sei.

— Falla.

— Não ouviste outra vez rumor á porta!

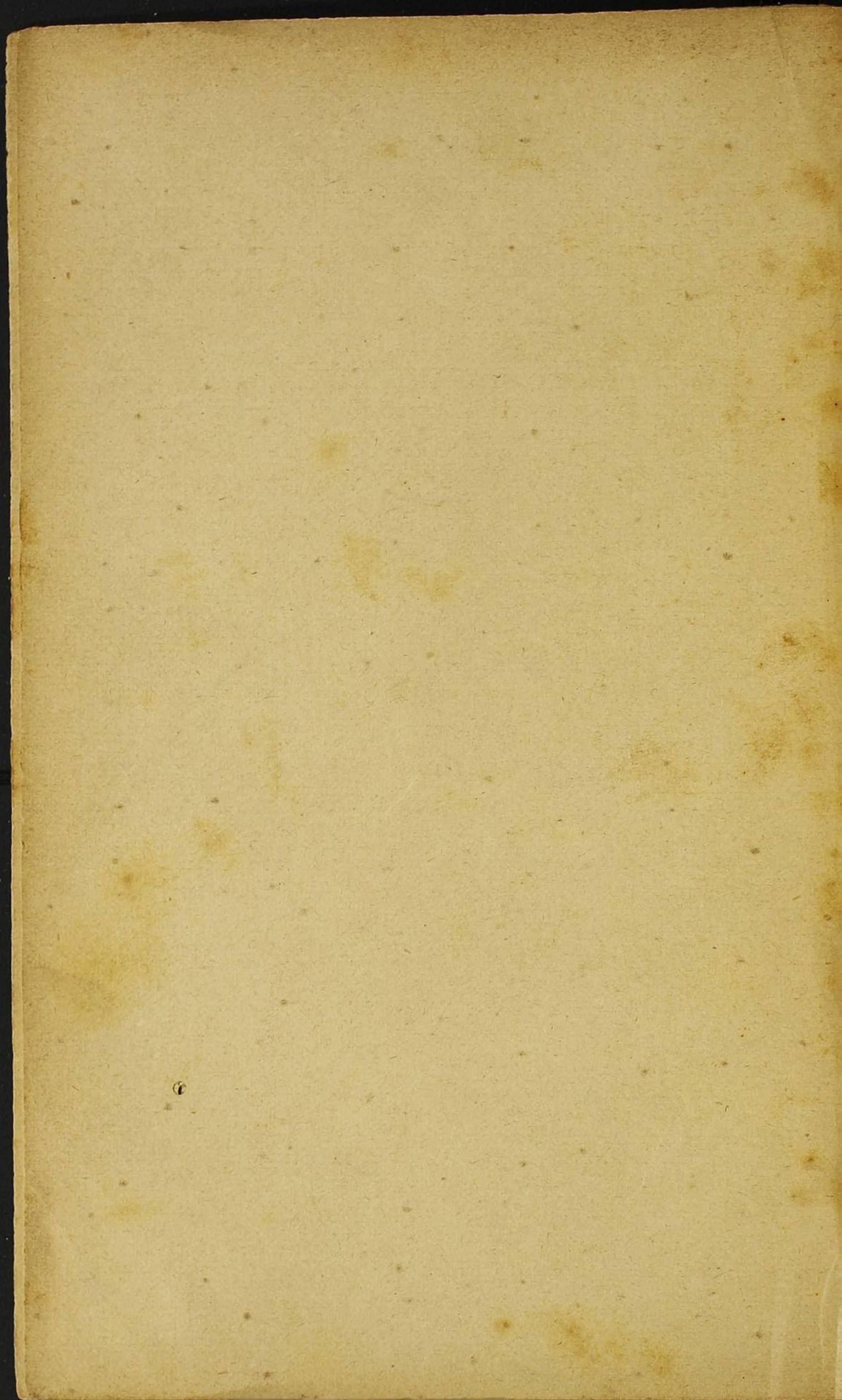
— Qual! é a tua imaginação.

— Vou vêr sempre.

— Celina foi de novo á porta do quarto; olhou para um e outro lado, e não vio ninguem.

— Falla agora.

— Ah! D. Mariquinhas! exclamou Celina cahindo nos braços da amiga; eu sou bem infeliz!...



## VII

### Confissão de amor.

Celina estava muito commovida.

— Anima-te ! disse Mariquinhas.

— Tu já amaste ? perguntou aquella.

— Agradecida pelo cumprimento, respondeu-lhe a amiga : com que, tendo eu apenas dezenove annos, entendes que já não posso responder senão pelo passado ?

— Pois bem, D. Mariquinhas, tu amas ?

— Vamos mal : eu vim para perguntar, e não para responder.

— Mas tu amas já ?

— Desconfio que sim.

— Pois sómente desconfias ?...

— E's muito simples, D. Celina.

— Porque ?

— Porque ainda não sabes que entre nós, as moças, desconfiar, n'este assumpto, é saber de certo.

— Ah!...

— E tu?

— Eu?... então se tu amas deves ter soffrido muito.

— Sim... sim... sempre se soffre mais ou menos : e tu?...

— Eu tambem.

— Conta-me isso.

— Não se póde contar o que eu soffro.

— Mas porque?

— Parece que não é nada, e é muito : é uma dôr... um desassocego... um abalo interno que se não póde explicar.

— Pois basta que me contes a historia do teu amor : farei idéa de tuas penas pelas minhas.

— Eu penso que amo...

— Sim... comprehendo... desconfias que amas.

— Mas olha. D. Mariquinhas, eu não amei por minha vontade... foi sem sentir...

— Sim... succede a todas nós isso mesmo.

— Foi pouco a pouco que esse sentimento entrou no meu coração... eu não desconfiava d'isso, aliás saberia combatê-lo...

— Debalde!

— Quando me veio ao pensamento que eu poderia estar amando... quando cahi em mim oh!... tudo foi em vão... era já muito tarde.

— Tal qual succedeu comigo.

— Chorei muito, D. Mariquinhas, chorei muito... uma noite inteira... e tu?

— Eu?

Sim; tu choraste tambem muito?

— Eu não, D. Celina.

— Mas porque ?

— Por duas razões ; primeira, porque eu desejava amar.

— E' possível?! !

— Eu fazia uma idéa muito engraçada do amor; ha porém muitas moças que pensão como eu : pensava que o amor era para uma moça o mesmo que a boneca para uma menina, um passatempo innocente, um brinquedo, que se deixa quando nos aborrece, e nada mais; por isso eu desejava amar.

— Que louca !

— Depois, eu não devia tambem chorar; não tinha de que; o homem que eu amei era, e é digno de mim.

— Certamente não foi por pensar o contrario d'isso que eu chorei, respondeu Celina córando.

— Então porque foi ?

— Tambem não sei : ficava só n'este quarto pensando... phantasiando tantas cousas... tantas cousas... depois ia, sem saber porque, tornando-me triste... triste... até que desatava a chorar.

E depois ?

— Depois que chorava, eu me sentia um pouco mais alliviada de uma dôr, que não se pôde dizer como é; continuava a pensar... a phantasiar outra vez... de novo me entristecia, e de novo chorava.

— Pobre D. Celina !...

— Olha; e nem uma só vez me tenho rido...

— Mas essa tristeza ?

— E' a um tempo muito amarga e muito doce; se me déssem a escolher uma festa, um baile, um bello passeio, uma noite de theatro, ou uma hora de solidão, de isolamento com a minha querida tristeza, eu te juro. D. Mariquinhas, que preferiria essa hora de pranto a essas noites de prazer.

— Eu comprehendo...

— Oh ! pensar n'elle, exclamou Celina, que se ia exaltando pouco a pouco ; pensar n'elle !... ter sua imagem dentro do coração, e ao mesmo tempo diante dos olhos !... estar elle ausente, e eu vê-lo ao meu lado... ouvir a sua voz tão doce ! tão meiga ! tão melancolica ! sentir o toque de sua mão que me causa um abalo indizível ; o roçar de seu vestido com os meus em uma curta passagem, que me faz estremecer vivamente... vê-lo andando garboso e engraçado ouvil-o a cantar um hymno de amor tão terno... não existir nada d'isso, e estarmos vendo e ouvindo tudo isso... oh ! é muito ! faz com que instinctivamente ergamos mãos ao céo, e clamemos : « bemdito seja Deos que nos deu a imaginação para, na ausencia, vêmos e ouvirmos assim aquelle a quem tanto amamos !... »

— Tens razão, D. Celina !

— Oh ! é sublime ! proseguio a moça ; isso é tão bello, tão encantador, tão magico, que eu fico ás vezes uma hora inteira, mais de uma hora, em contemplação, enlevada n'essas delicias, n'essas imagens, entre o céo e a terra, porque esse estar assim, esse gozo tem por força alguma cousa de celeste : e por fim, D. Mariquinhas, sem querer, sem sentir, no meio d'esse sonho de vigilia, sem soffrer dôr alguma, não sei porque mesmo as lagrimas cãhem em rios de meus olhos...

— E choras ?

— Pranto bem doce ! é bom quando se chora assim !...

— Meu Deos !

— Tu não choras nunca assim. D. Mariquinhas ?

● Nunca.

— Infeliz ! disse a Bella Orphã olhando com piedade para a amiga que a escutava admirada.

— Eu infeliz ? por não chorar ?

— Oh! sim!... porque ha certas lagrimas que dão um prazer que está acima de todos os prazeres!

— Então tu és bem ditosa?

— Não.

— Como pois? esse prazer?

— Ah! não me sacia nunca.

— E então...

— Eu sou como aquelle que está devorado por ardente febre: com fervor leva aos labios um copo d'agua... esgota-o... e de novo mata-o a sêde. Amor é tambem uma febre... não é?

— Eu já não digo palavra, respondeu Mariquinhas; estás mais adiantada do que eu.

— E' porque tu não amas.

— Mas nota que tenho observado muito.

— Engano! amor não se observa... sente-se?

— Todavia tu és contradictoria, D. Celina.

— Como?

— Começaste queixando-te de tuas lagrimas, e acabaste abençoando-as.

— E' porque nem todas são da mesma natureza: a imaginação, que não é nossa escrava, a imaginação, livre, independente, como as aves da floresta virgem, se ás vezes me offerece um quadro de esperança, de amor e de saudade, outras vezes, D. Mariquinhas, cria fantasmas que atemorisão, fantasmas horriveis que bradão a meus ouvidos... que entoão o hymno infernal, o hymno do desespero resumido em uma palavra fatal...

— Qual?

— Impossivel!...

— O som com que a Bella Orphã pronunciou essa palavra foi tal, que tanto ella, como Mariquinhas, se

deixarão ficar caladas durante algum tempo, tristes e pensativas.

No entanto serenou o ardor, que fizera Celina exprimir-se com tanta viveza, de modo que, quando Mariquinhas quiz continuar a conversação, já a achou perturbada e commovida como no principio.

— Mas, D. Celina, ainda me não disseste o que eu desejo principalmente saber.

— O que ?

— Quem é o venturoso mancebo que tanto merece de ti.

A Bella Orphã hesitou.

— Se eu não quizesse saber tambem tudo, quanto se tem passado entre elle e ti, continuou Mariquinhas, abster-me-ia de fazer-te esta pergunta.

— Porque ?

— Porque não acho muita difficuldade em adivinhar o nome d'aquelle que amas.

— Já o adivinhaste, D. Mariquinhas ?

— Ora !...

— Desde quando ?

— Desde antes de teus annos.

— Foi na verdade bem cedo, respondeu Celina; porque então eu mesmo apenas o suspeitava.

— Não duvido ; isso acontece ; mas então não queres dizer-m'o ?

— Para que, se tu já sabes ?

— Seria possivel que eu estivesse em erro.

— E's muito viva para te enganares.

— Pois bem, dir-te-hei eu o nome, com uma condição porém.

— Qual ?

— Se eu acertar, has de confessal-o.

— Sim.

— Chama-se...

— Celina olhou para Mariquinhas.

— Candido.

A Bella Orphã abaixou a cabeça.

— Adivinhei?

— Adivinhaste, murmurou a moça.

— Levanta a cabeça; conta-me o que tem havido; não foi para isso que nos reunimos hoje?

Celina pensou um momento e disse :

— Sou uma louca.

— Tu ?...

— Sim ; mas ao menos a minha loucura poderá agora ser-me util.

— Como ?...

— Escrevi o que se tem passado comigo...

— A historia do teu amor ?...

— Sim...

— Um romance ? !!

— Não... uma verdade.

— Como não ?... pensas que os romances são mentiras ?...

— Tenho certeza d'isso.

— N'este ponto estás muito atrasada, D. Celina; os romances tem sempre uma verdade por base : o maior trabalho dos romancistas consiste em desfigurar essa verdade de tal modo, que os contemporaneos não cheguem a dar os verdadeiros nomes de baptismo ás personagens que ahí figurão.

— Pelo que ouço, D. Mariquinhas, tu já escreveste!

— Não, mas conversei já com um moço que escreve. Vamos porém ao nosso caso ; deixa vêr o teu romarçe.

— A minha historia ; tornou Celina, que abrindo a gaveta da mesa tirou algumas folhas de papel, e entregou-as com mão tremula a Mariquinhas.

— « Historia do meu amor », disse esta lendo ; ah ! eu tinha adivinhado o titulo.

— Peço-te que leias para ti só : eu me envergonharia muito se te ouvisse lêr alto.

Mariquinhas começou a leitura da historia do amor de Celina.

— A Bella Orphã acompanhava com os olhos todos os movimentos, todas as impressões que aquella leitura produzia em sua amiga, córando se esta se sorria, animando-se, tremendo, e confundindo-se segundo as expressões physionomicas da leitora.

Quando Celina vio que os olhos de Mariquinhas volvião-se correndo pelas ultimas linhas da derradeira pagina, abaixou de novo a cabeça, envergonhada e confusa.

— Bravo, D. Celina ! estás em bom caminho para romancista ; mas repara que não podes aproveitar muito no nosso paiz.

— Não zombes.

— Fallo séria ; porém, dize que destino pretendes que tenham estes papeis?...

— Que destino?... o fogo.

— O fogo?!!

— Sim ; queimal-os-hei ; respondeu soltando um suspiro a Bella Orphã.

— Não ; não commetterás um parricidio : quando tua mão se erguer para lançal-os ás chammas, tua alma, eu o juro, cantará os versos de Torquato :

« Ah ! no saria possibile. »

— Pois então que poderia eu fazer d'elles?...

— Quem sabe?... estes papeis guardão-se : é possível que cheguem um dia ás mãos do feliz mancebo, que te moveu a escrevêl-os.

— Oh! Deos me livre !...

As duas moças calárão-se de repente, sentindo que alguém subia a escada : Celina guardou os papeis na gaveta d'onde os tinha tirado.

Appareceu uma escrava á porta do quarto.

— O que é?... perguntou Celina.

— O Sr. Salustiano; respondeu a escrava.

— Dize-lhe que meu avô e minha tia sahirão; respondeu a Bella Orphã.

— Mas que nós descemos já para recebêl-o; accrescentou Mariquinhas.

— Não !

— Sim! vai : dize-lhe que o vamos já receber. A escrava desceu.

— Que queres fazer, D. Mariquinhas ?...

— Conversar, divertir-me.

— Oh! porém tu me compromettes; este homem é um maldido impertinente...

— Melhor.

— Requesta-me... diz-me loucuras.

— Optimo.

— Eu o aborreço.

— Por isso mesmo.

— Que queres pois ?...

— Rir-me.

— Então entendes que devo...

— Zombar d'elle.

— Como ?...

— Como te parecer.

— Mas eu não sei fingir.

— Pois desengana-o; isso tambem me diverte : ainda não vi como fica o rosto de um desenganado.

— Tu és louca.

— Vamos!

— Hei de arrepende-me d'este passo.

— Ao contrario prevejo que terás de agradecer-m'o : vamos ! não te lembras que o Sr. Salustiano nos espera ?

Mariquinhas tomou a mão da Bella Orphã, e levou-a quasi á força para o andar inferior.

Quando as moças acabavão de descer a escada, correu-se a cortina que tapava a portinha do fundo, por onde se communicavão as camaras de Marianna e de Celina.

Um homem aproximou-se com precaução e cuidado da mesa, junto de qual tinhão as moças conversado.

A gaveta d'essa mesa estava fechada, mas Celina havia-se esquecido de tirar a chave.

O homem abriu a gaveta, tirou d'ella os papeis que continhão — a historia do amor da Bella Orphã — e sahio com tanto cuidado e precaução como entrára.

Esse homem era o velho Rodrigues.

---

## VIII

### Ellas e elle.

Entrarão as duas moças na sala, e Salustiano, que se tinha recostado a uma janella, voltou-se para recebê-las.

Sentárão-se todos tres.

Era bem de estudar-se a expressão physionomica de cada uma d'aquellas tres personagens.

Celina, que havia sido trazida quasi á força para a sala, mostrava-se contrafeita e acanhada; sentou-se bem unida a Mariquinhas, cuja mão apertava como procurando uma defesa.

Salustiano esforçava-se para ostentar a impassibilidade de que se jactava; mas não podia esconder de todo a commoção que sentia na presença da moça que

amava, e o quanto o contrariava uma terceira pessoa, que elle não queria encontrar ali n'aquella occasião.

Mariquinhas completava o grupo : no meio dos dous *desapontados* apparecia risonho, bello e malicioso o rosto da interessante moça : seus olhos vivos e travesos confundião realmente Salustiano, que, apesar seu, já não tinha sarcasmos para suas palavras, nem para seus sorrisos.

— Sinto havêl-a incommodado... tinha dito Salustiano muito desenxabidamente.

— Oh ! não, não nos incommodou, respondeu Mariquinhas ; deu-nos ao contrario muito prazer.

— Seria isso possivel?... perguntou o moço, fitando os olhos em Celina.

— Pois ainda duvida?... tornou a primeira.

— Perdão, minha senhora ; mas considero tão subida essa felicidade que muito me custa acreditar n'ella.

— Ora esta !... eu achava a cousa muito simples !

— Talvez para V. Ex.

— Digo mesmo que a sua visita foi um verdadeiro obsequio que V. S. nos fez.

— Lhes fiz ?!! V. Ex. falla em nome de mais alguém?... perguntou sorrindo-se o moço.

— Certamente : fallo tambem em nome da minha amiga.

— Celina apertou com força a mão de Mariquinhas.

— Ai ! não me apertes a mão, D. Celina !!...

— Ora, D. Mariquinhas, vossê está sempre brincando !

— Mas, como eu dizia, V. S. nos fez um verdadeiro obsequio apparecendo aqui.

— Bem... supponhamos que V. Ex. não está apenas dizendo palavras muito lisongeiras ; supponhamos que eu tenho a vaidade de acreditar, que fiz um verdadeiro

obsequio a VV. EEx. apparecendo aqui; devo por ventura concluir que eu era esperado e desejado?

Mariquinhas pensou um momento: sorrio-lhe a malicia nos labios, e depois respondeu:

— Esta D. Celina compromette as amigas terrivelmente! é capaz de conservar-se em silencio um dia inteiro!

— Tenha V. Ex. a bondade de responder por ella.

— Pois bem: digo que não era positivamente V. S. quem desejavamos vêr.

— Eis ahi o que eu não comprehendo.

— Queriamos a presença de um de certos cavalheiros, e V. S. serve-nos a mil maravilhas.

— Posso saber para que?...

— Para um estudo particular.

— Ora!... eis-me comprehendendo ainda menos do que ainda ha pouco.

— Trata-se de um segredo de moças.

— Bem... não perguntarei mais nada.

— Oh! pelo contrario, pergunte: eu sou como as outras; quando tenho um segredo, sou louca por contal-o a todos; na alma de nós outras, um pensamento que se não deve revelar, não é um segredo, é um martyrio.

— Então, o que é segredo?

— Para as moças?...

— Sim, minha senhora, o que é um segredo para as moças?

— E' uma cousa que se diz baixinho aos ouvidos de quasi todos.

— Pois, n'esse caso, minha senhora, peço a V. Ex. que, se me julgar digno d'isso, diga-me o seu segredo, ainda que seja baixinho.

— Oh! este póde-se contar em voz alta.

- Se por tanto me suppõe digno...
- Sem duvida que o julgo ; até V. S. nos ha de servir de muito.
- Estou á espera, minha senhora.
- Trata-se de um romance...
- De um romance?!!!
- Sim, de um romance, que D. Celina e eu estamos compondo.
- Parabens, minhas senhoras ; mas eu não sei... VV.
- EEx. querem por ventura um terceiro collaborador?...
- Qual?...
- Eu. V. Ex. tinha fallado em mim.
- Deos nos livre : perderiamos a gloria de autoras.
- Porque?
- Os senhores homens custão muito a julgar-nos capazes de escrever ; e portanto era V. S. quem ganharia todas as honra da obra.
- Mas esse romance...
- E' uma historia de todos os dias e de todos os salões.
- Já está completa?
- A invenção completámos hoje : mas a execução nos está dando muito que fazer.
- O que falta?
- Quasi tudo ; atrapalha-nos grandemente uma das principaes personagens.
- Porque!
- Pela difficuldade de descrevêl-a ; mas V. S. chegou muito a tempo.
- E então?
- Então, é que emquanto nós conversamos, D. Celina vai tomando nota.
- N'esse caso eu...
- V. S. ou outro qualquer... V. S. é como quasi todos...

— Obrigado, minha senhora.

— Cortou-me a palavra ; não tem que agradecer-me, pois não sabe o que eu ia dizer.

— Adivinhei.

— Dou-lhe parabens : veja se adivinha tambem o nosso romance.

— Não chego a tanto, minha senhora.

— Quer que lhe tracemos o esqueleto da nossa obra ?...

— Terei muito prazer em ouvir a V. Ex.

— Não poderá fazer uma justa idéa do que será, pela falta dos episodios e dos dialogos.

— Oh! mas eu comprehendo o que poderá fazer uma penna manejada por quem deve á natureza tanto espirito como V. Ex.

— Agradecida.

— Creia V. Ex. que faz um relevante serviço á tão atrazade litteratura do paiz.

— Muito agradecida, respondeu Mariquinhas rindo-se, e sem dar mostras de doer-se da ironia com que Salustiano tentava feril-a.

— Era uma necessidade que desde muito palpitava, tornou Salustiano ; o céo devia ao Brazil uma Stael, uma George Sand.

— Mil vezes agradecida ; mas então V. S. não quer ouvir o nosso romance ?

— Estou prompto, minha senhora.

— Trata-se de amor.

— Eu o previa.

— É uma joven senhora de cabellos castanhos quasi pretos, olhos de saphira, labios de coral, rosto pallido, emfim, uma joven senhora bella e muito parecida com D. Celina...

— D. Mariquinhas, basta !... isso é quasi demais ! disse a Bella Orphã.

— Quem fez a pintura da moça fui eu, e portanto posso fallar : a respeito do protagonista fallará então vossê.

— Continue, minha senhora.

— Pois bem : essa moça, a quem eu ainda não dei nome, ama um joven modesto e bonito, e é por elle apaixonadamente amada ; mas o joven é pobre, e acredita que sua pobreza é um muro de bronze erguido entre elle e a bella de seus pensamentos.

Salustiano empallideceu sem querer, ouvindo as ultimas palavras de Mariquinhas : começava a comprehender o que queria dizer aquelle romance.

— Acha-se incommodado?... perguntou Mariquinhas encarando Salustiano.

— Oh ! não ! pelo contrario...

— Cheguei a pensal-o, Sr. Salustiano ; porque V. S. mudou de côr.

O mancebo serenou, e respondeu sorrindo-se :

— Ah ! foi effeito da interessante narração de V. Ex. : sensibilizei-me... realmente o seu romance é muito sentimental... toca no coração.

— Sim... sim, tornou a moça ; eu creio bem que elle tocará o coração de V. S.

— Mas, concluiu-se?...

— Certamente que não ; ficaria sem sentido, sem pés nem cabeça...

— Era mesmo assim excellente... estava na moda ; porém já que o romance não termina ahi, quererá V. Ex. ter a bondade de contar-me o resto!...

— Pois não ! com summo prazer ; temos, como eu dizia, uma moça bella e um joven pobre que se amão muito... romanescamente ; até ahi não ha senão um idyllo ; imaginámos pois, imaginámos não, foi D. Celina quem imaginou uma especie de tyranno de comedia, um

outro namorado da heroína, um mancebo rico, honrado, e vaidoso de sua fortuna, que se vem erguer como uma barreira terrível entre os dous amantes.

Celina apertava a mão de Mariquinhas de instante a instante; mas não se atrevia a dizer palavra.

— E depois?... perguntou Salustiano.

— Depois as scenas se succedem... deverão haver lutas domesticas, esperanças que morrem e revivem... jogo de affectos... e finalmente...

— Finalmente...

— Boa pergunta! por fim de contas triumphá o amor innocente e puro... triumphá a inspiração de Deos... o moço pobre alcança a mão da moça bella.

— E o outro!

— O outro!... exclamou Mariquinhas dando uma risada; o outro deve muito provavelmente ficar com cara de tolo.

Salustiano mordeu os beiços. Mariquinhas proseguio:

— Mas veja... estavamos em uma verdadeira difficuldade!

— Qual!...

— Não sabiamos como descrever o tal sujeito rico, ousado e vaidoso...

— Ora! que modestia a de V. Ex. !... com tanta imaginação... espirito tão atilado...

— Sim... sim... porém nós queremos seguir á risca a natureza... procuravamos pois um original, quando V. S. chegou.

O ultimo golpe acabava de ser dado tão directamente que Salustiano córou até á raiz dos cabellos.

— Compreendo tudo, minhas senhoras!...

— Ora... pois o que comprehendeu?

Salustiano pensou alguns momentos, e depois respondeu:

— Que devo tambem escrever um romance.

— Ah ! disse Mariquinhas, então isto é contagioso ? !!

— Creio que sim, minha senhora.

— Tanto melhor, tornou a moça rindo-se ; creia V. S. que faz um relevante serviço á tão atrasada litteratura do paiz.

— Agradecido.

— Eu estou pensando já no muito que poderá fazer uma penna manejada, por quem deve á natureza tanto espirito como V. S.

— Muito agradecido.

Era uma necessidade que desde muito palpitava ; o céo devia ao Brazil um Cooper, um Walter Scott, um Dumas.

— Mil vezes agradecido.

— Quando começa a escrever ?...

— Ora... já está metade escripto.

— Já !... e então !...

— E' o mesmo de VV. EEx.

— O mesmo ?... não... não... seria um triste roubo feito a duas pobrezinhas.

— Mas o meu romance, que se parece muito como o de VV. EEx. até o meio, differe completamente no fim.

— Como ?

— No meu romance triumphá o moço rico, o ousado e vaidoso...

Celina ergueu a cabeça nobremente, e fitou os olhos em Salustiano.

— Crê então, que isso chegue a ser verosimil ?... perguntou Mariquinhas.

— Não será sómente verosimil, tornou Salustiano elevando a voz com incrivel audacia ; ha de ser tambem uma realidade.

— Bravo !... exclamou Mariquinhas ; isto me está parecendo um desafio.

— Pois seja um desafio ; veremos qual dos dous romances se realisa.

— Aceito, disse, levantando-se, a Bella Orphã.

O rosto de Celina estava acceso de rubor e de colera : em pé, ella encarava Salustiano com olhos cheios de fogo.

— Minha senhora... ia murmurando o moço.

— Eu lhe disse, que aceito o desafio, senhor !... exclamou Celina : não é bem claro isto ?

Reinou então silencio por alguns instantes, até que Salustiano despedio-se com seu sorrir sarcastico nos labios, e sahio com o desespero e a raiva no coração.

— Bem bom ! bem bom ! disse Mariquinhas batendo palmas com uma alegria infantil.

— Fizeste mal, D. Mariquinhas.

— Pois sim... concedo, fiz mal ; porém tu, D. Celina, fizeste muito bem.

— E agora ?... quem sabe o que me espera ?...

— Que nos importa o futuro ? o futuro é de Deos.

— Mas eu preciso que me animem ; eu sou fraca e sou só.

— Vem portanto animar-te... subamos ao segundo andar.

— Para que ?...

— Vamos lêr de novo a historia do teu amor.

— Oh !... sim !... tu es louca como eu, D. Mariquinhas ; mas o que acabas de dizer deve ser verdade.

— Vamos pois...

— Vamos.

As moças subirão a escada correndo, como duas crianças travessas ; entrárão no quarto de Celina... abrio-se a gaveta, onde deveria estar a historia do amor da Bella Orphã...

- Os meus papeis !... exclamou esta.
  - Que ha então ?... perguntou Mariquinhas.
  - Eu os tinha posto aqui.
  - E' certo...
  - Oh !... furtárão--m'os !...
  - Meu Deos !...
  - Os meus papeis !... a minha historia !... exclamou dolorosamente a Bella Orphã.
  - Como pódo ser isto ?...
  - Onde estarão elles ?...
  - Quem entraria aqui ?... perguntou Mariquinhas.
  - Eu não sei... eu não podia vêr !... o que eu sei, o que eu vejo, é, que estou perdida. Oh ! isto foi uma desgraça !...
  - Quem sabe ?... disse Mariquinhas com ar pensativo : tambem póde ser que seja uma felicidade.
-

## IX

### O velho Rodrigues e Candido.

O velho Rodrigues appareceu á porta do sótão do Purgatorio-trigueiro, e ficou ahi parado alguns instantes.

Candido estava só, e tinha os olhos fitos na porta; mas não dizia palavra.

Era porque o moço estava olhando, porém não estava vendo.

Ha alguns homens no mundo, que tem frequentemente horas inteiras passadas assim; horas em que, concentrados em um mundo interior, nada vêem, nada ouvem, nada sentem do que se está passando ao redor d'elles.

Serão pobres loucos ou entes privilegiados esses homens ?

Ha muitos que d'elles se riem, ou que d'elles tem piedade : deixal-os rir... deixal-os ter piedade.

O velho Rodrigues fallou :

— Sr. Candido !

— Quem é ? perguntou o moço erguendo-se, e como despertando de um somno afadigado.

— Sou eu... um velho amigo.

— O Sr. Rodrigues... ah ! entre, sente-se.

— Não ; preciso voltar já : é pouco o que tenho a dizer-lhe.

— Como quizer... eu lhe escuto.

— Sr. Candido, foi bem triste a ultima vez que nos vimos ; foi em uma noite de prazer e de dôr ; noite em que na mesma casa e ao mesmo tempo soavão cantos alegres, e corrião lagrimas amargas.

— Já passou tudo isso... esqueçamos.

Não ; lembremos antes, mancebo.

— N'essa noite uma intriga foi forjada, e a calumnia venceu então a verdade.

— Senhor... para que fallar n'isso ?

— Uma mulher calumniou a outra mulher : as portas do Céu còr de rosa lhe forão fechadas em nome da Bella Orphã... a mulher que intrigava, depois de lançar mortal veneno em seu coração, deixou-o só no jardim, e eu appareci então... e o que lhe disse ? lembra-se ?

— Não ; tudo esqueci... o theatro, o drama, as personagens... tudo está esquecido ; nem quero outra vez lembrar-me.

— Oh ! mas é preciso lembrar-se ! ouça pois : eu appareci então, e disse : « aquella mulher mentio ! ».

— Não mentio : respondeu com força o mancebo.

— Foi isso mesmo o que me disse, Sr. Candido ; mas eu jurei a mim mesmo provar-lhe que a Bella Orphã fôra calumniada, e que o senhor offendia a pureza, a vir-

tude de uma innocente moça sustentando uma calumnia.

— Ah ! Sr. Rodrigues... murmurou meio commovido o môço.

— Eu jurei que havia de confundil-o com a verdade, e de castigal-o com o arrependimento...

— Mas para que...

— Para que ? para que justiça fosse feita a uma interessante virgem ; para que balsamo consolador fosse derramado no coração de um desgraçado.

— E quem é esse desgraçado ?

— E' o senhor.

— Tem razão ; eu o sou.

— Eu quero que a esperança amanheça de novo em sua alma... que arrependida sua alma se ajoelhe ante a imagem da mulher que amava tanto...

— Senhor... basta.

— Que o seu arrependimento e a sua esperança fação de novo fallar a sua alma ; que outra vez de joelhos ante a imagem da bella virgem a sua alma exclame com ardor... — eu te amo ! —

— Senhor, senhor, é preciso que eu lhe diga que considero meu inimigo aquelle, que me falla de amor...

— E' uma loucura.

— Que o fogo da vergonha ainda queima meu rosto, quando me lembro do que comigo se passou n'essa horrivel noite !

— Mas o bafo da virgem ha de apagar esse fogo.

— Senhor ! nem mais uma palavra sobre ella.

— E as provas de sua innocencia ?

— Eu não as quero.

— Para condemnal-a sempre ?...

— Não a condemno.

— E o amor que lhe tinha ?...

— Eu amo a minha mãe.

- E o amor d'essa pobre virgem ?...
- Senhor !
- Esse amor angelico ? ! ! esse perfume de flôr que se desabrocha ?... esse amor...
- Basta... é demais...
- Não quer ouvir-me então ?...
- Dispense-me d'isso, Sr. Rodrigues.
- Não me acredita ?...
- Não.
- E se eu provar o que digo ?...
- E' inutil.
- Embora, eu o provarei.
- Mas com que fim ?... que lhe importa a minha desgraça, ou a minha felicidade !...

O velho olhou fixamente para Candido, e disse com voz grave e pausada :

— Póde ser que me importe mais do que pensa : quem sabe se o seu passado, que é tão escuro para todos, não é bem claro para mim ?...

— Oh !... exclamou Candido : falle pois !... eu lhe escuto...

— E' tarde : eu já devia ter voltado.

— Mas...

— Eu lhe deixo estes papeis, Sr. Candido ; peço que os leia... e que os guarde.

— O velho Rodrigues tirou então do bolso algumas folhas de papel, e as deitou sobre a mesa.

— O que contém estes papeis ?... perguntou Candido com viva curiosidade.

● Uma historia.

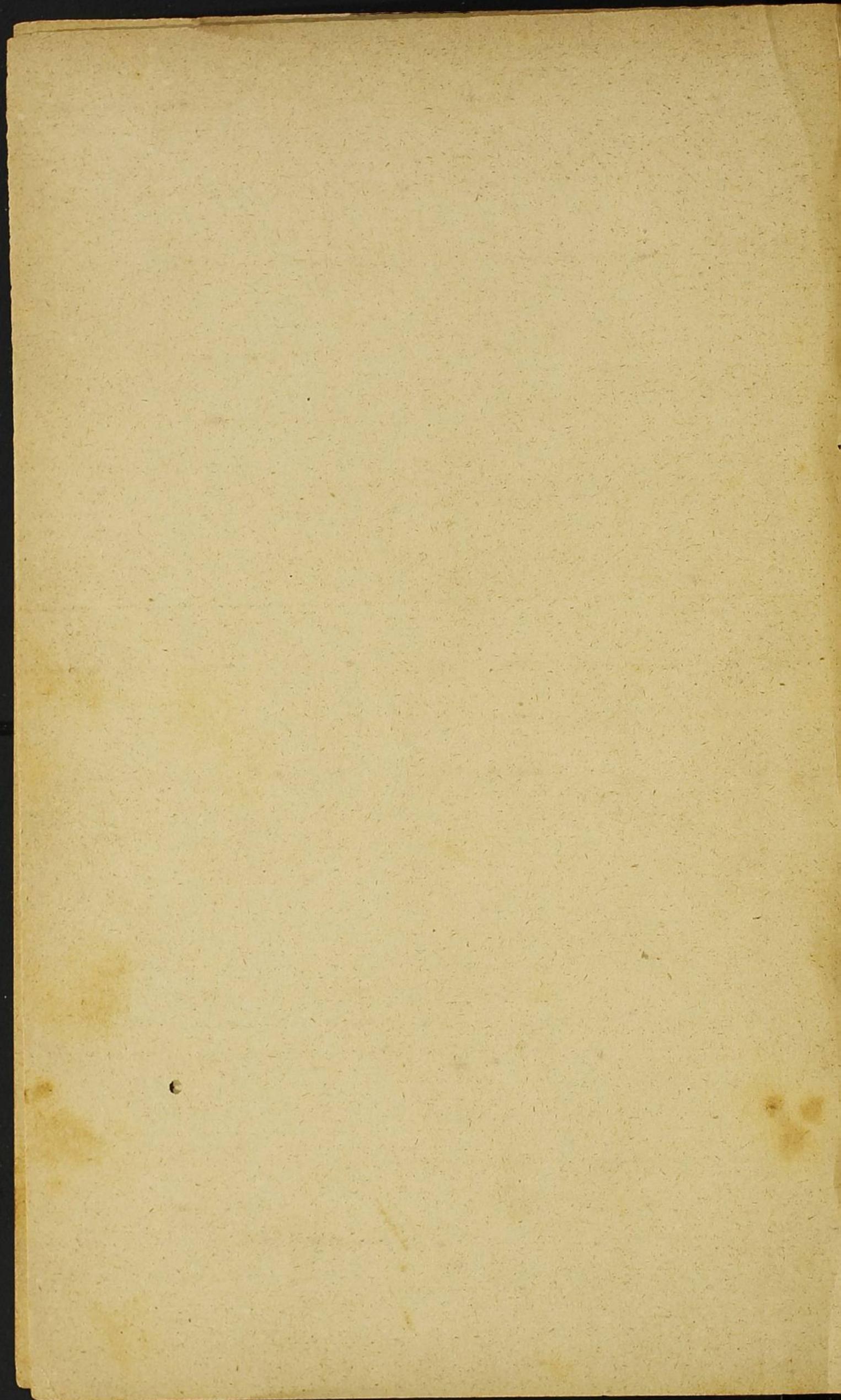
— A minha historia ?...

— Tambem é sua.

— O velho retirou-se vagarosamente, e Candido foi buscar uma luz, e abrindo a primeira pagina d'aquelles papeis, leu :

### HISTORIA DO MEU AMOR

---



## X

### Uma hora de leitura.

— Deverei eu lêr estes papeis!... fallou Candido comsigo mesmo; não haverá ahi veneno espalhado n'essas paginas!... não será fraqueza ceder a um desejo, que não passa de pueril curiosidade!... não: estou determinado; podem rolar um seculo sobre essa mesa; não os hei de lêr nunca.

Mas elle não podia arrancar os olhos dos papeis que lhe deixára o velho, e passados alguns minutos pensou já de outro modo; pensou assim:

— E' que tambem, se eu os não lêr, podem julgar que desconfio de mim mesmo... que tenho medo de amar ainda... que não sei triumphar de uma paixão de dous dias... é isso; podem julgal-o: pois eu lerei... mas hoje não: mostrarei a minha indiferença não lendo hoje;

provarei que nada receio lendo amanhã ; estou determinado.

E passado ainda um certo espaço, o mancebo mudou outra vez de resolução, e disse consigo :

— Mas isto, sim, é que é puerilidade ! lêr amanhã ou hoje, é sempre acabar por lêr ; e que tem isso ?... que impressão me póde causar esta leitura ?... e que me importa o juizo que de mim quizerem fazer ?... eu sou pobre... eu sou só... eu sou portanto bem livre.

E abrindo a primeira pagina começou a lêr.

## HISTORIA DO MEU AMOR

### I

Eu já fui como uma flôr que se desabotôa ; sou agora como uma pomba, que geme solitaria.

Quem sabe o que eu virei a ser ainda ?... pobre orphã que sou, o meu porvir está tão escuro !...

Até a idade de quinze annos eu fui como uma flôr que se desabotôa.

Meus pais vivião ainda, e eu passava uma vida tão feliz !... eu era a flôrzinha de meus pais ; o jardim que eu perfumava era o coração d'elles.

Meu pai me chamava o seu anjo : minha mãe dizia que eu era a sua alma ; e eu via bem que elles sentião isso que dizião.

As palavras de meu pai erão tão ternas !... os carinhos de minha mãe erão tão doces !... oh ! palavras e carinhos, como esses... oh !... mais nunca.

Eu era tão feliz... de manhã erguia-me, dava gra-

ças a Deos, meu pai e minha mãe me beijavam, e depois eu ia brincar.

Como eu fui travessa! ás vezes, quando me tornava por demais traquinas, meu pai se fingia enfadado, e me dizia: « Celina... aquieta-te... tu estás ficando feia ».

E minha mãe me defendia dizendo: « deixa-a brincar; ainda é feliz!... quem sabe se ha de ser sempre como hoje!... »

Oh! minha mãe adivinhava com o coração! o amor dos pais é assim... prophetiza.

E meu pai se tornava melancolico; abraçava-me, beijava-me, e com os olhos humidos de lagrimas me dizia: — vai brincar.

Oh! sim! bem feliz!... bem feliz!... a minha vida era um laço de cem amores: eu amava a Deos, amava a meus pais, amava a meus parentes, amava os pobres, e amava as flôres.

## II

Amava as flôres!...

Como e quando foi que começou esse amor, não sei bem explicar: quando pensei... já as amava.

No berço brinquei com flôres... ensaiei meus primeiros passos para ganhar uma flôr que minha mãe de longe me mostrava; quando pude correr, meu pai me deu um jardim.

Desde então, quando a aurora apparecia, já me encontrava no jardim: eu gostava do primeiro raio do sol.

Os primeiros raios do sol e as flôres forão as camaradas que brincarão comigo na infancia.

Eu amava as flôres; gostava de acompanhar a vida de um botãozinho de rosa, que se ia desabrochando pouco

a pouco, como um pensamento de amor na alma de uma criança.

Depois eu fiz treze annos, e na noite em que eu fiz treze annos, tive um sonho de flôres : sonhei com um botão de rosa.

Que sonho !... é uma das doces recordações do meu passado ; eis-aqui como foi o meu sonho.

. . . . .  
 . . . . .

### III

Eu pois acabava de fazer treze annos : era ainda como a flôr que se desabotôa.

Mas quando completei o terceiro lustro, a morte esvoaçou ao redor de mim, e não me ferio, nem me matou : oh ! eu minto : matou-me duas vezes, porque de um só golpe me arrancou pai e mãe.

Porque não fui eu que morri, meu Deos ?... eu, que nada era, nada sou, que nada serei no mundo ?

Eu, que n'esse tempo tinha sómente sorrisos para a vida, e que, apesar d'isso, morreria sorrindo-me também ; porque creio em Deos que me ha de salvar !

Oh ! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de receber duas solemnes bençãos de despedida, lançadas pelas mãos já frias de meu pai e de minha mãe !

Oh ! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de partir em dous pedaços um adeos de agonia !

Não se morre de dôr.

Eu vi morrer ambos elles... a meu pai e minha mãe : eu vi... e não morri então ; eu os estou vendo... e não morro ainda.

Eu estava... tinhão-me posto de joelhos junto ao leito de meu pai : era a hora terrível.

Meu pai voltou o semblante para mim, e fitou os olhos no meu rosto...

Seus olhos brilhantes e pasmos parecião querer saltar das orbitas sobre mim... oh! se elle não fôra meu pai eu teria tido medo d'aquelle olhar.

Sua boca se entre-abria... seus labios se movião; mas ah! o desgraçado não podia fallar.

Olhou... esteve assim olhando muito tempo... muito tempo, até que... oh! meu Deos!...

Duas lagrimas limpidas e brilhantes ficárão pendentas de suas palpebras... sua mão direita apertou o peito no lugar do coração, e... sempre me olhando... sempre me olhando, meu bom pai expirou.

A vida... a alma lhe sahio pelos olhos: oh! sim! porque elle morreu olhando para sua filha.

Lancei-me sobre o cadaver de meu pai: arrancárão-me d'ahi; e sabeis para que?... para vêr morrer minha mãe.

Pobre de minha infeliz mãe!... não estava em si quando eu me ajoelhei junto d'ella; delirava.

Começou a brincar com os meus cabellos; passou depois os dedos sobre meus olhos, e, sentindo-os molhados de minhas lagrimas, levou-os aos labios, sorveu as lagrimas de sua filha, dizendo:

— E' bem doce!... é bem doce!...

Depois entrou a rir-se e a cantar: que rir! que cantar aquella!... até então eu não sabia que a morte tinha tambem seus risos e seus cantos.

Continuou a rir-se e a cantar; a brincar com os meus cabellos, e a beber minhas lagrimas.

Houve um momento terrivel! um tremor subito e desesperado agitou convulsivamente todo seu corpo...

Cessou de rir-se e de cantar: olhou-me... que olhar!... era um adeos que se dizia por mil modos nos seus olhos.

Tinha talvez desapparecido o delirio, mas ella já não podia fallar.

Ouvi alguém, a poucos passos, dizer baixinho — é chegada a hora : — oh ! comprehendí tudo... soltei um grito.

Escutando esse grito, que me sahio do coração, minha mãe agarrou com suas duas mãos a minha cabeça, e com força indizível levantou-me, aproximou meu rosto ao rosto d'ella, unio meus labios aos seus, deu-me um longo e ardente beijo, e expirou.

A vida... a alma lhe sahio pelos labios : oh ! sim, porque ella morreu beijando sua filha.

As almas de meus pais, antes de subir ao céo, tinham passado por mim ; a alma de meu pai pelos meus olhos ; a de minha mãe pelos meus labios.

Como eu fiquei então !!!... não se diz.

Não se morre de dôr.

E estava orphã.

Deixei de ser como uma flôr que se desabotôa.

#### IV

Eu era uma pobre orphã.

Tinha começado a ser como a pomba que geme solitaria.

Chorei ! chorei muito ! quando não tive nos olhos mais lagrimas para chorar, chorei saudades no coração ; choro-as ainda : mas resisti, e resisto, graças á educação que me derão meus pais.

Eles me ensinárão a ter fé e esperança em Deos : ensinárão-me, na prosperidade, a ser christã ; sou christã na desgraça.

Quem crê em Deos, chora, mas resiste.

Eu chorei, e resisti.

Tenho esperança de vêr ainda meus pais aos pés do Senhor Deos... não sei quando será; mas espero.

Esta esperança me anima : no emtanto meu coração está sempre cheio de saudades, que não hão de acabar nunca.

Eu pois sou agora como uma pomba que geme solitaria.

## V

Passou-se um anno.

Um anno de lagrimas é muito tempo : é um seculo.

Passou-se mais tempo ainda : chegou o dia de finados.

Fui rezar no tumulo de meus pais.

Rezavão lá...

Oh! se soubessem como um coração de filha agradece uma oração que se reza por seus pais !...

Rezavão lá!... uma mulher e um homem.

A mulher era uma velha que eu conhecia : o homem não... eu o via então pela primeira vez.

Mas esse homem... a velha ergueu-se, e eu lancei-me de joelhos no mesmo lugar, que ella tinha occupado.

Fiquei junto d'esse homem que rezava por meus pais...

Oh! pela primeira vez, que nos encontravamos na vida, nossos pensamentos se união, se misturavão, e subião juntos ao céo tão iguaes... tão parecidos, como dous irmãos-zinhos gemeos !...

Oh!... nós não nos haviamos visto nunca, não nos tinhamos olhado ainda, e nossas almas se correspondião já, fallando a linguagem do Senhor... rezando...

Elle ergueu-se emfim... e fugio. Eu senti que elle chorava e soluçava.

Eu não sabia se elle era moço ou velho, bonito ou feio, rico ou pobre... e comtudo desde esse momento eu amei esse homem.

Amei esse coração generoso, que se fôra ajoelhar junto ao tumulto de meus pais!

Esse homem amava portanto meus pais!

Era pois |meu irmão no amor, meu irmão nas lagrimas e nas orações; quero... devo amal-o : o mais sagrado dos laços unio-nos aos olhos de Deos á face de um tumulto.

Eu o amo.

Quem é elle?...

## VI

Emfim, já pude vê-lo de perto : veio visitar-nos, acompanhando a velha Irias.

Elle é moço e pallido, é triste e modesto ; é bello.

Parece que esconde no coração um grande tormento, que ninguem comprehende, e que elle abafa.

Pallido, triste e silencioso, sua figura tem um não sei que de gracioso e phantastico, que toca n'alma e faz arder a imaginação.

Se elle passa por diante de vós, sem querer vós vos lembrais da sombra de um ramo de palmeira, quando um ramo de palmeira, em noite de claro luar é impellido por brandos favonios.

A's vezes fica pensativo horas inteiras; torna-se alheio a quanto se passa em torno d'elle...

E' bello vê-lo assim; parece que transportado contempla uma visão : ninguem lhe falla, e elle se sorri... se entristece... se espanta... e murmura phrases inintelligiveis como se estivesse conversando com algum ser invizivel.

Será um louco?... não : elle é um poeta ; eu já sonhei que os poetas erão assim.

Eu gósto dos poetas.

Os poetas são homens que mal vivem n'este nosso mundo, e que são senhores de mil mundos ; habitão um espaço entre o céo e a terra, e fallão a lingua das aves e das flôres, das montanhas e dos mares, dos phantasmas e dos anjos.

Os poetas são homens que sabem amar ; os que onã são poetas amão como todos, amão com esse amor commum que se vê todos os dias, que não tem nada de novo, que têm bem pouco de bello.

O amor dos poetas é de um fogo que se não accende na terra, é um fogo como o do sol.

Os poetas são irmãos do sol ; elles são os astros equ illuminação o mundo como o sol illumina o espaço.

A luz que dardejão os poetas e o sol, vem da mesma fonte, é a mesma luz santa e pura ; veio-lhes do céo, sahida dos olhos do Senhor Deos.

Eu amo os poetas.

## VII

Elle se chama Candido.

Tem continuado a visitar-nos ; frequenta os serões do Céo côr de rosa ; meu avô o estima e minha tia também.

Eu tenho por elle um sentimento tão doce... tão socegado, que me parece que assim é que se ha de amar um irmão.

Quasi nunca se dirige a mim... não conversa comigo... parece que se esconde, que foge de todos os olhos ; porque ?...

Parece infeliz; gósto ainda mais d'elle por isso; a melancolia póde tanto na minha alma!...

Um homem melancolico vale mil vez mais do que aquelle que vive rindo-se constantemente.

Eu tenho pena d'essa gente que anda rindo-se de continuo.

Esses homens que vemos sempre a rir, a zombar, a dizer sarcasmos, a ridicularisar tudo, são como insultos que a natureza faz á terra.

A tristeza d'aquelle mancebo tem alguma cousa de solemne; elle está triste porque soffre.

A's vezes de relance me olha... o seu olhar é então bem terno, e seus olhos quasi sempre amortecidos tem n'essas occasiões um fogo...

Desde que pela primeira vez o apanhei olhando-me assim, eu senti alguma cousa de novo em mim... eu córei; porque?... não será puerilidade córar por isso?...

## VIII

Preciso conversar com o meu coração; dentro de mim se estão passando muitas cousas, que ainda não comprehendo; é uma serie de contradicções... um desejar sem querer, o que eu estou experimentando.

Como foi que eu comecei a amar este moço, que se chama Candido, não é por certo um mysterio; vi-o de joelhos junto do tumulo de meus pais, e amei-o por gratidão: amei-o como se eu fôra irmã d'elle.

Disse o todos que o amava assim; rião-se de me ouvir, e eu não córava.

Nos primeiros dias, quando elle me olhava, seu olhar passava por sobre meu coração, tão suave, tão doce,

como o sopro do favonio sobre a rosa que acaba de desabrochar.

Depois... as sensações forão outras : seu olhar não foi mais para o meu coração como o favonio para a rosa, é como a aurora para o céu ; porque o céu se avermelha quando o dia amanhece, e meu rosto se enche do rubor do pejo quando elle me olha.

Porque ?...

Agora, quando elle está ausente, eu me afflijo, desejo ardentemente vê-lo chegar ; quando elle se annuncia, meu coração palpita ; quando elle entra na sala, minhas faces córão ; quando elle se chega a mim, meus olhos se abaixão ; quando elle me comprimenta, eu não posso responder-lhe.

Porque ?...

Eu gósto de ouvir fallar d'elle ; mas não pronuncio nunca o seu nome ; sua imagem apparece nos pensamentos todos de minhas vigílias, e nas bellas imaginações de meus sonhos ; parece que a imagem d'esse mancebo é dona de minha alma.

Porque ?...

Oh ! eu o estimo, e estando a seu lado, tremo ; acho-o bonito, e tenho receio de olhar para elle : gósto de ouvil-o fallar, e nunca me animo a conversar com elle.

Porque ?...

Ah ! porque ? porque, meu pobre coração ? porque é que eu sinto que já não amo esse mancebo como se fôra sua irmã ? como é então que o amo agora ?...

## IX

Oh ! que revolução se operou em toda minha vida, em todo meu ser !

Eu já sei que se ama a alguém que não é nosso pai, nem nosso irmão, e que não é nosso amigo : eu sei emfim o que é amor : quem m'o ensinou?... foi o coração; foi a natureza, foi Deos.

O amor é uma flôr que existe em botão na alma da virgem ; o homem a quem se tem de amar é o sol que faz desabrochar essa flôr.

E' uma flôr que Deos plantou dentro de nós, porque, quando a virgem nasce, já comsigo a tem no coração.

Oh ! eu já despertei a um bello grito ; gritarão-me — elle te ama !... — pois eu deveria têl-o adivinhado.

Sim ! oh ! sim !... eu devo crêr que me ama : porque tambem elle córa quando encontra meus olhos ? porque tambem treme quando me falla ?

Eu revolve na minha alma quanto se tem passado entre elle e mim, como a mão de uma menina revolve bolicosa uma cêsta cheia de flôres.

Recordemos...

Uma noite... que noite ! dansámos juntos... fui o seu par... nossas mãos tremêrão... quizemos fallar e não dissemos nada... ah ! parece que fazendo assim é que nós dissemos tudo !...

Depois fui com duas amigas para meu quarto ; conteilhes a historia do sonho do — botão de rosa : — ninguém me devia ouvir senão ellas.

Em uma das tardes seguintes veio o velho guarda-portão dar-me a sua hora de musica : cantou um romance ; esse romance era a historia do meu sonho... a historia do botão de rosa. Quem escreveu estes versos ? perguntei eu ; foi o Sr. Candido ; respondeu o velho Rodrigues.

Cheguei a crêr que um genio invizível velava em prol d'esse terno sentimento que nascia...

Fomos ao Passeio-publico : passeavamos juntos e sós

eu e elle : estavamos ambos tão perturbados !... eramos como dous criminosos ; ouvi que alguém dizia — são dous namorados : — quasi que morri de vergonha.

Oh ! não é possível encobrir mais... não é possível... não... a verdade deve-se dizer.

A flôr que existia em botão dentro de minha alma abrio-se ao terno sopro d'esse mancebo ; eu o amo !

Ainda não lhe disse, não serei capaz de dizer-lhe que o amo ; já porém jurei a mim mesma, que hei de amal-o toda a minha vida.

Oh ! sim ! eu o confesso... eu amo.

Abençoem lá da eternidade meus pais o amor d'estes dous corações, que a primeira vez que se encontrárão n'esta vida foi de joelhos ao pé de seu tumulo.

Abençoem !...

Proteja o Senhor Deos estes dous corações que, antes de se acharem unidos pelos laços de um amor puro e santo, já se havião identificado em oração, e cahido juntos aos pés do Omnipotente ligados pela mesma fé, pela mesma esperança, e pelo mesmo pensamento.

Oh ! sim ! proteja.

Mas por que motivo elle, a quem eu amo, elle que me ama, foge de meu lado ?... porque me não falla ?... porque continúa a mostrar-se tão triste como d'antes ?...

Eu devo então ser bem infeliz, pois que elle não póde mais ignorar que eu o amo, e todavia sua tristeza é sempre a mesma, sempre incuravel.

E no emtanto esse outro que me desagrada tanto, quanto elle me é grato, esse outro impertinente e ousado não me deixa um instante, e ousa fallar-me de amor mesmo diante d'aquelle que amo.

Que differença entre ambos !

Um é a modestia, que receosa se afasta e se esconde, e que por isso mesmo é mil vezes mais bella.

O outro é a presumpção que se ostenta, que se impõe, e que depois de aborrecer-nos muito, retira-se pensando que nos deixa em extasis.

Um é a palavra da virtude, que sôa unicamente para louvar o merito; é a gravidade do homem nobre, a pureza das almas candidas

O outro é a loquacidade do vicio, não sabendo fallar senão a linguagem venenosa do sarcasmo; lançando a calumnia, a satyra, e o epigramma no meio da conversação mais séria e delicada: é, quando não falla, o aspecto de um bufo ou de um malvado com seu rir constante, rir maledicente... rir venenoso... ou rir estúpido.

Um crê na eternidade e em Deos, e crê na honra dos homens; o outro zomba dos mysterios e não acredita na honra de ninguem. Um é o nectar da virtude... o outro é a peçonha da vibora!...

Que differença entre ambos!...

## XI

Já lá vai a noite de meus annos: contradictoria, inconsequente, como tudo mais que hoje comigo se passa, ella encheu a minha alma de prazeres e de pezares.

Pela primeira vez *elle* tinha de cantar no Céu côr de rosa: chegou a hora de seu canto... *elle* veio melancolico e gracioso, e sentou-se defronte de mim.

Trouxerão-lhe uma harpa

Aquelle mancebo pallido e triste, com cabellos tão negros e mãos tão brancas, causou-me uma impressão que eu não posso bem definir; julguei estar vendo um d'esses quadros amorosos dos tempos romanescos da idade media.

Sua voz soou... que voz ! seu canto sahia-lhe d'alma ; era um canto de amor.

Seus olhos embebidos no meu rosto me estiverão repetindo o mesmo, que no apaixonado canto dizia ; eu era tão feliz !...

Estava orgulhosa do amor d'esse homem !

Estava suspensa... — não me achava na terra — aquelle canto me erguia em suas azas harmonicas levando-me para a região phantastica, onde mora a imaginação do bardo que cantava.

Terminou o canto... mas eu fiquei ouvindo sempre aquellas doces harmonias, como se um anjo m'as estivesse repetindo aos ouvidos ; era talvez o anjo de amor que cantava, e o coração amante que ouvia.

Depois *elle* sahio da sala ; procurei-o todo o resto da noite com os olhos, com o coração e com o pensamento : não appareceu.

Porque se retirou *elle* ?... eu tremo.

Oh ! o meu amor é tão novo, tão innocente, tão anjo como uma criancinha recém-nascida e uma flôr que acaba de desabotoar-se.

Ah ! pobre mãe ! como é facil, apesar de tuas lagrimas, vêr morrer ali no berço a criancinha de tua alma ; ah ! triste arbusto !... basta um instante de tempestade para que a tua flôr caia por terra.

E o meu amor é como a criancinha, ou como a flôr ; eu tremo.

## XII

Eu sou como a pomba que geme solitaria ; eu o sou... é bem verdade !...

Desde a noite de meus annos que nunca mais tornei a vê-lo ; não será isso uma crueldade de sua parte ?...

Que lhe fiz eu?... amal-o?... só se foi esse o meu crime; mais ah! não merecia tão forte castigo.

Tenho chorado muito... já se me acabárão as lagrimas; agora escrevo, e agora comprehendo que muitas vezes escrever é chorar com o coração.

Ai de mim! nem tenho quem me console: a ninguem ousou dizer porque choro; ninguem saberá a causa de meus tormentos; zombarião de minhas lagrimas.

Oh! é bem triste; todos devem ter padecido o que eu padeço; todos tem coração: todos devem ter amado; como é pois que se ousa ridicularisar as penas de amor?... não zombão de si mesmo aquelles, que zombão d'ellas?...

E comtudo elles se riem sempre!...

Paciencia; soffrerei tudo em silencio; e se isto não é um tormento passageiro; se o meu amor tão novo, tão puro, tão extremoso foi morto por um ingrato, guardarei os restos d'elle no coração, chorarei com a minha alma de joelhos ao pé d'esse coração, que foi a um tempo o berço e a sepultura d'esse amor, como uma mãe extremosa chora abraçada com a urna onde guarda os ossinhos de seu primeiro filho.

Tenho a cabeça perdida... falta-me ás vezes o ar... ás vezes os cabellos me pesão...

A sociedade me aborrece... que tenho eu com os prazeres de toda essa gente?... ninguem me comprehende lá. Desejo estar só... muito só, conversando com as minhas saudades.

Agora a minha amiga é a noite; quando a lua é cheia e o tempo está sereno, eu passo horas inteiras reflectindo á janella de meu quarto.

Nunca me acho só n'essas horas; em baixo, no jardim, os favonios conversão com as flôres ao mesmo tempo que eu fallo com o meu coração.

As flôres respondem aos favonios com a exhalação de seus perfumes, como o coração me responde com as suas saudades.

E' assim que passo as noites; os dias são muito tristes, porque já perdi meus antigos prazeres.

Nem mesmo a musica me agrada... se vou tocar, páro no meio de uma harmonia para embeber-me toda em um pensamento, que ella desafia.

Não posso cantar... quasi sempre choro. Agora, por exemplo, sería occasião de ir ouvir o velho Rodrigues cantar suas velhas balladas; era a hora da sésta. Não irei.

Mas... lá sôa a sua voz; elle canta...

E' o romance do botão de rosa...

Eu vou...

### XIII

Já comprehendi tudo.

A intriga me sepára do homem que amo; a calumnia me nodôa... tudo está revelado.

Minha tia fez crêr ao modesto mancebo que o seu amor me affligia; que eu suppunha a minha reputação em perigo; que *elle* era pobre, e por isso indigno de mim.

Fechárão em meu nome as portas do Céu côr de rosa no rosto do nobre mancebo. Oh! como não terá elle amaldiçoado a primeira hora em que me vio!

- Todavia... antes assim...

Não sei quaes sejam os designios de minha *tia*; agora porém sinto-me com forças de assoberbar a tempestade.

Sequem as minhas lagrimas.

Calumnião-me?... querem separar-me d'elle por meio da intriga?... pois bem; direi bem alto que o amo, que ro que todos oução — eu o amo!

Amo-o tanto como amei já as meiguices de minha mãe, e a benção de meu pai, e como amo ainda agora a memoria de ambos.

E' um amor puro e santo, que sahe do amago do coração, como um pensamento sahe dos seios d'alma.

E' um amor puro e santo que embelleza a minha vida, como a aurora que se vai sorrindo no céo, como um sorriso, que se vai abrindo nos labios!...

Oh! volta, meu amado, volta!

Volta, para que eu seja outra vez como uma flôr que se desabotôa...

Volta para que eu não seja por mais tempo como a pomba, que geme solitaria.

Volta!... eu te amo.

---

Quando o mancebo terminou a leitura da historia do amor da Bella Orphã, sentio que uma revolução profunda e completa se havia operado em todos os seus sentimentos.

A paixão prorompia de novo; o fogo mal amortecido pela intriga flammejava com dobrado impeto.

Os olhos de Candido brilhavão, suas faces pallidas estavam enrubecidas, e seus labios se dilatavão e sorrião-se ante o aspecto da felicidade.

Beijou mil vezes aquellas paginas, que guardavão os pensamentos, e por onde havião-se deslizado os delicados dedos da Bella Orphã; apertou-as contra o coração exclamando:

— Eu sou feliz!... eu venço o meu destino!...

Lancou mão da penna, e começou a escrever com o ardor e o interesse de um poeta apaixonado.

O que escrevia elle?

Ao romper do dia Candido achava-se adormecido junto da mesa onde escrevêra.

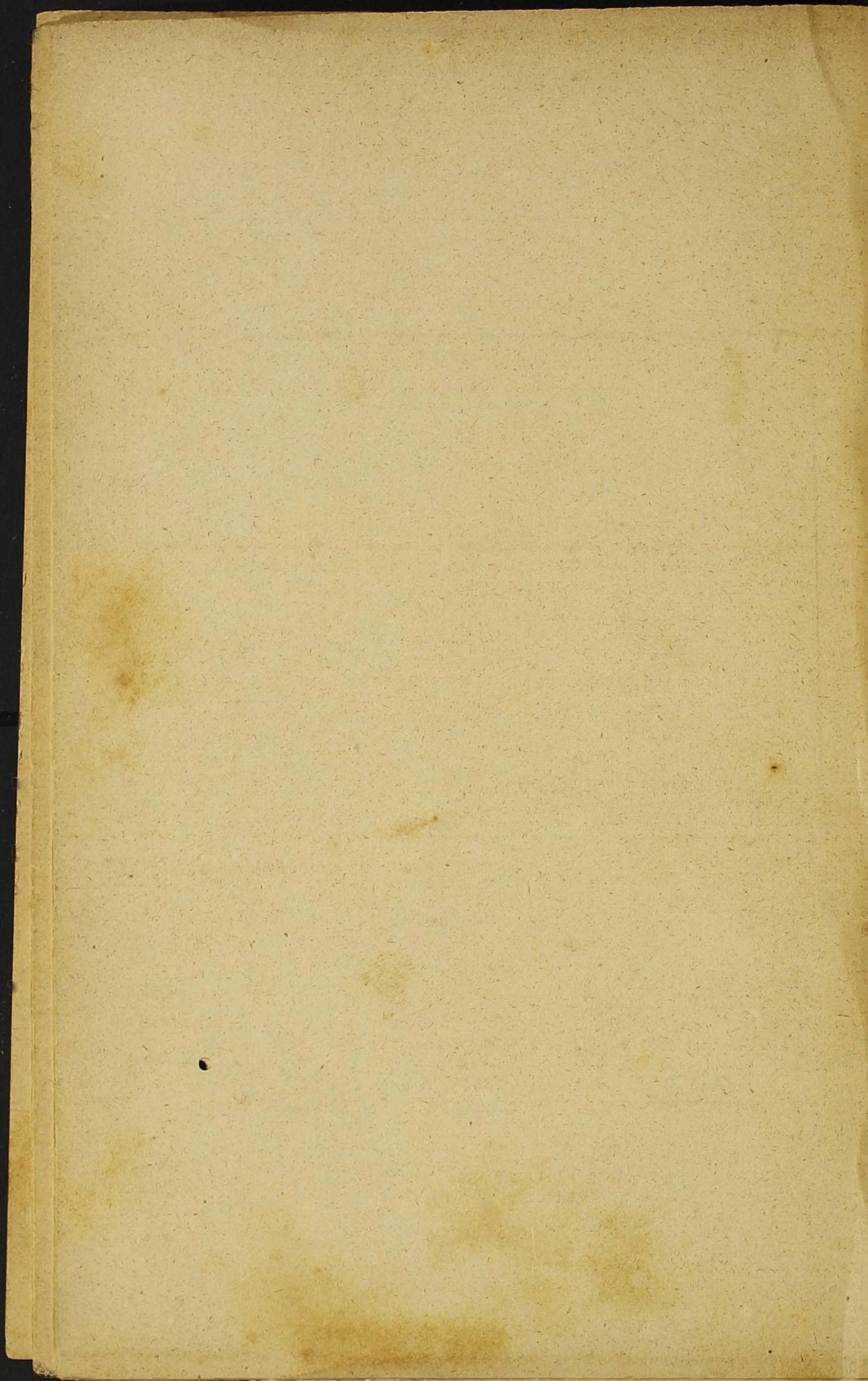
Despertou de repente ao zunido do vento.

Começava a bramir uma tempestade... o céu estava escuro ; a chuva prestes a cair.

Candido vio então os seus papeis desordenadamente espalhados pelo chão ; alguns rolavão já pela escadinha do velho sotão ; correu a apanhal-os, e a pôl-os em ordem.

Achou todos, achou mesmo toda completa a historia do amor da Bella Orphã.

Mas não achou o que elle havia escripto na noite que acabava de terminar.



## XI

**Eu o exijo! — senão...**

Ao tempo que o amor de Candido e da Bella Orphã vacillava entre duvidas, e ia vivendo a vida de todos os primeiros amores, ora animando-se com um sorrir de esperança, ora estremecendo diante de uma chimera, de um receio, ou de um fraco contratempo, caminhava o amor de Henrique e de Marianna ao seu desejado termo.

Poucos dias faltavão para que viesse o hymeneu coroar aquella constancia, com que se havião sabido amar os dous.

Aproximava-se a noite do dia em que o joven do Purgatorio-trigueiro despertára ao bramir da tempestade.

Succedêra a uma manhã feia e borrascosa uma tarde

amena, fresca e bella : o céu estava claro, a atmospherá leve, a natureza em horas de magia.

Marianna achava-se só na sala do Céu côr do rosa ; Anacleto sahira ; Celina tinha ido despedir-se do dia entre as flôres do seu jardim.

Meio deitada no sophá, em voluptuosa abandono, com os olhos quasi completamente cerrados, com os labios levemente dilatados pelo mais gracioso dos sorrisos, a interessante viuva contemplava em sua imaginação, o quadro da ardente felicidade que a esperava ; fruia de antemão todos os prazeres, todas as delicias com que durante tão longos annos debalde sonhára.

Seu mundo estava ali... dentro d'ella ; dentro d'ella, em sua imaginação, reunia em bello grupo todos os entes que amava ; conversava com elles, sorria-se para seu pai, recostada ao seio de Henrique.

Nem uma só nuvemzinha escura n'aquelle immenso céu bello e sereno que estava creando ; era uma d'essas horas magicas, que em vão se procura nos dias que se passa na terra, horas que se vive meio-dormindo, meio-acordado, quando se está só, e se está sonhando...

Era uma d'essas viagens encantadas, viagens longas, de dezenas de annos, e de milhares de legoas, que se faz com os olhos fechados, com o sorriso nos labios, sem mudar de posição, e ás vezes em uma só hora, em cinco minutos, ou mesmo em rapidos instantes.

Estava pois Marianna embebida n'aquelle mar de gozos immensos, n'aquelle mundo de abstracções delectosas, quando...

Talvez mesmo passava n'esse momento por diante de seus olhos a mais cara de suas imagens ; porque ella apertou as mãos com indizível ardor contra o coração, e exhalou um anhelante suspiro : quando soou o rodar de uma carruagem, que parou á porta do Céu côr de rosa.

A viuva soltou um pequeno grito, e ergueu-se inopinadamente.

O mundo abstracto acabava de esvaecer-se; a realidade fria e pesada chegava.

O rosto expansivo e bello de Marianna contrahia-se dolorosamente.

Tinha reconhecido o rodar d'aquella carruagem: aquella carruagem trazia-lhe um tormento sempre que parava junto do alpendre do Céu côr de rosa.

— A porta da sala abriu-se.

— O. Sr. Salustiano; disserão.

— Que entre; murmurou a viuva.

E o rosto de Marianna tomou uma nova expressão; tornou-se frio, mas socegado.

Salustiano entrou, e veio sentar-se junto da viuva,

Encontravão-se ainda uma vez a sós esse homem, e essa mulher que se aborrecião tanto.

— Parece que um anjo bem-fazejo me protege, disse Salustiano: sempre que desejo fallar a V. Ex. sem testemunhas, uma occasião propria se me offerece.

— Hoje então...

— V. Ex. se admirava talvez de me não vêr ha muito tempo, não é assim?... perguntou sorrindo-se o manchebo.

— Oh! não; respondeu seccamente Marianna; V. S. deu-nos o prazer de passar comnosco o ultimo serão; foi ainda ha dous dias...

— A resposta não parece das mais lisongeiras; mas tambem é porque me não fiz comprehender; eu dizia que V. Ex. talvez já se admirasse de me não vêr procurar alguns momentos em que pudesse fallar-lhe a sós.

— Tambem não: pensava ao contrario que V. S. já tinha exigido de mim tudo quanto exigir podia, e que

pela minha partê eu já me havia mostrado obediente de mais.

— Demos que assim fosse; não quereria pore[m] V. Ex. pedir-me a entrega de alguma cousa, que julgasse pertencer-lhe?...

— Confesso que não pensava em tal : confiava na sua honra, e julgava que não seria preciso pedir-lhe o que o dever ordenava a V. S. que me entregasse.

— Oh! mil vezes agradecido; V. Ex. pela primeira vez em sua vida parece acreditar na honra do mais humilde de seus escravos.

— Senhor... de que serve aqui a ironia?

— Já vejo, minha senhora, que conserva todas as suas antigas disposições; ama a verdade, e a singeleza sobretudo.

— Entendamo-nos, senhor, disse Marianna com sangue frio : devo crêr que não simplesmente para zombar de mim, que teve a complacencia de vir hoje a esta casa.

— Oh! não, por certo.

— Pois então fará o obsequio de explicar-se : estamos sós : o que quer de mim ainda?...

— Primeiramente eu vinha depositar aos pés de V. Ex. os mais sinceros parabens pelo seu proximo casamento.

— Agradecida.

— Oh! eu tenho uma inveja desesperada de um noivo de moça bonita : acreditará V. Ex. ? . . estou louco por casar-me.

— Felizmente para V. S. o remedio é fácil.

— Então aconselha-me?...

— Que se case.

— Esse é o meu desejo, certamente; e como em V. Ex. se concentra toda a minha esperança, eu não hesitei em correr a seus pés...

--- Senhor...

— Fallemos com clareza : não ignora, que amo a sua sobrinha.

— Sei ao mesmo tempo que minha sobrinha não o ama.

— E' verdade : disse com sangue frio immenso Salustiano : e se eu tivesse podido agradar á Bella Orphã, acredite V. Ex. que dispensava completamente a sua intervenção.

— E não tendo podido agradar-lhe, senhor, a minha intervenção será sempre improficua.

— Tenho a certeza do contrario.

— Estou hoje convencida de uma verdade que V. S. adivinhou antes de todos ; minha sobrinha ama já.

— E' uma difficuldade, convenho ; mas...

— Queria por acaso ligar-se a uma senhora que amasse a outro ?...

— Sua digna sobrinha, minha senhora, tem a educação da virtude.

— Oh ! mas a educação da virtude, abafa, porém não mata nunca o amor ! a mais nobre, a mais pura das virgens, que se desposasse com um homem, amando ao mesmo tempo a outro, sem querer, a despeito de esforços inauditos, seria infiel na alma a seu esposo.

— Mas uma virgem christã...

— Uma virgem christã não desposa o homem, que não ama. Deos prohiibe esses laços sem nobreza : são laços illegitimos : em tal caso, ou não ha verdadeiro casamento, ou o casamento é um sacrilegio.

— Quantos sacrilegios tem portanto havido n'este mundo ?... disse Salustiano.

— Não é uma razão para que continuem a havêl-os.

— Póde ser que V. Ex. tenha toda razão ; tornou o moço descansando uma perna sobre outra : mas o peor

é que, ou eu me engano muito, ou me acho desesperadamente apaixonado; e conseguintemente surdo á voz da razão, cego á luz da verdade, vinha dizer a V. Ex. que eu teria o maior prazer d'este mundo, se no dia do seu casamento se assignassem as escrituptas do meu.

— Creio que não conseguirá o que pretende: minha sobrinha é mais forte e decidida do que parece, e meu pai ama-a muito para querer sacrificar-a.

— V. Ex. nada fará por mim!...

— Eu não posso fazer nada.

— Sejamos francos, minha senhora: pela ultima vez, sejamos francos; demos cartas para jogarmos a ultima partida.

A voz de Salustiano tinha mudado de tom, como seu rosto tomára uma expressão physionomica toda nova; era o senhor que se erguia diante da escrava.

No semblante de Marianna apenas uma ligeira contracção dos musculos labiaes atraçou seus padecimentos interiores.

— Sejamos francos, disse Salustiano; eu sei que a minha presença n'esta casa é incommoda a todos; sei que seu pai me aborrece, que sua sobrinha me despreza e que a senhora me odeia, como a victima odeia o algoz.

Marianna não pronunciou uma só palavra, não fez mesmo o menor signal, o mais leve movimento para desmentir Salustiano.

O mancebo proseguio:

— E no entanto, senhora, tudo parece ser disposto por um poder superior para que eu me ligue a esta casa.

— Poderes superiores, senhor, concebem-se de diversas naturezas; observou Marianna.

— Um feliz acaso, já o tenho dito muitas vezes, conti-

nuou Salustiano, pôz a mais soberba e orgulhosa das mulheres sob a dependencia do mais fraco e humilde dos homens.

— Que humildade !...

— Mas tudo devia ser compensado ; e assim como esse feliz acaso me deu aqui o character de senbor, o meu coração e o meu amor me faz curvar a cabeça como um escravo.

— E o que mais ? o que mais ?...

— Eu vim mesmo encontrar n'esta casa recordações da minha infancia : ha alguns mezes um velho occupa aqui o lugar de guarda-portão, e esse velho, senhora, vio-me nascer, vio-me crescer, e apenas depois da morte de meu pai deixou a minha casa.

-- E' possivel?! exclamou Marianna : um traidor ! um espião !..

— Não ; nada de injustiças, respondeu Salustiano ; eu e esse homem não fomos nunca amigos ; e, além d'isso, acho-me hoje no caso de poder dizêl-o ; porque tenho sabido velar por meu amor ; o velho Rodrigues é protector do joven Candido ; elle entra todos os dias no Purgatorio-trigueiro, e, ou o ciume não sabe adivinhar segredos, ou esse maldido velho tem concebido o pensamento de ligar o seu protegido á Bella Orphã.

— Emfim, senhor...

— Emfim, senhora, estamos hoje dependendo um do outro : somos dous furiosos inimigos, que uma dependencia mutua pôde tornar amigos devotados. Uma palavra diz tudo : um documento por uma mulher, senhora !...

— Que audacia !...

— Trocaremos, no mesmo dia, a mão de uma joven bella por meia folha de papel de peso.

— Que sarcasmo !...

— Oh!... mas não é simplesmente meia folha de papel de peso! é um nome que se póde atirar ao meio da rua... é uma reputação que se pode nodoar para sempre...

— Senhor!...

— Escolha.

— E' uma infamia!...

— Embora; fará com que sua sobrinha seja minha esposa?...

— Nunca.

— Bem : vingar-me-hei.

— Embora! exclamou Marianna com ardor; já me tenho curvado de mais, já tenho arrastado meu rosto pela terra muitas vezes, já tenho compromettido a salvação de minh'alma : minh'alma que se purgue de seus erros, que expie suas culpas na humiliação e nos tormentos que me esperão!

— Oh! como lhe parecer.

— Já tenho sido fraca de mais! minha reputação... não tem sido ella quasi que nodoada já? não consenti por ventura, que se persuadissem que eu amava um homem que aborreço, eu, mulher casada, não passei por namorada de um moço sem nobreza? não se lembra senhor, d'essa terrivel noite em que um cravo rajado passou de meu peito para seu seio?... que disserão todos? disserão uma calumnia; mas quem teve culpa d'essa calumnia foi a minha fraqueza.

Salustiano levantou os hombros e sorrio-se.

— Ainda ha poucos dias, senhor, para não revolver mais o passado, ainda ha poucos dias não pratiquei uma indignidade?... não calumniei minha innocente sobrinha fazendo um honrado mancebo acreditar, que ella o desprezava por ser pobre? não bati com a porta de minha casa no rosto d'esse mancebo?... oh! o que quer mais?... o que pretende ainda?... devo eu ser

miseravel toda a minha vida? não repara que uma vida assim é pesada como um fardo enorme? não! não! e não!... faça o que lhe parecer: perca-me, mas pela minha parte basta de humilhar-me ante um homem sem generosidade.

— Bem, disse com frieza Salustiano; posso então fazer da carta que pára em minhas mãos o uso que me parecer?...

— Que indignidade!..

— Não responde?

— Faça o que quizer.

— Oh! vê-se bem que a senhora não se lembra do que escreveu ha vinte e um annos passados!

— Senhor!

— Cuida que n'esse papel existe apenas a confissão de uma falta que ás vezes o mundo desculpa?... não, senhora! ali se confessa um erro e um crime!

— Senhor!...

— Um crime que horrorisa a natureza... um crime pelo qual a justica de Deos ha de condemnal-a a penas terriveis, e a justiça dos homens póde arrastal-a ao banco dos condemnados, ao carcere, ao patibulo mesmo!

— Senhor...

— Oh! quem diria que esta mulher orgulhosa e insolente, que se apresenta em toda a parte com a cabeça tão levantada, carrega sobre a cabeça o mais horrivel dos crimes?...

— Miseravel!

— Sim... sim... miseravel embora; mas este miseravel póde apparecer com o rosto descoberto!... senhora, tudo está decidido: eu rompo o seu casamento, eu mato a sua ventura, eu vingo-me!

Marianna arquejava.

— Primeiro irei ter com o homem, que loucamente lhe ama, e mostrar-lhe-hei a sua carta... ou... se não... ah!... que idéa!...

O mancebo soltou uma risada: Marianna não achou em seu furor uma palavra para dizer-lhe.

— Tudo póde acabar em paz, minha senhora, disse com fingida amabilidade Salustiano: não haverá nem banco de condemnados, nem carcere, e muito menos patibulo; a senhora casarse-ha com aquelle que ama, e eu desposarei a joven que adoro.

Marianna ficou olhando, e o terrivel moço proseguio:

— Dispensó tambem a sua intervenção; achei um bello meio... que estupidez a minha!... deveria têl-o ha mais tempo lembrado: apparece apenas um inconveniente: ha um velho que talvez morra de degosto... paciencia.

Marianna estremeceu.

— A' manhã, senhora, terei uma hora de conferencia com o honrado, austéro e amoroso Sr. Anacleto: quando eu o daixar só levarei a certeza de ser o esposo de Celine, e elle ficará mudo e terrivel, pallido como um cadaver, e se fallar, fallará para amaldiçoar sua filha.

— Oh!...

— Porque elle ha de saber (ha de saber pela propria letra da senhora), que a filha de seu coração, que a orgulhosa e bella Marianna, no meio das mil loucuras de seus primeiros annos, amou um homem... e amou tanto... tanto... tanto... que perdeu-se por elle!...

Marianna escondeu o rosto entre as mãos.

— Ha de saber mais, que depois de commettida a primeira falta, commetteu ainda um crime abominavel; ha de saber que sua filha, em resultado de um momento de embriaguez, tinha de ser mãe; que inspirada pelo demonio, não o foi não; foi mãe... porque... porque...

— Oh!... bradou Marianna.

— Porque matou seu filho.

Succedêrão a essas terriveis palavras alguns momentos de silencio : Marianna estava convulsa, tinha os labios pallidos, o rosto cadaverico, as mãos estendidas para diante, e tremulas como se quizesse defender-se de algum objecto ; e com os olhos pasmos e terriveis, parecia talvez estar vendo diante d'ella a imagem do filho que havia assassinado.

Depois de algum tempo ella murmurou fracamente.

— Infanticidio... infanticidio...

Soltou um grito, e desatou a chorar.

Salustiano, insensivel e silencioso, esperou muito tempo que Marianna socegasse un pouco. Quando a vio menos sobresaltada, disse-lhe :

— Então, senhora?...

— Perdão, senhor ; balbuciou a desgraçada pondo-se de joelhos.

Salustiano ergueu-a, fêl-a sentar e continuou :

— Nada do que ouvio será sabido : no dia em que eu me casar com sua sobrinha, queimaremos juntos a carta fatal.

— Mas o que é que eu devo fazer?... perguntou a misera viuva.

— Primeiramente fazer com que esse mancebo que mora no Purgatorio-trigueiro, desapareça d'estes logares ; conseguir d'elle uma carta para sua sobrinha ; carta em que se apague toda a esperanza de amor.

— Oh ! mas isso é impossivel.

— Nada é impossivel, senhora.

— Porém de que modo conseguir isso?...

— Uma mulher que se ajoelha e chora aos pés de um homem, consegue tudo, principalmente quando esse homem é um moço.

Marianna abaixou a cabeça.

— Depois, prosequio Salustiano, convirá que seu pai se interesse a meu favor, convirá que a Bella Orphã ouça os seus conselhos, e até os seus rogos; e, em ultimo caso, é preciso que se imponha.

— E se ella resistir?...

— E' uma criança; resistirá ao principio, chorará depois, e cederá no fim.

— Está bem.

— Não voltarei a esta casa, concluiu Salustiano levantando-se, senão na vespera de seu casamento, e então... ou se hão de assignar as escripturas do meu, ou... a senhora o sabe...

Salustiano sahio.

— Meu Deos!... meu Deos!... exclamou Marianna dolorosamente; eu não pensava que a minha desgraça fosse tão grande!... eu não me lembrava de ter escripto a confissão do ultimo crime!... Oh!... isso foi loucura... e a loucura que me fez escrever tal, é o primeiro castigo da Providencia!...

. . . . .  
Quando Salustiano deixou o Céu côr de rosa, o velho Rodrigues estava socegradamente sentado na porta do alpendre... mas não cantava como de costume.

---

## XII

### No jardim.

N'essa mesma tarde, em que Marianna fôra perturbada, e arrancada do seu bello sonhar de alegres phantasias pelo rodar de uma carruagem, e ao mesmo tempo que na sala tinha lugar uma scena dolorosa e terrivel, no jardim do Céu côr de rosa outra se apresentava mais doce, mais terna, mais cheia de esperanças.

Celina, fiel aos innocentes amores de sua infancia, pois que, como ella dizia, tinha amado n'essa idade feliz o primeiro raio do sol e as flôres, estava sentada no banco de releva do caramachão, melancolica e pensativa.

Tinha na mão direita um botão de rosa, que acabava de colher; ás vezes olhava para elle e suspirava; ás vezes deixava cahir a cabeça e meditava; ás vezes em-

fim, córando de si mesma, erguia a cabeça e lançava os olhos para o lado esquerdo...

Ao lado esquerdo, e dominando o caramanchão, estava uma pequena janella do sotão do Purgatorio-trigueiro.

Celina era uma d'essas jovens de imaginação viva e ardente, que a natureza cria como para serem estrellas do céo dos poetas. Essa viveza, esse ardor de imaginação transpirava em tudo...

Aquelle sonho do botão de rosa... aquelle coração que se escondia em um envoltorio tão innocente e tão puro... aquelle amor começado por uma oração; aquelles laços que se tinham apertado aos olhos de Deos e á face de um tumulto; aquelle historia que ella mesma escrevêra em uma hora de feliz melancolia, tudo emfim demonstrava, que na alma d'essa moça havia o quer que seja de poesia, de amor do bello, *de modo de vêr* de artista.

Mas se essa viveza, se esse ardor de imaginação era ainda um encanto de mais na Bella Orphã; encanto que a tornava dobradamente encantadora, era ao mesmo tempo uma lente magica, que agigantava seus infortunios e seus pezares.

A imaginação faz do poeta o mais feliz, e ao mesmo tempo o mais desgraçado dos homens; porque na fruição de prazeres, e no soffrimento dos desgostos o poeta goza mais do que ha, e soffre o dobro do que em realidade existe.

Celina achava-se n'este caso.

E ella n'essa tarde, como em todas as dos ultimos dias, estava sentada no banco de relva do caramanchão meditando tristemente, quando a passos vagarosos e com semblante prazenteiro se aproximou do lugar, onde se achava a moça, o velho guarda-portão.

Celina olhou para elle com doçura, e quasi com esperanza : aquelle homem de ordinario acertava de lhe fallar sobre o joven do Purgatorio-trigueiro.

— Sempre triste !... disse o velho.

— Pois então... murmurou a moça, devo acaso estar alegre ?...

— Digo que não ha razão... para tão longas melancolias.

— Quando talvez julgão mal de mim... disse córando a Bella Orphã.

— Elle já conhece toda a verdade.

— Quem lh'a expoz ?...

— Não fui eu.

— Mas quem foi ?...

— Senhora, abusárão de um segredo... roubárão-lhe uns papeis... uma historia de amor...

— Meu Deos !...

— N'essa historia do seu amor a sua justificação estava completa...

— E então...

— Aquelle que lh'a roubou levou-a ao Purgatorio-trigueiro, e entregou-a ao Sr. Candido...

— Oh !...

— Elle portanto não póde mais julgal-a ingrata e má : a sua historia contou-lhe tudo.

A Bella Orphã levantou a cabeça, e com o rosto todo rubor de vergonha, exclamou ajuntando as mãos :

— Porém de hoje em diante julgar-me-ha leviana... sem nobreza de sentimentos... sem modestia... talvez mesmo sem este pudor, que agora me está queimando o rosto !!!

— Não, não, respondeu o velho ; o Sr. Candido tambem sabe, que se póde furtar papeis.

— Como ?...

— Depois que elle acabou de lêr a sua historia escreveu quasi toda a noite, e adormeceu sobre a mesa onde escrevia : a tempestade d'esta manhã o despertou, e quando o pobre moço foi pôr em ordem os seus papeis, achou de menos um...

— Qual ?

— O que elle tinha escripto depois de lêr a sua historia.

— E quem o furtou ?...

— A velha Irias, senhora.

— Oh ! mas com que fim ?...

— Para pagar-me o trabalho de lhe haver furtado a sua historia.

— Ah ! Sr. Rodrigues...

— Nada de reprehensões ! disse o velho interrompendo Celina ; a senhora e aquelle mancebo são meus filhos... eu amo a ambos, e quero que ambos se amem.

A voz do velho Rodrigues teve n'aquelle momento um não sei que de tão doce e tão solemne, que a Bella Orphã abaixou a cabeça, e ficou em silencio por algum tempo.

Finalmente, não se achando com animo de reprehender o guarda-portão, Celina contentou-se com dizer em voz muito baixa :

— Mas agora... a minha historia... eu a quero.

— Eis o que pude obter... disse o velho tirando uma folha de papel do bolso, e entregando-a a Celina.

A moça recebeu automaticamente o que lhe dava Rodrigues, e vio que logo depois o bom velho se retirava como chegára, com passos vagarosos, mas com semelhante socegado e prazenteiro.

— Os meus papeis !... a minha historia !... exclamou Celina logo que se vio só.

E abrindo o que lhe deixára o velho Rodrigues, de

repente soltou um pequeno e abafado grito de admiração.

Ficou muito tempo hesitando : córou e empallideceu, e hesitou de novo muito tempo ; mas, finalmente, leu.

A imaginação ardente de Candido tinha produzida um canto arrebatado, e cheio de fogo : a historia do amor da Bella Orphã havia arrancado o coração do mancebo do abysmo de profunda tristeza, onde arquejava, e feito raiar em sua alma o bello sol da esperança com esses raios puros e brilhantes, mercê dos quaes a vida do homem parece nadar em mar de luz, de magia, e de supremos gozos.

Os entes privilegiados em quem a natureza accendeu essa chamma sagrada, a que se dá o nome de poesia, amão, cultivão o objecto de seus amores, aborrecem, e demonstrão o seu aborrecimento de um modo especial, de um modo que é só d'elles, e de seus irmãos no engenho. Os artistas e os poetas amão, e vingão-se como nenhuns outros no mundo : amão e vingão-se com a penna, com o pincel, no papel e no marmore... immortalisão seu amor, e sua vingança.

A's vezes uma hora de fogo para esses homens é mais proficua do que um seculo para os outros.

Candido tinha tido uma d'essas horas felizes ; derramava enchentes de poesia no cantico da esperança, e convertêra em hymnos de amor seu coração agradecido.

Celina havia começado a lêr receosa e tremula ; pouco depois o fogo que animára o poeta, foi ardendo tambem na alma da virgem, que finalmente cedendo aos impulsos da natureza, acabou por lêr com paixão e enthusiasmo, os juramentos de amor d'aquelle, que ella amava tanto.

Quando a Bella Orphã chegou ao fim da ultima pagina, era já a hora do crepusculo, hora voluptuosa e phantastica, em que não é dia nem noite, hora de sonhos e de chi-

meras certamente ; sonhos e chimeras porém, que todas as realidades d'esta vida não podem pagar nunca.

Celina docemente recostada no banco de relva do caramanchão ficou meditando muito tempo : não via mais os arbustos cobertos de flôres, que tinha diante de si ; não ouvia mais o ruído que fazia o favonio brincando com as flôres ; estava vivendo no mundo encantado da imaginação ; estava vendo a figura graciosa de Candido, vibrando as cordas de sua harpa, e ouvindo sua voz harmoniosa e terna entoar o canto do poeta amoroso, como na noite de seus annos :

« Iguaes são no fado que tem a cumprir,  
« Iguaes n'um mysterio a bella e a flôr ;  
« Se a flôr tem perfume, que o prado embalsama.  
« E' delio perfume da bella o amor.

Os olhos da bella moça ora se fitavão sobre um objecto, que ella então nem via, ora vagavão indifferentes e incertos... até que uma vez...

Celina fez um movimento e lançou os olhos sobre a janellita do Purgatorio-trigueiro... a janella estava aberta, e junto d'ella um joven bello e gracioso embebia suas vistas na encantadora figura da moça... era elle... era Candido.

O filho adoptivo de Irias havia chegado á fresta da janella, vira a Bella Orophã lendo, conhecêra os seus papeis, e arrebatado de prazer e de enthusiasmo abriu a janella, e tinha ficado em terno extasis, devorando com olhares ardentes os encantos d'aquella que adorava.

Celina ergueu-se um pouco... não mostrou nem pejo nem espanto : Candido lhe apparecia em um momento de fogo immenso de imaginação : nem ella nem elle estavam em si : o poeta e a bella acima do mundo... acima

dos homens, vivião n'essa hora, no espaço encantador que as almas habitão em completa independencia da materia.

Com os olhos fitos um no outro, como dous magnetizados, com os labios dilatados por doce e terno sorriso, elles ficárão olhando-se muito tempo... muito tempo... vivendo, amando-se, gozando-se pelos olhos!

Nem uma palavra de seus labios... nem um movimento de seus braços... para que?... o que poderião dizer e significar elles?...

As almas de ambos patenteavão-se, conversavão, juravão de mil modos um amor puro e celeste n'aquelle olhar fixo e ardente, com que os dous amantes se estavam devorando.

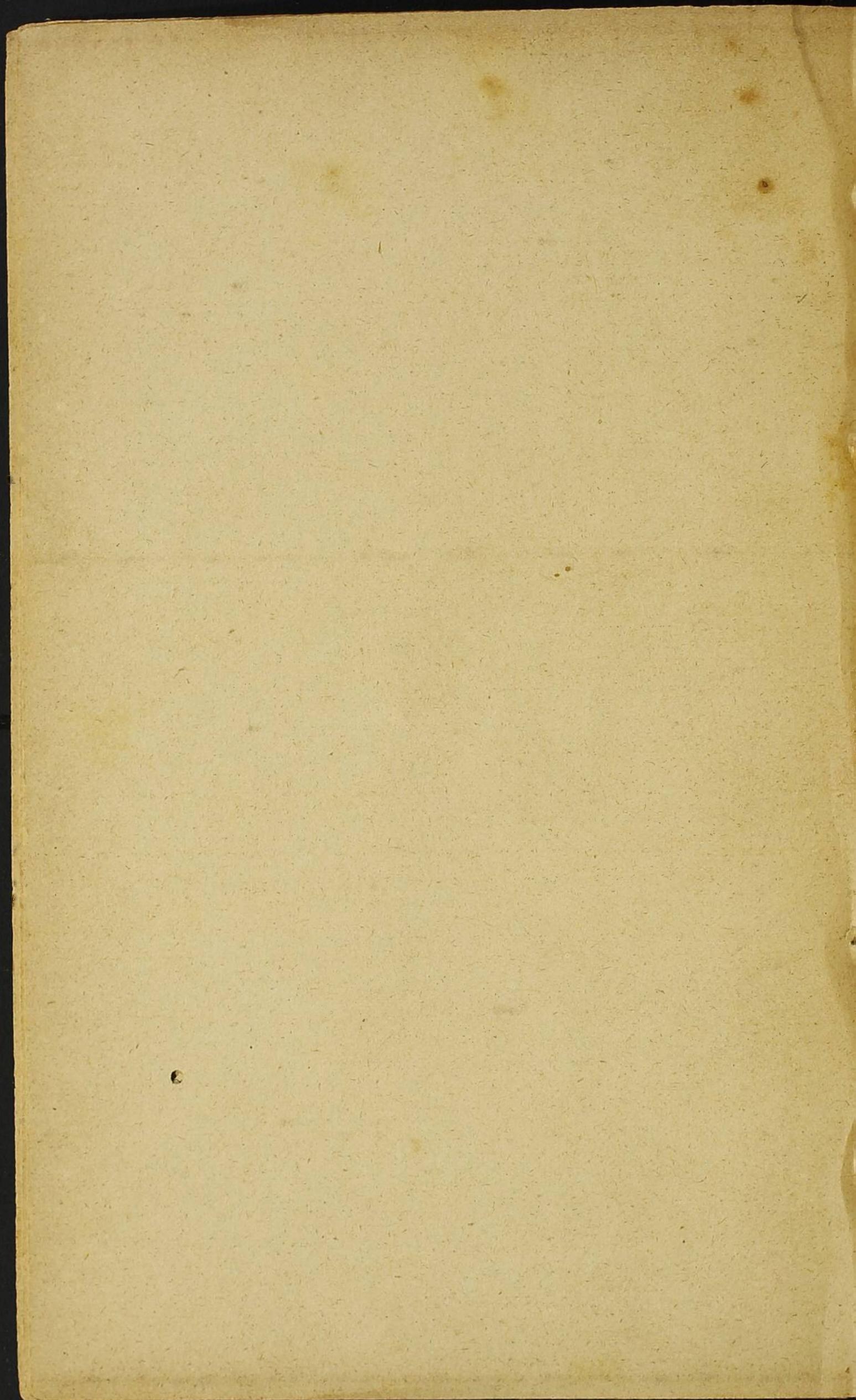
O magnetismo de amor os dominava.

A' face do céu e á luz do crepusculo celebrava-se ali um hymeneu encantado.

O templo era o jardim : amor era o sacerdote, as testemunhas erão os favonios e as flôres.

Os noivos erão aquelles dous corações; desde esse momento Candido e Celina ficavão sendo esposos na alma : não se havião dado as mãos; mas tinhão-se enlaçado pelos olhos.

---



## XIII

### O anniversario.

A'quelle dia tão cheio de acontecimentos de immensa importancia para os amores de Marianna e Celina, tinha de seguir uma noite não menos fertil ainda.

Erão oito horas.

A voz da velha Irias acabava de chamar a Candido para cear.

O mancebo, alegre como nunca o estivera em toda sua vida, desceu as escadas do velho sotão, e entrando na saleta do Purgatorio-trigueiro, encontrou sua mãe adoptiva risonha e prazenteira, como em nenhuma outra noite se mostrára a seus olhos.

Era talvez uma noite de festa aquella que se estava passando na pobre casa; sobre a mesa havião dous pratos de mais; contra todos os antigos habitos uma garafa de

vinho, e dous copos se apresentavão aos olhos de Candido; e para que nada faltasse, um vaso de flôres naturaes a mesa.

— O que é isto, minha mãe?... perguntou Candido sorrindo-se.

— E' uma noite de prazer, meu filho, respondeu a velha; e graças a Deos que o teu rosto se está parecendo com o meu coração; sorriem-se ambos. Estás alegre hoje?...

— Oh! muito! muito!... tanto que tenho medo do meu prazer.

— Porque?...

— Porque receio sentir-me dobradamente infeliz ao depois.

— E qual é o motivo de tua inesperada alegria hoje?...

— Minha mãe, eu vos peço perdão; mas é um segredo do meu coração.

— Pois bem... eu o respeito.

— E será igualmente um segredo do vosso, o prazer que vos transpira no rosto, e que em tudo mais se demonstra em nossa velha casa?...

— Segredo ou não... eu t'ò direi.

— Quando?...

— Mais tarde.

— Bem... esperarei; mas dir-me-heis hoje?

— Sim; depois de cearmos.

— Pois ceieiros.

A velha e o moço sentárão-se, e começárão a comer com a melhor vontade.

— Minha mãe, disse Candido, nunca me senti tão feliz!...

— Nem eu tão alegre, meu filho; bemdito seja Deos?...

— Qual de nós terá razão?

— Nós ambos.

Acabado o primeiro prato, a velha encheu os copos, e disse :

— Candido, bebamos este copo de vinho pela causa do meu prazer e pela tua ventura.

— Oh ! sim ! minha mãe !...

— A' saude d'esta feliz noite ! exclamou a velha com as lagrimas nos olhos.

— Sim... sim ; e tambem á felicidade da tarde que passou !

Os copos esvasiárão-se.

A cêa prolongou-se até ás nove horas : a velha e o mancebo conversavão alegremente : nunca uma noite igual se havia passado no Purgatorio-trigueiro.

Quando terminada a cêa, a velha escrava de Irias acabava de retirar-se, Candido lembrou á sua mãe adoptiva a promessa, que lhe tinha feito.

— Já ceámos, minha mãe ; e eu estou ancioso por conhecer o vosso segredo.

— Ainda não... creio que ainda é cedo : que horas serão ?...

— Mais de nove.

— Pois espera até ás onze.

— Porque então ?

— E' uma puerilidade... quero começar a fallar ás mesmas horas, em que me batêrão á porta.

— Em que vos batêrão á porta ?...

— Sim.

— E para que ? perguntou Candido curioso.

— E' a minha historia... é o meu segredo.

— Vós aguçais a minha curiosidade, minha mãe ! ●

— Tanto melhor.

— Fallai por quem sois !

— A's onze horas da noite.

— E até lá o que farenos ?

— Eu, respondeu a velha, pensarei no presente que me trouxerão a essa hora.

— E eu ?...

— Tu... ora... tu podes muito bem pensar na tua ventura da tarde que passou.

— Dizeis bem, senhora !... exclamou o mancebo.

E fechando os olhos, com os labios dilatados pelo mais gracioso dos sorrisos... pensou em Celina, até...

Até ás onze horas da noite.

Quando os sinos derão o signal d'essa hora, Candido, como despertando de um somno feliz, exhalou um profundo suspiro, e, abrindo os olhos, vio Irias sentada diante d'elle :

— Onze horas ! disse o mancebo.

— Sim, é tempo, respondeu a velha ; eu vou fallar...

Irias e Candido respirarão e arranjarão-se em suas cadeiras, como se aquella tivesse de contar, e este de ouvir uma d'essas longas historias, que se contão nas noites de inverno : e a velha fallou :

— Ha vinte e um annos...

— Ha vinte e um annos ?!! exclamou o mancebo interrompendo Irias ; ha vinte e um annos ?!! não é essa a minha idade ?

— Creio que sim.

— A vossa historia tem pois relação...

— Saberás, se me quizeres ouvir.

— Fallai, disse Candido torcendo os mãos com vivos signaes de impaciente curiosidade.

A velha continuou ;

— Era noite ; mas não como esta, que vai indo fresca e bella com seu magestoso e claro luar : era uma noite de tempestade ; a chuva cahia a cantaros... os fuzis accendião com intermittencia cheia de temores um fogo

infernall, que cegava; os trovões fazião estremecer os moveis, e as casas...

— Má noite !... murmurou pensativo o mancebo ; má noite !... que presagio !...

— Que é isso ? disse Irias ; fazes te melancolico ?

— Não é nada ; continuai.

— Eu estava de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora das Dores... rezava tremendo pelos navegantes... e por mim : nossa escrava respondia ás minhas orações... a tempestade... a trovoada continuava cada vez mais horrivel, quando ás onze horas...

— A's onze horas...

— Uma mão pesada e forte bateu á porta de nossa velha casa... corremos ambas, eu e a escrava : « quem é ?... » perguntei.

— Abra pelo amor de Deos ; disserão da rua.

Abri.

Recuei espantada diante de um vulto que entrou : era um homem alto e envolvido em longa capa negra.

— Nada receie, disse elle sem se desembuçar.

— Quem é o senhor ? e o que quer de mim ?... perguntei.

Em vez de responder-me, o homem fechou a porta or onde acabava de entrar, e ao som dos trovões... perguntou-me :

— A senhora é christã ?

— Eu rezava quando o senhor bateu, respondi.

— Póde-se rezar e não crêr, tornou-me : pergunto se é christã, se sabe sêl-o.

Por unica resposta mostrei-lhe a imagem de Nossa Senhora das Dores, a cujos pés tinha eu estado ha pouco.

— Nossa Senhora das Dores ! exclamou o homem desconhecido ; o symbolo da maternidade ! a mãe de todos os homens !... de joelhos pois, senhora.

Eu me ajoelhei de novo diante da imagem ; e o desconhecido proseguio :

— Em nome da mãe de Deos, que é tambem, e principalmente, a mãe dos orphãos e dos pobres, acceita, mulher, como teu filho esta infeliz criança recém-nascida, que não tem por si no mundo senão o olhar piedoso, que do alto de céo está sem duvida lançando sobre elle a virgem...

— E tem tudo portanto ! accrescentei eu com o coração cheio de fé.

O desconhecido lançou para trás a capa, e entregou-me uma innocente criancinha recém-nascida, que acabava de fazer o seu passeio no mundo ao clarão dos relampagos, e ao som dos trovões.

Recebi-a de joelhos como estava ; era tão galante essa criança ! jurei amal-a como se tivesse sahido de minhas entranhas ; jurei pela Santa Virgem, que seria sua mãe.

A criança dormia tão socegada !

Olhei para a imagem da Senhora... pareceu-me que se sorria... que me estava animando com um olhar protector...

A chuva tinha parado... os trovões não se ouvião mais : era sem duvida um milagre de Nossa Senhora.

Examinei a criança... era um menino.

— Como se chama este menino ? perguntei.

— Ainda não tem nome.

— Que nome lhe darei ?

— O que quizer.

— Sua familia ?

— Pois não está vendo que é um engeitado ?

— Bem, eu o adopto ; é meu filho.

— Deos lh'o ha de pagar, disse o desconhecido : mas a senhora é pobre... eis-aqui com que pagar-lhe a ama : depois... se elle viver, uma mão mysteriosa cuidará em

sua educação ; como um amigo incognito velará por elle.

E deixando sobre a mesa uma bolsa cheia de ouro, o desconhecido envolveu-se de novo em sua capa, abriu a porta e desapareceu.

A noite já estava bella e clara ; bella e clara como o dia. Fiquei só com o menino.

— E esse menino, disse tristemente Candido, esse menino era eu.

— Examinei-o todo, continuou a velha ; e nem uma letra em suas roupinhas para designar sua familia, e nem um signal em seu corpo para fazê-lo conhecido de seus pais.

— Oh !... e minha mãe, senhora ? perguntou Candido.

— Abençoada seja essa noite, exclamou a velha sem attender a seu filho adoptivo : tu, Candido, foste crescendo ao pé de mim sempre bello, feliz e engraçado : de anno em anno, á mesma noite, ás mesmas horas, o homem desconhecido, embuçado em sua capa negra, vinha agradecer-me os cuidados que o meu amor gastava contigo, e deixar-me ora uma bolsa repleta de ouro, ora uma carteira contendo somma consideravel em relação ás pequenas despezas, que me obrigavas a fazer.

— E esse homem nunca fallou ?... nunca disse nada a respeito de meus pais ?...

— Nunca : e tu eras tão pequeno, que jámais me veio á lembrança contar-te a historia d'essa noite : depois, quando chegaste aos treze annos de idade, esse homem te veio arrancar do meus braços... e sabes quanto tempo estivemos separados !

— Oh ! eu o vi então ! esse homem de vestidos negros... eu me hei de lembrar sempre...

— Voltaste, continuou Irias, e é esta a primeira noite de teus annos, que passamos juntos depois da tua volta. Quiz referir-te o que se passou n'essa noite, que começando em tempestade, acabou tão bonançosa : oh ! foi uma bella noite ! bem feliz !... bem ditosa para mim.

— Anoite em que me enjeitárão!!! balbuciou o mancebo.

— Todos os dias agradeço a Deos a felicidade de me ter feito tua mãe, porque tu és a consolação e amparo da minha velhice.

— Obrigado, senhora.

— Porque tu me amas como eu te amo.

— E' certo.

— Porque tu me fazes ditosa, e has de ser ditoso tambem.

— Ah! quem sabe?!

— Has de sêl-o; a Senhora das Dores presidio á hora feliz em que te eu adoptei; tu és seu filho tambem... confia n'ella.

— E minha mãe!... exclamou o mancebo.

— E que outra melhor mãe do que ella?...

— Oh! nenhuma; mas aquella que me concebeu tem direito ao amor do meu coração!... oh! minha mãe!... minha mãe!... para que eu enxugue suas lagrimas se ella chora...

— Espera.

— Tanto tempo!!!

— Espera; confia na Santa Virgem, a quem te recomendei quando te recebi em meus braços; a Santa Virgem te mostrára tua mãe...

— Oh! que eu a veja!...

Batêrão na porta.

— Batem... disse a velha.

— Quando eu pedia minha mãe!...

Batêrão de novo.

— E' talvez elle...

— Quem?...

— O desconhecido.

Candido lançou-se para a porta, que se abriu immediatamente.

— Entrou um vulto preto.

— E' elle! exclamou a velha.

— Não, respondeu Candido; é uma senhora de mantilha.

## XIV

### A mulher de mantilha.

A mulher de mantilha que tinha acabado de entrar, ficára em pé e silenciosa junto da porta.

Trazia tão fechada a mantilha, que apenas se podia descobrir os olhos, que erão negros e brilhantes.

— Minha senhora, disse Candido, aqui está uma cadeira.

A desconhecida estendeu fóra da mantilha um braço perfeitamente torneado pela natureza, e com uma mão delicada e fina tomando a de Candido, puxou para si o mancebo, com voz muito baixa disse :

— Eu preciso fallar a sós com o senhor.

— Comigo ? a sós ?...

— Sim.

— Prefere conversar aqui mesmo, ou quer antes subir ao meu quarto ?...

— Prefiro o lugar onde mais livremente poder fallar-lhe.

A voz da desconhecida estava tremula : Candido pretendia debalde lembrar-se em que occasião, e onde tinha já ouvido uma voz, que se parecia com aquella : sentia ao mesmo tempo uma curiosidade immensa de conhecer essa mulher, que a taes horas e por tal modo o viera procurar.

— Minha mãe, disse elle voltando-se para Irias, a

senhora quer fallar-me sem testemunhas ; eu vos peço licença para subir com ella ao sotão.

— Meu filho, respondeu a velha, a casa é tua ; dá a mão á senhora.

Candido offereceu a mão á desconhecida, e a guiou pelo corredor á escadinha do sotão.

A velha acompanhou a ambos com um olhar curioso, que se podia traduzir assim : que mulher será esta ?... que relação haverá entre ella e Candido ?...

Uma unica e fraca luz estava accesa no sotão do Purgatorio-trigueiro ; e logo que ahi entrárão os dous, Candido ia accender outra vela, mas a desconhecida o susteve, e disse :

— Basta a que existe.

O mancebo comprehendeu que aquella mulher contra-fazia a voz : pretenderia ella não se dar a conhecer ?...

— Perdoai, senhora, a desordem d'este quarto, disse Candido.

A desconhecida, sem responder á desculpa que lhe dava o moço, tomou uma de suas mãos entre as d'ella, e apertando-a fortemente, perguntou :

— O senhor é sensível ?

— Prézo-me de o ser, senhora.

— Oh ! sim ; eu o sabia ; mas ha na natureza humana horas de inexplicaveis inconsequencias ; horas em que um coração dê malvado se dobra como a cêra ; e em que tambem, um coração sempre cheio de piedade, se mostra duro como a rocha.

— E o que pretende significar então com o que acaba de dizer ?...

— Quero saber que hora é esta para o seu coração ; porque eu preciso de toda a caridade de uma alma christã...

— Senhora... uma palavra diz tudo : eu chorava quando lhe ouvi bater á porta.

— Chorava ?

— Oh ! chorava lagrimas de amor.

— Senhor, seria uma indiscreção perguntar-lhe porque?

— Não, não; antes eu quereria dizê-lo a todos; eu chorava por minha mãe.

— Pois... eu pensava... o senhor...

— E' certo, exclamou Candido; é verdade ! eu sou um misero engeitado !

— Mas então...

— Oh ! é que, apesar de ser engeitado, houve forçosamente um homem, que foi meu pai, e uma mulher me concebeu ! esse homem, senhora, é já morto... disserão-m'o : eu sou orphão de pai ; mas minha mãe !... essa, diz-me o coração que ainda vive... e eu amo a com todo este fogo de amor, que Deos accendeu na minha alma !...

— Sem conhecê-la !...

— Que importa ? este amor não se gasta, não se esgota ; este amor é como o fogo do sol, sempre o mesmo, ou cada vez mais ardente ; quando eu encontrar minha mãe... oh ! que amar esse de então ! ! !

— E' assim... é assim... tem razão ; murmurou com voz commovida a senhora de mantilha.

— Uma mãe !... disse Candido ternamente ; uma mãe !... um ventre de mulher abençoado por Deos ! . oh ! senhora, a maternidade é tão sublime, é tão sagrada, que foi por ella que Jesus-Christo se pôz em contacto com homens ; foi pela maternidade que Deos salvou-nos !... amaldiçoado seja aquelle, que não ama a sua mãe.

— E chora?... perguntou a desconhecida chorando tambem.

— Oh ! sim ! eu choro... sempre, e muito.

— Porque, senhor ?...

— Porque eu me lembro que minha mãe póde ser desgraçada... porque talvez ella precise de um braço, a que se arrime para fazer a perigosa viagem d'este mundo,

e eu não a conheço, não lhe posso estender meu braço... enxugar-lhe as lagrimas... ou chorar com ella !

— E' assim !!...

— Quando, senhora, eu encontro por essas ruas uma pobre mulher doente... mendicante... exposta aos insultos da gente desmoralizada... sendo talvez o objecto do desprezo de muitos... quando de noite, aproveitando as trevas, eu vejo passar junto de mim uma mulher envolta, como a senhora, em negra mantilha, estendendo, vergonhosa, uma mão emmagrecida e tremula para receber a mais chorada esmola... e eu me lembro que tenho no mundo uma mãe, que é por força uma mulher, que não é impossivel que seja uma d'essas, que eu encontro ; senhora !... eu não sei n'esses momentos o que desejo... eu tóco quasi ao desespero... desejo morrer... e não me mato, sómente porque sou christão.

Ficárão ambos em silencio por alguns instantes ; ambos chorando ; até que Candido levantou a cabeça, e enxugando as lagrimas, disse :

— Desculpe-me, era a senhora quem devia fallar, e eu a tenho occupado fallando-lhe de mim : eu escuto.

— Não, respondeu a desconhecida ; eu precisava ouvi-lo para animar-me.

— Pois bem ; agora cabe-lhe dizer em que lhe posso ser util.

— Senhor, disse a desconhecida, o amor de sua mãe é o unico que existe em seu coração ?...

— O unico não ; eu amo a minha mãe adoptiva ; devo gratidão a algumas pessoas ; e mesmo... amo mais alguém.

— Mas qual de todos esses amores será o maior, o mais poderoso ?

O mancebo hesitou ; mas depois respondeu com força :

— O de minha mãe.

— Seria capaz de sacrificar tudo por esse ?...

— Tudo.

— E se alguém lhe viesse pedir um obsequio tão grande, que importasse um sacrificio, pelo menos, temporario, e lh'o pedisse em nome de sua mãe?...

— Senhora..

— Se esse serviço, que lhe viessem pedir não o podesse o senhor fazer sem ferir-se no coração, sem sentir doer-lhe a corda mais sensível d'elle ; mas se, apesar d'isso, lh'o pedissem em nome de sua mãe...

— Eu não comprehendo...

— Mas se no cumprimento de tal favor estivesse a salvação de uma mulher, que tem talvez idade de ser sua mãe...

— Senhora ! falle...

— Oh ! é o senhor quem deve fallar agora : o que faria ?

— Eu não sei de que se trata.

— E' um favor immenso, que lhe venho pedir em nome de sua mãe...

— Eu o farei ; se a minha honra, se a delicadeza não...

— Nada de condições.

— E' impossivel obrigar-me de outro modo.

— Em nome de sua mãe...

— Por minha mãe já eu jurei ser honrado, e ser honesto...

— O quem eu peço, senhor, não se oppõe á sua honra.

— Servil-a hei.

— Basta por alguns dias enganar um coração, martyrisando o seu... eis-aqui o sacrificio.

Candido sentio um calafrio terrível coar-lhe por todo corpo ; pareceu adivinhar o que d'elle querião, e exclamou :

— Mentir ? ! ! !

— Por breves dias... mas d'essa mentira depende a vida de uma infelíz mulher.

— Mentir!!! isso não, senhora.

A desconhecida abafou um grito doloroso, que lhe sahia do peito.

— De que se trata, senhora? perguntou o mancebo com voz alterada.

A desconhecida, mostrando tomar uma resolução, ergueu-se e perguntou :

— Senhor, já aborreceu alguém em sua vida?...

— Não.

— Nem conserva a lembrança de nenhuma offensa? nem se apraz de vingar-se quando lhe offendem?

— Não, não.

— Sabe perdoar?

— Sou christão.

— Oh! perdoar deve ás vezes custar muito.

— Deve ser bem doce.

— Em uma palavra, senhor, tem piedade de uma mulher infeliz?

— Senhora... senhora... sou filho, filho amante, e não conheço minha mãe.

— Basta.

A desconhecida tomou o braço do mancebo, aproximou-se da mesa onde estava a luz, e arrancando de sobre si a mantilha, cahio de joelhos.

Candido soltou um grito de espanto : acabava de reconhecer a filha de Anacleto.

— Senhora! erga-se...

— Não! não! pelo amor de Deos deixe-me ficar de joelhos.

— E' impossivel... eu não devo...

— Mas eu quero... e não direi nada... e vêr-me-ha sahir como uma miseravel condemnada, se quizer obligar-me a levantar-me.

— Senhora...

— Não .... não !... em nome de sua mãe, por todos os seus amores juntos, outra vez pelo amor de Deus deixe-me fallar de joelhos.

O mancebo cruzou os braços, e ficou ali em pé, com a cabeça cahida para baixo olhando para aquella mulher, que de joelhos, com os braços apertados em cruz contra o peito, e com os olhos cravados no chão, começou a fallar :

— Senhor, senhor, o que eu lhe venho dizer e pedir não se diz, não se pede senão a um homem de honra, de piedade e de religião.

— Falle, senhora.

— Eu devo parecer-lhe umã mulher má e intrigante ; e todavia eu sou apenas muito desgraçada ; ouça-me como um padre ouve no confissionario.

— Falle sem receio, minha senhora.

— Senhor... ia dizendo Marianna.

— Espere, disse Candido interrompendo-a.

A viuva levantou a cabeça, e por entre suas lagrimas vio-o mancebo dirigir-se á escada, e examinar se alguem os escutava : abaixou de novo a cabeça quando Candido voltava para ouvil-a.

— Estamos sós : pode fallar.

Marianna principiou então a dizer com voz tremula :

— Na primavera de minha vida, senhor, eu fui tida por formosa, e conhecia-me por sensivel : amei... a historia do meu amor começa como todas as do mesmo genero ; mas acaba como as mais desgraçadas : seduzirão-me, senhor... e abandonarão-me !!! oh ! mas o meu infortunio se tornou mais doloroso hoje ; porque sei que uma de minhas cartas, exactamente uma, em que eu lançava em rosto ao meu seductor o estado em que me deixava, cahio nas mãos de um homem sem generosidade e sem nobreza, que com ella joga contra mim.

— Oh ! esse miseravel...

— O senhor o conhece ; é um mancebo que frequenta nossa casa ; é...

— Salustiano...

— Esse mesmo : oh ! senhor que procedimento abominavel o d'esse presumido joven !... eu esqueço tudo quanto se tem passado entre nós dous, para dizer sómente o que tem relação com o senhor, e que veio completar a minha desgraça.

— Relação comigo ? exclamou Candido.

— Salustiano, desde muito tempo que ama minha sobrinha, e que debalde trabalha por se fazer amado : ultimamente, com seus olhos de amante zelozo, descobrio, que Celina já amava... oh ! adivinhou a verdade : o senhor sabe a quem minha sobrinha amava.

— Ah ! senhora.

— Não o increpo : ella e o senhor são dignos um do outro ; mas o amante infeliz jurou levantar uma barreira entre os dous... e essa barreira... a pezar meu... a despeito de todos os esforços, essa barreira sou eu.

— E' possivel !...

— Com a carta em que eu confesso meu crime, elle me governa como senhor ; com o poder que lhe dá essa carta, elle me disse uma noite : « eu quero que as portas d'esta casa se fechem ao Sr. Candido ! » e eu fui pedir-lhe que me levasse ao jardim, e lá menti, senhor, calumniei minha sobrinha, calumniei meu proprio coração... ousei significar-lhe que a sua presença nos incommodava... despedi-o de nossa casa, e depois fui chorar atrás de uma porta como uma louca !... oh ! senhor ! perdão ! perdão ! em nome de sua mãe !...

— A senhora não é criminosa, disse Candido tristemente ; é infeliz... muito infeliz.

— Mas o plano do monstro fallhou : apezar da sua ausencia Celina o aborrecia como d'antes ; quando hoje...

— Hoje... repetio Candido.

— E' preciso que eu diga tudo : eu caso-me, senhor, ou pelo menos deverei casar-me antes de oito dias : pois hoje Salustiano se apresenta em minha casa, e diz-me : « o meu casamento com sua sobrinha seguirá de perto ao seu : eu o exijo ! se não... » oh ! com estas palavras é que elle termina sempre.

— E' incrivel !... exclamou Candido.

— Minhas observações, minhas supplicas, minhas lagrimas o não commovêrão ; e formalmente ordenou-me que eu viesse aqui pôr-me de joelhos a seus pés, e pedir-lhe, senhor, como lhe peço, que salve a meu pai, e que me salve !

— Salval-a ? e como ?...

— Oh ! é preciso ter muita coragem para pedir o que eu peço ! é um sacrificio... mas estou de joelhos...

— Diga, senhora.

— O seu amor é que me mata ! exclamou Marianna : Celina e o senhor me perdem...

— Ah ! meu Deos !! bradou Candido apertando a cabeça com as mãos, porque acabava de adivinhar o que se lhe ia pedir.

— A carta fatal será minha, proseguio Marianna, se o senhor quizer deixar de apparecer a Celina por um mez ao menos, e escrever-lhe um bilhete mentindo, senhor !... mentindo... matando-se...

— Diz bem... matando-me...

— Oh ! por piedade ! exclamou a viuva abraçando-se com as pernas do mancebo ; por compaixão ! pelo amor de sua mãe !... não me deixe assim morrer deshonrada...

— Senhora... mas eu ei de dizer que não amo a esse anjo de belleza e candura... a essa pomba celeste...

— Senhor... senhor... eu tenho arrastado meu rosto pela terra, que pisão os seus pés... eu peço misericordia !

— Sacrificar... cooperar para que se sacrifique uma virgem cheia de encantos e virtudes a um monstro... oh ! é um crime !

— E eu ? e eu então !...

— E' um castigo ! a Providencia pune de mil maneiras n'este mundo : se eu pudesse soffrer só, senhora, para dar-lhe todo socego, toda ventura que deseja, eu soffreria sem hesitar ; mas uma moça innocente ! enganar-a, e enganar-a, quando apenas foi hoje que comecei a acreditar na possibilidade de um futuro, que seria a vida do paraíso ? ! ! !

— Oh ! pois bem, disse com voz concentrada e terrível a viuva ; nada de piedade... nada de misericordia para mim... eu sei bem que as não mereço ; porém meu pobre pai ! ! !

— O Sr. Anacleto ?...

— A'manhã... depois de amanhã... d'aqui a tres ou quatro dias, ao muito, o meu terrível inimigo se apresentará diante do cansado e amoroso velho : eu o estou vendo, senhor, magro... pallido... melancolico... com a cabeça branca, embranquecida pelos cuidados que comigo teve, e pelos desgostos que lhe eu tenho dado ; elle estende temeroso a mão para receber uma carta, que o monstro lhe vai entregar... oh ! elle a lê... é a deshonra de sua filha... é a mão da maior desgraça que o empurra para a cova... oh ! o pobre velho não póde mais com a vida... vê-me chorando, e perdôa-me !... mas chora, por sua vez ! o resto da vida que ainda tinha, elle o desfaz em lagrimas ! chora e morre !...

— Ah ! senhora ! ! ! que imagem ! ! !

— No emtanto, senhor, nós ficamos no mundo ; proseguio com ironia desesperadora a viuva ; Celina é sua... o amor os liga... a religião soldou os laços ; mas quando ao anoitecer o Sr. Candido voltar para casa no meio d'essas mulheres doentes... andrajosas... trazendo

no rosto a côr amarellenta da miseria, ou melhor' senhor, a côr de todas as miserias ; magras, abatidas, mendicantes ; apparecerá um vulto mais tocante que todos aquelles vultos... ao menos para o Sr. Candido : serei eu, senhor ! estenderei a minha mão para receber um vintem... e depois... vagarosa... desvairada... louca, eu me irei retirando e balbuciando duas palavras, que resumirão toda a minha historia !... crime e miseria !...

— Basta, senhora !

— E de noite, senhor, no leito de amor, mesmo junto de Celina, a hedionda figura da mendiga ha de apparecer na sua imaginação, e ainda mais... a mendiga ha de estar apontando para um sepulchro... o sepulchro ha de se ir abrindo... e de dentro d'elle irá sahindo branca... branca a cabeça de um velho... e o rosto d'este velho ha de ir apparecendo horrivelmente contrahido diante da miseria da mendiga !... serão dous espectros... um pai e uma filha ! um pai morto de desgostos... uma filha perdida pelo crime e pelos remorsos ! serão dous espectros, senhor, Anacleto e Marianna.

— Basta, senhora !... exclamou de novo Candido, cuja imaginação ardente dava côres ainda mais vivas ao horrivel quadro, que lhe traçava a viuva.

— Piedade !... misericordia !... dizia esta sem cessar, abraçando-se com as pernas do mancebo.

— Oh ! meu Deos ! meu Deos !...

Um pensamento novo e atrevido, uma d'essas idéas rapidas, brilhantes, felizes, dignas sómente de uma imaginação de mulher, brilhou nos olhos de Marianna.

Ella ergueu-se, enxugou as lagrimas, e com voz segura perguntou a Candido :

— Que idade tem, senhor ?

— Vinte e um annos.

— E eu tenho trinta e seis, disse ella.

— Que quer dizer ?...

Marianna, com os olhos em fogo, e um sorrir nervoso, murmurou com voz tremula e vagarosa :

— Mancebo, sabes tu, se eu sou tua mãe?!!

Candido soltou um grito surdo, que lhe sahio dos seios da alma.

— Senhora, pela vida de seu pai, exclamou elle depois de vencer a primeira e profundissima impressão, que as palavras de Marianna lhe produzirão: diga-me a verdade; de que idade commetteu essa falta, de que se accusa?...

— Aos quinze annos, respondeu Marianna com tom grave.

— Quinze para trinta e seis... vinte e um!... é a minha idade!...

— Sem duvida : teria vinte e um annos!!! balbuciou lugubrememente e a tremer a viuva.

— Oh!... é certo!... a senhora deveria ter um filho?..

— Deveria!!! respondeu Marianna; e tremia convulsivamente : deveria!!!

E a idéa do maior dos seus crimes dava mil punhaladas no coração da infeliz mulher.

— Meu Deus!... meu Deus!... quem sabe? quem me arranca d'esta duvida?...

— Senhor, disse a viuva, não procurará apparecer a Celina?...

— Não!... não!...

— Está prompto a escrever o bilhete?

— Sim... estou prompto.

— Sente-se e escreva; eu dicto.

Candido sentou-se; tomou papel e penna, e escreveu o que lhe dictou Marianna.

« Senhora. Eu parto; eu fujo para sempre de vossos  
« olhos; tenho remorsos... fingia amar-vos... illudia uma  
« innocente moça; os remorsos abrirão-me os olhos :  
« perdoai áquelle, que antes quer parecer ingrato do  
« que continuar a ser um monstro. — *Candido.* »

O moço escreveu sem hesitar; assignou com a mão firme, fechou o bilhete, e voltando-se para a viuva entregou-o, e disse :

— Eis-ahi a morte do mais puro dos amores : mas agora, em troco do que acabo de fazer, protesta dizer-me a verdade a respeito do que lhe vou perguntar ?

— E primeiro o senhor jura que cumprirá o que me prometteu, qualquer que seja a resposta que lhe eu der ?...

— Juro.

— Pela alma de seu pai ?

— Pela alma de meu pai.

— Pelo amor de sua mãe ?...

-- Pelo amor de minha mãe.

— Bem : póde perguntar.

— Senhora, diga-me, em nome do céo, é verdade tudo quanto dizia ha pouco ?...

— E' verdade.

— Senhora! exclamou Candido cahindo aos pés de Marianna, vós sois minha mãe! . .

— Oh !... pobre moço !... balbuciou a viuva.

— Vós sois minha mãe !... continuou elle beijando a barra do vestido de Marianna; vós sois minha mãe ! desde muito o coração dentro do peito m'ò dizia; sem saber porque, eu vos amava com um amor candido e bello, como sómente é o amor filial; eu vos olhava com santo respeito; a vossa voz soava dentro de minha alma; vossos sorrisos me animavão !! quando eu pensava em minha mãe, vossa graciosa figura se desenhava diante de mim !... em meus sonhos de filho vinha um anjo, e apontava para uma mulher, cujo rosto estava coberto com um véo, e me dizia « eis ahi tua mãe » : eu corria para essa mulher, arrancava-lhe o véo, e o rosto que eu via era o vosso : ah ! vós sois minha mãe !... bem-dito seja Deos ! vós sois minha mãe !...

Marianna sacudio tristemente a cabeça, e respondeu :

— Não sou sua mãe.

— Onde está pois vosso filho?...

A viuva tornou a tremer da cabeça até os pés, e, apontando para cima, disse :

— Está no céu.

— Morto!...

— Sim, morreu...

Marianna deveria ter dito — matei-o; por isso sua resposta foi como um surdo gemido.

Candido ficou petrificado.

A viuva envolveu-se de novo em sua mantilha, e despedio-se dizendo :

— Eu o deixo ; um dia Deos lhe pagará o que vai fazer por mim.

E partio.

---

## XV

### Salustiano.

A casa em que morava Salustiano, e que elle havia herdado de seu pai, rico e honrado negociante, estava situada em uma das mais frequentadas e commerciaes ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Importa tão pouco saber o nome d'essa rua como descrever essa casa : é de sobra dizer que elle era de dous andares, e que no segundo andar tinha Salustiano estabelecido o seu gabinete particular, com o qual se communicava o quarto em que dormia.

No dia que seguio a noite amarga, em que Marianna tanto tempo se deixára fiçar ajoelhada aos pés de Candido, estava Salustiano em seu gabinete occupado em examinar diversos papeis e livros mercantis, trabalho em que o ajudava um velho alto, de rosto vermelho e de cabeça calva.

Esse velho chamava-se João, e era o agente principal da casa de Salustiano.

João era um homem de poucas palavras, de olhar atrevido, de genio de fogo, de coração bom, e de tempera de ferro.

Pela volta das onze horas appareceu um caixeiro á porta do gabinete, e disse :

— Está ahi o Sr. Jacob.

— Que entre para aqui, respondeu Salustiano.

O caixeiro retirou-se.

— Sr. João, continuou Salustiano, suspendamos este trabalho : tenho que fallar a sós com o homem, que acaba de ser annuciado : desça ao primeiro andar e logo que se retirar aquelle que nos veio interromper, suba de novo para continuarmos a trabalhar.

O velho, sem dizer palavra, limpou a penna com que estava tomando notas, prendeu-a atrás da orelhá, e sahio.

Quando ia descendo a escada, vinha subindo o homem que se annunciára.

O caixeiro que acompanhava o homem reparou que, contra todos os seus habitos, o velho João tratou aquelle sujeito com familiaridade e vivas demonstrações de estima.

Os dous apertárão fortemente as mãos, disserão finezas, e mostrarão-se mutuamente amigos.

Era um facto admiravel na vida de João.

Finalmente o recém-chegado foi introduzido no gabinete de Salustiano, e o caixeiro deixou os dous a sós.

O homem sentou-se na cadeira em que antes estivera sentado João.

Era elle baixo, um pouco gordo, e um pouco calvo ; tinha olhos vivos, e mostrava-se alegre : vinha vestido de fraque rôxa botoado até em cima, e de calças pretas : calçava botins de cordovão de lustro, e chamava-se Jacob.

Já não pôde haver duvida nenhuma ; era o escrivão, que morava na rua de... exactamente defronte do Céu côr de rosa.

Travou-se entre Jacob e Salustiano a seguinte conversação :

-- Muito bem, senhor Jacob : o senhor é sempre pontual.

— E' um habito da vida passada ; quando eu era escrivão, chegava á casa dos juizes sempre dez minutos antes da hora das audiencias.

— Não é esse o seu unico merito : o senhor é capaz de descobrir o maior segredo d'este mundo.

— A ellas, meu caro.

— Poucas, porém boas.

— Vamos pois ; que noticias me dá ?

— A vida passada ! a vida passada ! o tino, a pratica dos interrogatorios...

— Hontem, depois das onze horas da noite, a lua estava clara como o dia...

— Dispenso todos os segredos, que o senhor possa ter descoberto na lua.

— Habitos da vida passada ! nos corpos de delicto o luar é uma circumstancia, que sempre se faz notar... ás vezes importa muito.

— Adiante.

— Bem : pouco depois das onze horas da noite sahio do alpendre do Céu côr de rosa um vulto de mulher...

— Oh !

— Envolvia-se em uma mantilha : era com effeito uma mulher.

— Está bem certo d'isso ?

— Sim ; o andar era magestoso e engraçado... aquella mulher nunca tinha usado de mantilha.

— Porque ?

— Porque envolvia-se n'ella como em um chale : mas o andar, que era magestoso e engraçado, era ao mesmo tempo tão delicado, as passadas tão curtas e ligeiras, que não podia deixar de ser o andar de uma mulher.

— Bem ; e depois ?

— Foi direitinha á porta do Purgatorio-trigueiro.

— Ah !

— Tirou debaixo da mantilha e estendeu para fóra um lindo braço, e com formosa mão...

— Então vio tambem que o braço era lindo, e a mão formosa ?

— Sem duvida ; porque em um dos dedos d'essa bella mão havia um anel de brilhantes.

— Oh ! que homem admiravel ; até n'isso repara ! como pôde vêr esse anel ?

— Brilhou, como só brilha uma pedra de alto preço.

— Está bom... deixemos o anel.

— Ao contrario : o anel é uma circumstancia muito importante : elle só vale um provará no libello accusatorio.

— Porque ?

— Porque a viuvinha recebeu ha tres dias da mão de seu noivo um anel de brilhantes, e não o tirou mais do dedo.

— Como soube d'isso ?

— Uma escrava da viuvinha o contou lá á senhora.

— Por consequencia ?

— Por consequencia recahem todas as suspeitas sobre a viuva.

— E que mais ?

— A mulher de mantilha bateu á porta do Purgatorio-trigueiro, abrirão-lh'a, ella entrou, e esteve lá mais de uma hora.

— E depois ?

— Voltou para o Céu côr de rosa.

— Não sabe mais nada ?

— Sei que a tal senhora tirou a mantilha dentro do Purgatorio-trigueiro.

— Isso importa pouco ; mas como o soube ?...

— Porque, quando ella para lá foi, a mantilha arrastava pelo lado esquerdo, e quando voltou, estava muito mais curta d'esse lado, e ia varrendo a rua pelo outro.

— Sabe só isso ?

— Não : sei ainda mais alguma cousa.

— Vá dizendo.

— O velho coruja vai todos os dias conversar com a velha bruxa.

— Hontem ?

— Esteve lá ao anoitecer.

— Hoje ?

— Para lá foi ao romper do dia.

— De que tratão ?

— Sempre do amor do engeitado e da orphã.

— De que tratarão hoje ? o que disserão ?

— Não pude saber : o diabo da velha, quando o coruja entrou, mandou a negra fazer as compras para o almoço.

— Tem ainda alguma cousa a esse respeito para dizer ?

— Por hoje mais nada.

— Então póde voltar depois d'ámanhã ás mesmas horas.

— Serei prompto : nunca me esqueço o quanto convém ter em lembrança os dias de apparecer nos casos de appellação.

— Estamos justos.

As ultimas palavras de Salustiano significavão uma despedida ; mas Jacob ficou firme em sua cadeira com o semblante prazenteiro, e os olhinhos vivos como sempre.

Salustiano pareceu incommodar-se com a demora de Jacob, e disse :

— Quer mais alguma cousa ?

— E' provavel.

— Diga.

— Quero que me dê cem mil réis.

— Oh ! ha tres dias que lhe dei igual quantia. ●

— Sim, respondeu o ex-escrivão soltando uma risada ; mas V. S. esquece-se de que agora temos dous negocios.

— Dous ? como é isso ?

— Pois então ?... agora tem V. S. de pagar-me o trabalho de ser o espião de policia dos seus amores.

- Convenho.
- E depois... aquelles papeis...
- Oh! o senhor é exigente de mais! por aquelles papeis, disse Salustiano empallidecendo, deu-lhe meu defunto pai por uma só vez quatro contos de réis.
- Sim... sim... mais por causa d'aquelles papeis estive eu na cadeia oito mezes, e perdi o meu querido officio.
- E faltou á sua palavra!
- Como é lá isso?...
- O senhor havia recebido quatro contos de réis para queimar o processo.
- Assim era eu tolo! aquelles papeis são verdadeiras letras de dinheiro, que eu tenho a juro.
- E nem ao menos se lembra de que já não poucas vezes o tenho liberalmente soccorrido?
- Sim; mas V. S. tem obrigação restricta de pagar-me perdas e danos.
- Em uma palavra, e para acabar de todo com estas questões, o senhor quanto quer receber de uma vez por esse processo?...
- Cedendo-lhe todo o direito que tenho a elle?
- Por certo.
- Chamá-se a isso queimar a minha fortuna, disse socegradamente o ex-escrivão.
- Emfim...
- Emfim... dar-lhe-hei esses papeis com a mão direita, exactamente no momento em que V. S. me depositar na esquerda uma quantia igual á que me deu o senhor seu pai.
- Quatro contos de réis! é muito!
- Então não temos feito nada: conservarei o processo.
- Oh! mas é preciso acabar com isto; quando volta o senhor aqui?
- Já disse que dou grande importancia aos dias de

apparecer : depois d'ámanhã virei receber as suas ordens.

— Traga-me o processo.

— Dar-me-ha os quatro contos?

— Sim.

— Palavra de honra?

— Sim.

— Bem. A's ordens de V. S.

— Até depois d'ámanhã.

— Mas ah! disse Jacob suspendendo-se, pois que já ia sahindo ; falta ainda alguma cousa.

— O que, perguntou Salustiano.

— Os cem mil réis.

— Ainda !

— São juroz vencidos ; a satisfação do principal é conta á parte.

— Depois d'ámanhã...

— Perdõe-me V. S., mas eu precisava muito hoje d'essa quantia.

Salustiano arremessou-se para dentro do seu quarto ; Jacob estendeu o pescoço, e vio o mancebo abrir uma carteira de jacarandá já meio usada, e tirar d'ella alguns bilhetes.

Salustiano, na agitação, em que estava, deixou a chave na carteira, e voltou ao gabinete com o dinheiro.

— Eis-aqui os cem mil réis, disse elle entregando os bilhetes a Jacob.

O ex-escrivão, apenas recebeu o dinheiro, tomou o chapéo, fez uma profunda cortezia ao moço, e foi sahindo.

Salustiano o seguio de perto, e desceu com elle as escadas.

Pouco depois de haverem os dous deixado o gabinete, entrou João.

O velho ia sentar-se na cadeira que pouco antes havia

occupado, quando notou que a porta do quarto de Salustiano estava aberta.

Dirigio-se immediatamente para o quarto, e apenas chegou ao lumiar da porta, soltou uma exclamação :

— Emfim !

E lançou-se para a carteira : abriu-a, apertou com o dedo pollegar uma mola que havia do lado esquerdo, e no fundo da gaveta d'esse lado abriu-se um escaninho.

Com promptidão e destreza tirou o velho alguns papéis, que ahi se achavão : erão pela maior parte cartas.

João as foi examinando, e passando por ellas sem abrir, até que parou em uma que não tinha sobrescripto.

— 12<sup>a</sup> exclamou o velho ; emfim !

Abriu a carta e leu :

« Senhor, maldita seja a hora em que nos vimos : esse amor fatal com que eu vos amava, e que fingistes votar-me para que eu me perdesse, se já desappareceu para nós ambos, a nós ambos deve ter deixado o tormento dos remorsos : vós me fizestes a mais desgraçada, e eu me fiz a mais criminosa das mulheres : vós me perdestes, e eu ia ser mãe, e não quizestes ser diante dos homens o pai de vosso filho : pois bem ; sabeis o que eu fiz ? tremei... horrorisai-vos : eu matei meu filho ; dentro de meu ventre caveil-he a sepultura. Agora... preparremo-nos ambos : teremos de dar contas a Deos, vós da honra, da innocencia de uma mulher, e eu da vida de um innocente. Senhor... somos dignos um do outro ; nascêrão para se encontrar no mundo vós, e

« *Marianna.* »

— Emfim, repetio o velho guardando a carta no bolso.

— Emfim !... bradou Salustiano lançando-se sobre João...

O velho recuou dous passos.

— Que veio fazer aqui ? perguntou o moço.

— Vim realizar o que desde muito premeditava, respondeu friamente o velho.

— Que tirou d'aquella carteira ?

— O que lhe não pertencia.

— Uma carta !

— Sim.

— Restitúa-m'a.

— Não.

— Oh ! Sr. João !...

— Não, já disse.

— E' porque não sabe que essa carta é tudo para mim.

— E' por essa mesma razão.

— Por bem, ou por mal, senhor, eu hei de reconquistar essa carta.

— Veremos.

— O senhor abusa do respeito que sempre lhe consagrei.

— E o senhor deshonra o nome de seu pai.

— A carta !

— Nunca.

Salustiano atirou-se sobre o velho ; os braços de ambos se entrelaçarão ; lutarão ambos.

Longa foi a luta, e por fim triumphou o mancebo.

Com um joelho sóbre o peito de João, Salustiano bradou-lhe :

— A carta !

— Nunca ! respondeu o velho com voz suffocada.

O moço, apesar de todos os esforços de João, lançou a mão no bolso do vestido d'este, e apoderou-se da carta.

Deixou então livre o seu adversario, e erguendo-se estendeu o braço, e mostrou-lhe com o dedo tremulo a porta :

— Para sempre fóra de minha casa! disse em desordem, e a raiva no coração : o velho respondeu :

— Sim; mas não para sempre; porque hei de voltar para vingar-me.

E sahio.

---

## XVI

### Os dous irmãos.

Rodrigues estava no seu posto, no alpendre.

Achava-se sentado, e meditando em um canto d'elle : á sua mão esquerda via-se meio cerrada a porta de seu quarto.

De repente entrou no alpendre, apressado e arquejando de fadiga um homem, que trazia os vestidos em desordem, e pintada no semblante a mais viva agitação.

O velho Rodrigues ergueu se sorprendido, e dando dous passos para o recém-chegado, exclamou :

— João !

A personagem que acabava de entrar atirou com o chapéo a um canto, e sentou-se na cadeira, da qual se tinha levantado Rodrigues.

Esses dous homens erão os mesmos, que em certa noite Jacob vira sentados, e conversando á portaria do convento d'Ajuda.

Vistos agora á luz do dia e ao pé um do outro, admiraria a similhaça de seus semblantes : a unica differença, que se podia notar, era ser João muito mais sanguineo.

João e Rodrigues erão irmãos gemeos.

— João! exclamou de novo o velho guarda-portão ; que é isso?... o que tens ?...

— O que tenho?... respondeu o antigo agente da casa de Salustiano; tu me perguntas o que tenho? é a raiva dentro do coração; é a vingança inspirando projectos infernaes.

— Mas como?... falla!...

— Disse tudo.

— Porém vingança contra quem?

— Contra o falsario... o ladrão! murmurou surdamente João.

— Oh!...

— Sim... contra elle.

— E' filho d'elle! disse com voz reprehendedora Rodrigues.

— E tamhem filho d'ella!... accrescentou lugubrememente João.

— Embora! tornou o primeiro: jurámos protegê-lo: lembra-te.

— Sim... sim... disse o outro com terrivel accento: protegê-lo... amal-o... ainda que elle te pise com suas botas, e te cuspa no rosto! não?!!

— Como é isso?

— E' assim mesmo,

— Pois elle ousou...

— Tudo, respondeu João com voz surda.

— E tu?

— Tenho sessenta annos... já não sou o mesmo; antigamente atacava cara a cara, e vencedor ou vencido, tudo estava acabado, acabada a luta. Hoje não: estou velho... minhas juntas se achão enferrujadas... lutei com um mancebo, e elle ganhou a partida; mas agora tamhem o caso é outro... não esqueço como d'antes. O forte póde bater-se braço a braço: o fraco espera atrás de uma esquina!

— João!

O irmão de Rodrigues soltou uma gargalhada ner-

vosa e horrivel ; uma d'essas gargalhadas filhas do furor e do desespero.

— João ! queres ser um vil assassino no fim de teus dias ?

— Não ! bradou o outro, não !... pois é só atrás das esquinas e com a faca, com a arma da traição que se vingão os fracos ?... outra vez não ! eu quero estar livre... quero passear á minha vontade pelas ruas !... oh ! quem sabe se eu não terei de comprimentar um galé ?...

— João !...

— Sim ; já o disse : vêl-o-hei com prazer arrastando as cadêas dos criminosos publicos !... não pertence elle de direito ao seu numero ?... sim ; pertence... commetteu um crime vergonhoso.

— Graças a Deos, João ; o fogo consumio as provas d'essa loucura.

— Graças a Deos, Rodrigues, as provas existem ainda, e eu hei de apoderar-me d'ellas.

— Que estás dizendo ?... é verdade o que acabas de dizer !...

— Sem duvida.

— Como chegaste a saber d'isso ?... como has de conseguir...

— E' o segredo da minha vingança.

— Nada de vingança, irmão.

— Fui offendido demais.

— Conta-me o que houve : eu te escuto.

— Para que ?...

— Quero aconselhar-te, João.

— Eu não vim pedir-te conselhos.

O velho Rodrigues deixou cahir a cabeça tristemente, reflectio alguns instantes, e depois perguntou :

— Com que fim pois vieste vêr-me ?

— Tenho que dizer-te.

— Falla.

— Meu irmão, até hoje de manhã um só pensamento nos occupava : d'ora avante nossos designios são distinctos. Até hoje pensavamos sómente em fazer bem : tu continúas sempre com a mesma idéa ; eu porém estou determinado agora a fazer mal.

— Adiante : disse Rodrigues.

— Vim pois dizer-te o que descobri, o que sei, o que pretendi, e não pude fazer, para que tu fiques trabalhando para completar a obra, que começámos jnntos, e que pela minha parte, não posso levar ao cabo.

— Então o que ha?

— Salustiano está com effeito de posse da decima segunda carta...

— De certo?

— Eu a vi.

— Tu ?...

— Eu a li... tive-a em minhar mãos!

— Oh!...

— Trabalhavamos eu e elle em seu gabinete particular : annunciou-se um homem que tu conheces bem, e elle quiz ficar a sós com esse homem : desci : meia hora depois os dous descêrão por sua vez, e eu subi de novo... a porta do quarto de Salustiano estava aberta, entrei... a carteira velha tinha a chave na fechadura, abri-a .. toquei no segredo da primeira gaveta do lado esquerdo, e a decima segunda estava lá!...

— Bravo! bravo!... exclamou o velho Rodrigues, sem lembrar-se do que antecedentemente lhe dissera seu irmão.

— Emfim!... exclamei eu, continuava João; e abrindo essa carta fatal, li-a do novo; mas quando já guardava-a no bolso... uma voz terrivel soou a meus ouvidos, e um braço forte veio deter meus passos...

— Ah!...

— Era elle, Rodrigues; e durante algum tempo lutá-

mos ambos desabridamente... emfim a mocidade venceu...

— A carta?

— Ficou outra vez em suas mãos!

— Oh!...

— Os pés do mancebo pisarão o rosto do velho!...

— E a carta?... a carta?... exclamou Rodrigues.

— Está lá.

— Insolente moço!... e elle não tremeu?

— Tem ouro.

— Oh! desgraçado!...

— Sim... desgraçado... imprudente!... elle ha de tremer, porque eu me hei de vingar.

O velho Rodrigues deixou cahir de novo a cabeça, e pareceu abysmado em profundas reflexões.

João ficou olhando para elle, e reflectindo tambem.

Ambos aquelles velhos meditavão; o primeiro pensava nos meios de chegar a uma completa harmonia; o segundo sonhava com a vingança.

Levantárão a cabeça ao mesmo tempo : Rodrigues exhalando um longo suspiro, João desprendendo um surdo gemido.

Era o acordar da paz e da guerra.

— João, disse Rodrigues sabes de quem me estava lembrando?

— Não; de quem?

— D'elle.

— Do insolente?

— De seu pai, João.

— E eu de sua mãe, Rodrigues.

— João, perdoemos áquelles, que estão na eternidade.

— Sim; mas castigemos os máos que pesão n'este mundo.

O velho Rodrigues sacudio a cabeça, suspirou de novo, e depois cruzando as mãos sobre o peito, disse com voz terna e commovida.

— João, pela memoria do nosso bom amigo perdôa a injuria, que recebeste de seu filho.

João conservou-se muito tempo em silencio olhando para seu irmão, que, melancolico e piedoso, tinha ainda as mãos cruzadas sobre o peito, como se estivesse orando.

— Rodrigues, murmurou enfim o velho; esse atrevido mancebo calcou o pé sobre o meu ventre!

Por unica resposta duas grossas lagrimas corrêrão pelas faces enrugadas do velho guarda-portão.

— Que é isso, homem?... perguntou João.

— Não é nada, respondeu Rodrigues; isto não é nada... choro... ha bem tempo que o não faço.

E depois balbuciou dolorosamente:

— Pobre amigo!... está morto!... não póde valer a seu filho...

E as lagrimas começárão a cahir-lhe de quatro em quatro.

Alguns momentos depois os dous velhos choravão juntos e abraçados um com o outro.

— Perdôas-lhe, João? perguntou finalmente Rodrigues.

— E esse pobre Candido, irmão?!?!

— Devemos fazêl-o feliz, é verdade.

— Mas aquella carta...

— Podiamos prescindir d'ella; porém n'esse caso teriamos uma mulher desgraçada... e criminosa.

— Que nos importa... é um castigo.

— Não, de modo nenhum, João; eu espero ainda tudo da Providencia.

— Bem: crês então que devemos cruzar os braços.

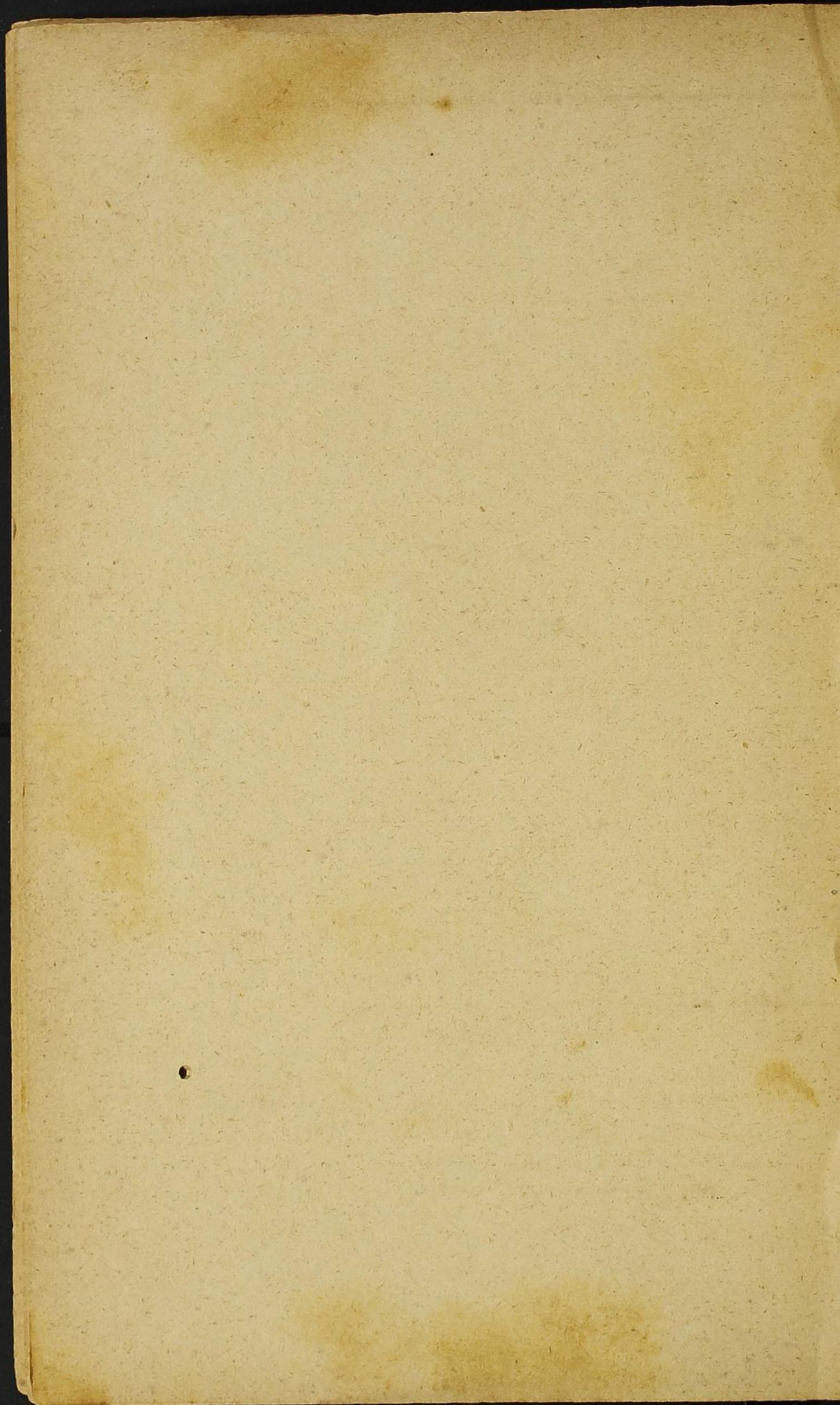
— Tambem não; escuta: eu vou fallar a esse presumido moço, que te insultou.

— E para que fim?... que lhe irás dizer?

— Contar-lhe-hei ainda uma vez a nossa historia.

— Rir-se-ha d'ella.

- Lembrar-lhe-hei o crime que commetteu...
  - Zombará de ti, Rodrigues.
  - Hei de assustal-o com teus projectos de vingança.
  - Rir-se-ha de novo.
  - Exigirei por preço de nosso silencio, e como condição para vencer o teu resentimento, a entrega da carta fatal.
  - Mandar-te-ha lançar na rua pelos seus escravos.
  - Não, João ; elle ha de entregar-me a carta.
  - Nada conseguirás.
  - N'esse caso justiça será feita.
  - Bem.
  - Adeos, João ; dentro de duas horas estou de volta.
  - Eu te espero, respondeu João.
- O velho Rodrigues tomou o chapéo, e dirigio-se á casa de Salustiano.
-



## XVII

### Tia e sobrinha

Pouco mais ou menos, á mesma hora em que o velho Rodrigues se dirigia á casa de Salustiano, uma escrava desceu do segundo andar do Céu côr de rosa, e entrando na sala do primeiro, onde se achava Celina, disse-lhe que sua tia lhe pedia quizesse subir ao seu quarto para dar-lhe uma palavra.

— Diga-lhe que já vou; respondeu a Bella Orphã.

E, pouco depois, subio a escada vagarosamente, e pensando no que poderia ter dado motivo para tal conferencia.

Celina não podia aborrecer a ninguem; mas, desde que soubera da scena, que no jardim tivera lugar entre Marianna e Candido, começára tambem a desconfiar muito de sua tia.

Marianna estava em seu quarto, pallida, abatida e pensativa, sentada em uma cadeira de braços : o franzimento de sua fronte, seus olhares ás vezes amortecidos, ás vezes pasmos, e sempre cravados no chão, ● finalmente um não sei que descuido em seu penteado e em seus vestidos, parecião revelar que uma dôr profunda e transidôra a atormentava.

Tambem as ricas e grandessenhoras padecem no fundo

d'a'ma! por detrás d'esses brilhantes adereços e custosas joias, que lhes ornão e cobrem o collo, está ás vezes aberta uma ferida, que lhes vai até o amago do coração; e esses labios que se sorriem tão graciosos, estão mil vezes a ponto de ser desmentidos pelo pranto dos olhos; e essas palavras de prazer et felicidade, que se dizem nas assembléas, fazem ás pobres miseras que as pronuncião, uma acerba e terrivel ironia! ellas rindo-se tanto e tão á força, e sendo tão desgraçadas n'alma!!! Doirado vaso, que enchêrão de fel, cofre aprimorado, que esconde perigoso arcano... ahi tendes a imagem de todas essas, que são como Marianna.

Escravas sempre da vaidade, as mulheres achão sempre na vaidade os seus tormentos e o seu castigo. Lutão annos inteiros umas com as outras, e tem por armas os vestidos e as joias, os sorrisos e os olhos: e uma dóe-se recebe um golpe cruel sómente porque o vestido da outra é mais bello; e não dorme uma noite inteira porque apparecêrão uns olhos pretos que valem o dobro dos seus!... mas isto é nada; o que é tudo é a vaidade dos sentimentos, que obriga a rir com o céo nos labios, tendo o inferno dentro do coração; que obriga a fingir-se venturosa, quando-se é desgraçada!... Estar em torturas, e dizer — sou feliz! — enganar o mundo por causa do mundo, e para ser invejada e não parecer vencida, nem mesmo nos mimos da fortuna!... tanta riqueza vestindo tão grande miseria!...

Deve ser bem amargosa vida!...

Porém Marianna sentio que subião a escada, e conheceu as pisadas de sua sobrinha: immediatamente uma revolução completa se operou n'ella; sua fronte desenrugou-se, seus olhos erguêrão-se e brilharão: em um momento, e com toda essa habilidade que caracteriza as senhoras, fez desaparecer todos os descuidos de seu *toilette*, e enfeitou os labios com um sorriso angelico.

Era, embora sua sobrinha, uma moça bella, e portanto uma rival que chegava. A mulher infeliz e abatida cedeu o lugar á senhora das festas e dos prazeres; a verdade foi abafada; a mentira ergueu-se.

Celina entrou; Marianna mostrou-lhe com o dedo, e com graça indizível, uma cadeira defronte d'ella; e, vendo-a assentada, esteve por alguns momentos contemplando-a com expressão de enlevamento e prazer, até que a Bella Orphã, como para escapar áquelle olhar, perguntou:

— Porque me está olhando assim, minha tia?...

— Oh! porque tu és a minha vaidade, Celina! olha: quando te contemplo... lembro-me do que fui... parece-me que ainda estou nos dezeseis annos defronte do meu toucador, rindo-me vaidosa e louquinha, contente de mim mesma, e namorada de meus proprios encantos.

— Senhora...

— Não é verdade que dizem por ahi que eu fui bem formosa?

— Dizem que minha tia inda o é.

— Lisongeira!... oh! mas emfim, eu conheço que não devo assustar a ninguem.

— Então...

— Todavia os dezeseis annos! os dezeseis annos! n'esse tempo se está na flôr da vida, e no viço das graças! ninguem é feio aos dezeseis annos!

Depois de alguns instantes de silencio a viuva proseguio dizendo:

— Para mim a vida de prazer e de encantos está em vespervas de acabar; para ti é agora que começa. A primavera da idade com esse rosto tão bello, com esse olhar tão puro, Celina, faz sempre as delicias da mulher. Ainda não sentiste que para ti são guardadas todas as attenções?... ainda não notaste como te olhão ardentes, como te fallão tremendo, como te escutão em extasis? Celina, ahi está a prova solemne de tua formosura. A

moça bella é o delirio do mundo : ah ! que se aos dezeses annos tivesse a mulher a experiencia dos trinta, então com a belleza conseguiria tudo... honra... fortuna... posição... tudo !...

— Ainda bem, minha tia, que as moças não são ambiciosas.

— Não, não o são : o amor as occupa demais para que ellas o fossem. Embriagadas com os deleitosos perfumes que vêm arder a seus pés ; cheios os ouvidos de verdades e de lisonjas ; a cada passo que dão ouvindo uma exclamação de agradavel sorpresa ; no theatro sentindo com oculos lançados sobre seus rostos ; em toda parte vendo adoradores escravos ; e em breve tendo mesmo já no coração uma sympathia que vai crescendo e acaba por amor ; ellas não tem, ellas não podem ter outra idéa que não seja a de ser bellas, outro desejo que não seja o de ser amadas, e outro futuro que não seja tudo esperado de um amor com que ellas sonhão de dia e de noite, e que, desgraçadamente, não se realisa nunca.

— Nunca ?...

— Nunca, Celina.

A Bella Orphã suspirou involuntariamente.

— Já suspiras, Celina ?... quem sabe se eu não estive fazendo o teu retrato ?... pois bem ; sou tua tia... quasi tua tutora, e portanto devo aconselhar-te ; mas para bem fazê-lo preciso é antes ganhar uma confiança de que ainda me não julgaste merecedora, entrar no teu coração, vêr o que n'elle se passa, para depois dizer o que convém.

Marianna, fingindo ignorar o segredo de amor de sua sobrinha, queria leval-a pouco a pouco a um fim que tinha no pensamento, e pelo qual promovêra aquella conferencia.

Porém Celina desconfiava de sua tia ; guardou mais que nunca o seu segredo, e nada respondeu.

— Então ficas muda ?... perguntou a viuva ; será possível que penses em fazer-me crêr que ainda não sonhas bel-

los sonhos de amor, tendo já dezeseis annos de idade ?...

— Muito moça ainda, não é assim.

— Por certo que não és nenhuma velha ; e comtudo estás em idade de casar.

— Tão cedo !...

— Não no nosso paiz, Celina, onde tudo é rapido e precoce. Emfim, eu sou tua tia, meu pai é teu tutor, e por dever santo e respeitavel devo procurar para ti um estado... uma posição.

— Obrigado, minha tia.

— Temos entendido que é tempo de te casar não só para fazer a tua ventura, como para completar a nossa missão, e conseguir o nosso socego.

— Para o vosso socego... eu creio ; mas para minha ventura !...

— Para tua ventura tambem, sim ; e graças a Deos, meu pai e eu não somos duas crianças como tu és, Celina.

— Porque, minha tia ?

— Porque, na questão da escolha de um marido, tu cortarias todas as difficuldades com o coração, e nós decidiremos tudo com o juizo.

— Ah ! sim !..,

— Um marido é o homem que deve acompanhar-nos toda a vida...

— Provavelmente, minha tia.

— O homem de quem tomamos o nome, a posição, e as amizades.

— Eu o pensava já.

— E portanto, quando se trata de uma escolha d'essa natureza, toda a prudencia se faz necessaria.

— Sem duvida.

— Nós queriamos para teu marido um moço bonito, de boas qualidades, de bom nome, e de boa fortuna.

— A's vezes é difficil achar-se tanta cousa junta.

— Tivemos a felicidade de encontrar um, que preenche nossos desejos...

— Ah ! então já, minha tia ?... sem que eu ao menos o suspeitasse ?

— E' verdade ; um interessante mancebo veio pedir-nos a tua mão.

— Realmente foi um pouco apressado... nem ao menos procurou conhecer a minha opinião.

— Já sabes quem é ?...

— Não, senhora.

— Vê se adivinhas.

— Não pretendo incomodar-me com isso.

— Porque ?... perguntou Marianna, que se ia impacientando um pouco.

— Por nada, minha tia ; respondeu seccamente a Bella Orphã.

— Estás zombando comigo, Celina ?...

— Não, minha tia.

— Queres que te diga o nome d'esse moço ?...

— Se lhe parecer conveniente.

— E' o Sr. Salustiano.

— Ah !

— Tens que dizer alguma cousa ?

— Nada... eu, nada : minha tia é que um dia me disse que aborrecia o Sr. Salustiano como se aborrece um malvado.

Escapou aos olhos de Celina um movimento rapido de Marianna.

— Eu estava em erro, disse esta sem hesitar.

— Apezar d'isso, minha tia, e apezar de todas as grandes e nobres qualidades que ornão esse mancebo, sou obrigada a declarar, desde já, que não serei sua mulher.

— Porque ?... perguntou a viuva.

— Porque amo a outro ; respondeu sem hesitação nem temor a Bella Orphã.

Marianna ficou por alguns momentos olhando para aquella fraca e modesta menina, que pela primeira vez a sorprendia com um signal de character decidido e forte.

— Amas já?... perguntou emfim a viuva.

— Já o déclarei, senhora.

— E a quem amas, minha pobre Celina?

— Ao Sr. Candido.

— E elle ?...

— Ama-me tambem.

— Infeliz !... tu foste enganada !...

Celina não demonstrou nem surpresa, nem receio, nem desgosto : desconfiava de tudo quanto lhe dizia Marianna ; deixou-se ficar em silencio, olhando e sorrindo-se para sua tia.

— Duvidas do que eu digo ?...

— Muito, senhora.

— E se eu te der uma prova ?...

Celina continuou a sorrir-se meigamente. Marianna lançou a mão ao bolso de seu vestido, tirou d'elle uma pequena carta, e entregou-a á Bella Orphã.

Celina abriu a carta e leu-a : seu rosto cobrio-se de mortal pallidez. Era a carta que a mulher de mantilha havia conseguido de Candido.

— E agora?... perguntou cruelmente Marianna.

— Agora?... não sei... duvido ainda, respondeu a custo, e erguendo-se a Bella Orphã.

— Onde vai, Celina?

— Preciso recolher-me e ficar só, senhora.

Celina já estava na porta.

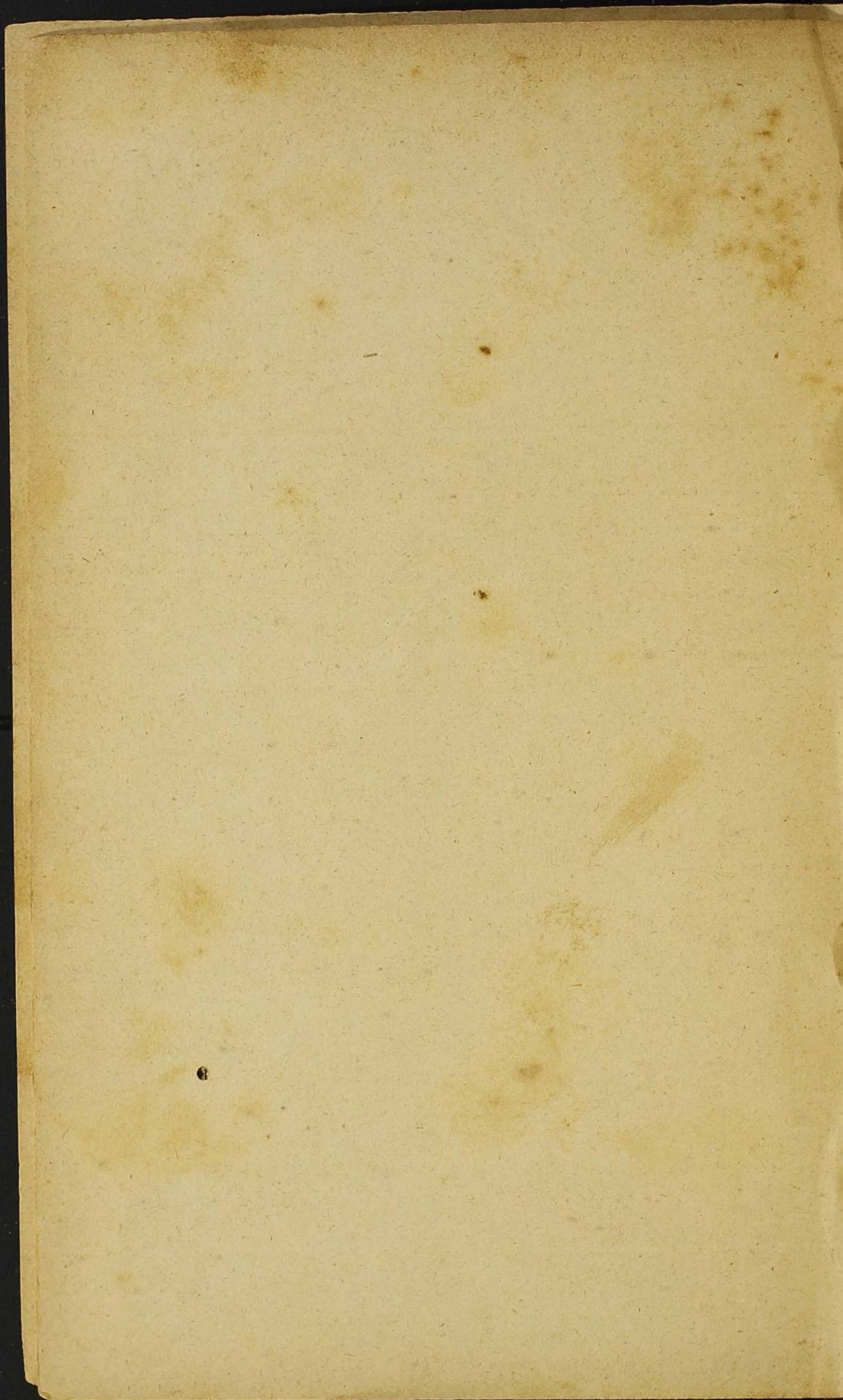
— E o Sr. Salustiano?

A moça voltou-se e respondeu quasi com altivez :

— Ainda quando isto não seja effeito d'uma nova calumnia, senhora, eu nunca serei esposa d'esse homem por quem se mostra interessada.

E sahio.

Por sua vez Marianna empallideceu, e ficou de novo muda, pensativa e abatida.



## XVIII

### Historia dos dous velhos.

No mesmo gabinete em que, poucas horas antes, escreverão João e Salustiano, foi que Rodrigues achou este ultimo ainda agitado pela scena que tivera lugar.

O velho entrou com ar solemne e grave, e comprimentou o mancebo com um simples movimento de cabeça.

— Póde sentar-se, disse seccamente Salustiano.

— Obrigado, disse Rodrigues, estou bem de pé.

— Como lhe parecer. Dirá então o motivo que me deu a honra de sua visita.

— A visita de um pobre velho não honra... incommoda.

— Deixemo-nos d'isso, disse o moço ; tenho que fazer ; diga o que quer.

O velho guarda-portão sorriu-se amargamente d'aquelle modo incrível, e d'aquelle arduo desprezo com que era tratado por Salustiano.

— Então ?!! tornou este.

— Venho contar-te uma historia, mancebo.

— Crê o senhor que tenho tempo de sobra para gastar ouvindo suas historias ?...

— Oh ! que sim ! rico senhor ! baixando á sepultura, teu pai te repetio com voz já sumida as mesmas palavras, que mil vezes te havia dito nos tempos da vida :  
— ouve, meu filho, ouve e obedece a João e a Rodrigues, como se fôsse a mim que obedecesses.

— E a que vem isso?

— E' preciso portanto que ouças a historia d'esses dous velhos, e a de teu pai tambem; porque emfim... o moço vai de novo indo no máo caminho!

— Senhor!

— Mancebo! escuta: não é por mim, é por ti que eu aqui venho. O raio está levantado sobre tua cabeça, e prestes a desfechar-se... eu quero mostrar-te o meio de vencer a tempestade: escuta.

A voz do velho tinha um não sei que de lugubre e terrível, que causou impressão profunda em Salustiano, o qual, como para esconder a commoção que ella acabava de produzir em seu animo, sorrio-se á força, e disse:

— Portanto, escutemos o propheta.

Rodrigues fingio não ter ouvido a zombaria do moço, e, cruzando os braços sobre o peito, em pé, defronte de Salustiano, começou a historia assim:

— N'outro tempo, mancebo (bastantes annos já são passados), havião n'esta mesma provincia do Rio de Janeiro, e em um dos seus municipios de serra acima, dous jovens bellos, ardentes, e generosos: tinhão ambos a mesma idade, vinte e cinco annos; seus pais havião morrido, e lhes deixado ricas heranças: Pedro e Paulo se chamavão elles: não erão parentes; achavão-se no mundo sós e com um destino em tudo semelhante; Paulo tinha apenas um tioque d'elle não gostava; Pedro não conhecia parente algum. Esses dous moços encontrárão-se pois no mundo tão iguaes, tão semelhantes, que se abraçárão um com o outro, jurárão amizade eterna, amárão-se como irmãos gemeos, misturárão seus prazeres e seus pezares; de modo que aquelle que offendesse Paulo teria offendido Pedro, e o que fósse amigo d'este seria por força tambem amigo d'aquelle.

— Até ahi nada de novo, meu caro; disse Salustiano; e, para poupar-lhe palavras, declaro que já sei que esse

Paulo era meu bisavô, e esse Pedro o respeitavel avô do Sr. Rodrigues.

Sem dar attenção ao que acabava de dizer Salustiano, o velho continuou :

— Esses dous amigos amárão ao mesmo tempo duas interessantes jovens; casárão-se no mesmo dia, e cedendo ao ardor da idade, e ás instigações de falsos amigos, votárão-se ambos a uma vida de prazeres e de loucuras, que elles não pensavão de acabar um dia. Os banquetes erão succedidos por outros banquetes, e sómente interrompidos pelas caçadas, pelas pescarias, e por mil outros prazeres. Levárão muito tempo assim, até que chegou um dia em que Pedro foi ter com o seu amigo, e disse-lhe :

— Paulo, temos andado mal; os meus bens chegão apenas para os meus credores.

— Pedro, disse o outro; acordamos tarde; eu devo tambem tudo quando possuo.

— Que faremos agora ?

— Primeiro que tudo pagar a quem devemos.

— Os dous amigos chamárão os seus credores, satisfizerão suas obrigações como homens honrados que erão, e achárão-se com uma simples e pobre casinha para ambos, com uma mulher e um filho cada um d'elles, com duas espingardas, dous cães de caça, uma canôa, uma rede, e mais nada.

« Sorrirão-se ambos, olhando um para o outro, quando inventariárão os restos de sua antiga riqueza.

« Os antigos companheiros de festas e de seus prazeres desprezárão os dous amigos : elles rirão-se ainda.

« Erão dous homens de grande coração, de muito orgulho, e de immenso valor.

« Pedro nada tinha que esperar; Paulo nunca se lembrou que lhe restava um tio.

« Unidos sempre, esses homens embarcavão-se na leve canôa, e os ferteis rios do Brasil lhes davão peixe para suas mulheres e seus filhos.

« Outras vezes, seguidos dos dous unicos amigos que tinham ficado sempre fieis, de seus dous cães, Pedro e Paulo embrenhavam-se n'essas matas verde-negras, que cobrem numerosas legoas sem interrupção ; ahi, ao lado um do outro, com seus cães ao pé e suas espingardas no hombro, impavidos e frios, elles esperavão a hora, em que começarião a combater com o tigre e o javali.

« Cem vezes Pedro salvou a vida de Paulo ; cem vezes Paulo livrou da morte a Pedro ; e depois, rotos, feridos, cobertos de manchas de sangue, elles voltavão á sua pobre casinha curvados sob o peso das victimas de seu valor e de sua dextreza.

« Mas um dia, no meio d'essa vida de trabalhos e de perigos, chega a noticia da morte do tio de Paulo, e outra vez a riqueza para este.

« Paulo era o herdeiro de seu tio.

— Somos ricos outra vez, disse este ao seu amigo ; vamos para nosso casa : e agora saberemos ajuntar para nossos filhos.

— Vamos, respondeu Pedro sem vexame.

« Começarão de novo os dous amigos a gozar vida de abundancia e de socego ; porém nada mais de banquetes, nem de festas.

« E quando elles morrerão deixarão seus dous filhos unidos como se fôsem dous irmãos gemeos.

« O filho de Paulo tinha ficado rico, e o seu amigo era apenas senhor de mediocres teres ; mas essa differença da fortuna não mudou nada á amizade, que os ligava.

« Amárão-se constantemente como seus pais ; como seus pais casarão-se no mesmo dia. Um d'elles teve um fructo de seu hymeneu ; foi um bello menino que se chamou Leandro ! foi o filho do rico.

— Meu pai, murmurou Salustiano.

— O outro teve dous filhos gemeos e uma filha que se chamavão João, Rodrigues, e Emilia. Fomos nós, Sr. Salustiano.

— Eu o sei.

— Quando nossos pais morrerão, bem cedo!... ficámos no mundo, herdeiros d'essa amizade pura, e sagrada, que era a honra de nossas familias, e que fazia admiração das outras.

Salustiano não disse nada.

— Com orgulho, com a consciencia cheia de prazer, de verdade, e de socego, nós diziamos : — seremos como nossos pais! — oh! não desmentimos nunca!... fomos os derradeiros, é certo... porque minha irmã morreu, e meu irmão e eu não temos filhos; e porque o Sr. Leandro teve um filho que se não parece com seus antepassados.

— Senhor!

— Silencio, mancebo!... eu tenho o direito de te reprehender! fui o irmão d'alma de teu pai... sou um dos ultimos herdeiros da amizade de cem annos!... abaixa os olhos diante de mim; porque tu não serás nunca como forão os teus e os meus, e como somos ainda, meu irmão e eu. Silencio, mancebo; quem falla aqui não é o pobre velho Rodrigues, é a voz da amizade de cem annos.

O moço, apezar seu, abaixou a cabeça.

O velho proseguio :

— Sim... honra a nós; nós fomos como os nossos : Leandro, João e Rodrigues erão um só homem, e Emilia, dez annos mais moça do que nós e seis do que Leandro, era a menina dos olhos de todos tres, era o brilhante que se preparavã para a corôa de alguém que fosse digno de ajuntar-se comnosco. Emilia era bella, pura, ingenua como um anjo, com seus olhos pretos, suas faces pallidas, e seu corpinho debil... pobre Emilia!..

O velho enxugou com a face dorsal da mão direita duas grossas lagrimas, que estavam pendendo de suas palpebras. Depois continuou :

— Leandro apaixonou-se de uma joven senhora, tão linda como vaidosa, tão rica como pouco nobre : tarde

conhecêmos esses defeitos; aliás, o nosso amigo não teria sido esposo de Mathilde.

— Falla de minha mãe, senhor? disse Salustiano erguendo a cabeça.

— Bem o sei, tornou o velho proseguindo: depois de casar-se Leandro, pediu-nos que consentissemos que Emilia fosse morar com sua mulher: nossa irmã tinha então dezeseis annos. Consentimos. Passarão os primeiros mezes sem que suspeitassemos, sem que cousa alguma podessemos recear. Cêdo porém começou Leandro a experimentar os excessos e effeitos da vaidade de sua mulher: sua casa se tornou em um inferno; sua vida foi um martyrio constante. O unico lenitivo, que achava para minorar seus soffrimentos o nosso pobre amigo, era vir depositar suas magoas em nossos corações, e ir choral-as ao pé de minha irmã.

O velho respirou, e depois disse ainda:

— Tua mãe, mancebo, aborreceu os amigos de teu pai: ciumenta e louca, vio uma rival em minha irmã, e inspirada pelo demonio, esquecida de tudo quanto é nobre e generoso, concebeu um pensamento infame!...

— Senhor!

— Na manhã de um domingo, depois do sacrificio da missa, que se celebrava na capella da fazenda de Leandro, estando a casa cheia, diante de meu irmão e de mim, mesmo á vista de seu marido, ella enxotou de sua casa a minha irmã, cobrindo-a de improperios e de maldições, dizendo contra ella calumnias que a nodoavão! oh! sim, mancebo, a lingua de tua mãe deshonorou a minha irmã! disse que uma virgem era uma mulher impura!... disse que seu marido a desprezava por minha irmã... disse tudo... tudo... disse tanto, que Emilia cahio desmaiada nos meus braços.

Salustiano não pronunciou uma só palavra em defesa de sua mãe. O velho continuou:

— Levámos a pobre moça desmaiada como estava

para nossa casa: mancebo! quando minha irmã tornou a si, estava doida. Infeliz! vagava horas inteiras e sem cessar, interrompendo-se apenas para levantar a voz bradando — é falso!... — e vagava de novo, corria ajoelhando-se, erguia as mãos ao céu, e bradava — é falso! — lançava-se em nossos braços, chorava, soluçava, e por entre seus soluços deixava escapar o seu grito de innocencia — é falso. — Ah! mancebo! mancebo!... um mez inteiro se passou d'esse modo, e no fim d'esse mez ella expirou em nossos braços murmurando ainda a triste phrase — é falso! — Mancebo! mancebo! quem fez enlouquecer, quem fez morrer nossa irmã?...

Salustiano não respondeu nada.

— Foi tua mãe. Pois bem: a Providencia tomou o cuidado de vingar-nos; Mathilde não gozou o doce prazer de beijar seu filho. Mancebo, tu custaste a vida de tua mãe; ella morreu alguns momentos depois de te haver dado á luz.

— Infeliz! balbuciou Sulustiano.

— E em nossos corações, proseguio o velho, a santa e immaculada amizade de cem annos teve força bastante para fazer com que João e Rodrigues carregassem ao collo o filho da assassina de Emilia: sim! porque o filho de Mathilde o era tambem de Leandro. Mas o nosso amigo tinha recebido terriveis golpes; a lembrança de Emilia o atormentava; a morte de sua mulher, que apesar de tudo elle amára extremosamente, veio augmentar seus pezares; lembrou-se da côrte, sempre cheia de ruido, de festas e de prazeres, e emfim, resolveu-se a deixar a vida do campo. Vendêmos quanto possuíamos, e viemos estabelecer-nos aqui. Mancebo, o resto de nossa vida tu sabes... é uma historia de vinte e cinco annos de cuidados gastos contigo, pois que tinhas apenas um anno quando deixaste os campos onde nasceste. Dize pois, não te lembras nunca do amor com que te tratavão os dous amigos de teu pai?...

— Senhor...

— Eras um menino indocil... passaste a ser um moço extravagante e altivo: dize pois, mancebo, já te esqueceste de que uma nodoa... a deshonra te ia manchar, e de que fomos nós os que te arrancámos, te salvámos da infamia ?!!

— Basta! exclamou Salustiano córando.

— Ninguém nos ouve aqui, tornou o velho; podemos fallar sem receio: para alimentar teus vicios ousaste furtar uma firma... teu nome foi escripto no rol dos criminosos... e quem te valeu então?... quem comprou um escrivão sem honra, que prestou-se a queimar o processo?... quem pagou ao homem cuja firma tinhas imitado?... lembra-te, mancebo, que fomos nós, João e Rodrigues; porque teu pai queria que o filho indigno soffresse a pena merecida... lembra-te que fomos nós, que suspendêmos a maldição que dos labios de um pai austéro ia cahir sobre o filho pervertido.

— Senhor! senhor!...

— Sim... conseguímos o teu perdão; e quando a morte veio arrebatá-nos o nosso amigo, as ultimas palavras que te dirigio, forão essas, que já m'as ouviste hoje: « ouve, meu filho, ouve e obedece a João e Rodrigues, como se fôsse a mim que obedecesses.

— E' preciso concluir, senhor!

— Morto teu pai, uma nobre missão chamou-me longe d'esta casa: meu irmão porem ficou velando por ti. Mancebo, como pagaste ao amigo de teu pai os extremos, que gastou contigo?... dize.

— Respeitei-o, disse Salustiano: respeitei-o até hontem.

— E hoje?

— Hoje o offendido fui eu.

— E qual a offensa?... pretender meu irmão arrancar de teu poder um papel, que te não pertence?... que direito tens sobre aquella carta?... que uso queres fazer

d'ella?... ah! mancebo, o amigo de teu pai vem dizer-te, que isso que tens no pensamento, e que cuidas realisar, mercê d'essa carta, é uma infamia.

— Senhor!

— Mas ainda é tempo de voltar atrás; os olhos da amizade dos cem annos ainda te olhão com piedade: em nome; de teu pai João te perdôa: em nome de seu pai eu te venho chamar para o caminho da honra. Mancebo, dá-me a carta da filha de Anacleto.

— Oh!... eu tinha adivinhado o motivo da sua visita, Sr. Rodrigues.

— E então?

— E' impossivel conseguir de mim o que pretende: reconheço os serviços que lhe devo; respeito os velhos amigos de meu pai, mas não posso abandonar assim a unica esperança...

— A esperança, de que?

— De alcançar a posse da mulher que adoro.

— Não a alcançarás nunca.

— E essa carta, senhor? !!!

— Essa carta fará a desgraça de uma mulher, e mais nada.

— Mas essa mulher terá meios de fazer-me esposo de Celina.

— Não, não; porque haverá quem se levante entre a virgem pura e nobre, e o mancebo pervertido...

— E quem ousará?...

— Eu.

— Bem, Sr. Rodrigues, veremos.

— E a carta, infeliz moço?...

— Nunca.

— Mas quando a vingança do offendido vier cahir sobre tua cabeça?...

— Nada receio.

— Pensa bem, mancebo: d'aqui a uma hora nada mais poderá salvar-te... pensa...

- Estou decidido, senhor.
  - Então toda a esperança de conciliação está perdida;
  - Toda.
  - E as consequencias?...
  - Embora.
  - Fiz quanto pude, disse o velho com voz lugubre ;  
agora nada mais ha que esperar.
- Salustiano sorriu-se.
- Rodrigues ergueu o braço direito como apontando para o céo, e sahio dizendo :
- Justiça será feita.
-

## XIX

### No alpendre

Logo que Rodrigues sahio, João entrou para o quarto d'este, cerrou a porta e esperou a volta de seu irmão, meditando sobre os meios de realisar um projecto, que desde muitos dias, e então mais que nunca, o occupava.

Chegou Rodrigues, e adivinhando onde se recolhêra o irmão, abriu-a porta e entrou.

O velho guarda-portão estava triste e abatido.

— Então?... perguntou João.

— Nada.

— Não te havia eu prevenido de que serão inuteis todos os teus esforços?

— Paciencia; mas fiz o que devia.

— E agora ainda quererás suspender-me?

— Não; convém que aquelle moço seja abatido.

— Bem : tomo isso á minha conta.

Ficárão os dous velhos pensando durante algum tempo, e depois João perguntou :

— E a respeito do outro, que novidades ha?

— Hontem á noite fez elle vinte e um annos.

— Eu o sei.

— A' meia noite bateu á porta do Purgatorio-trigueiro uma mulher de mantilha, que o foi procurar.

— E essa mulher...

— Era Marianna.

— O que queria d'elle?

— Não sei bem, mas parece que conseguio muito, porque ao romper do dia de hoje cheguei ao Purgatorio-trigueiro muito a tempo...

— A tempo de que?

— De desmanchar um projecto de viagem a mais extravagante do mundo. Candido ia partir.

— Para onde?

— Elle mesmo não sabia dizer.

— Rodrigues, aquella mulher é o diabo em pessoa.

— E' muito desgraçada, João.

— Por culpa d'ella : tu fôste sempre mais piedoso do que eu.

— Não, tu és que te finges máo.

— Está bem; e então não conseguiste saber o motivo d'essa viagem?

— O nosso pequeno teimou em occulta-o.

— Mas por fim, cedeu e ficou.

— Sim; porém custou-me muito : foi-me preciso tocar-lhe na corda mais sonora de seu coração.

— Ah! já sei; fallaste-lhe em sua mãe.

— E' verdade.

— Pobre rapaz!... e como vai elle de amores?

— Olha, João, eu não o entendo : até hontem á meia noite era todo ardor, paixão e esperança.

— E hoje?

— Não quer ouvir o nome da Bella Orphã.

— E esta!...

— A mulher de mantilha dobrou muito á sua vontade aquelle coração.

— Quando eu digo que ella é o diabo!

— Infeliz! treme diante do mundo : Salustiano é um aspecto que a assombra ; obedece-lhe como a um senhor.

— Cedo eu a livrarei d'esse phantasma.

— Como?

João ficou olhando por algum tempo para Rodrigues, e depois disse : Está bem... era um segredo que eu queria guardar para mim só ; mas vou dizer-t'o.

Rodrigues escutou curioso.

— Tens um bello vizinho ali defronte, disse João.

— Sim, é o celebre Jacob... aquelle nosso escrivão do processo.

— Pois sabe que é muito meu amigo.

— Teu amigo?...e tu apertas a mão de semelhante homem?

— Aperto.

— João!

— Nada de reprehensões; escuta : observei que o tal Jacob ia de vez em quando ter com Salustiano; ficavão a sós por algum tempo, e depois o escrivão retirava-se muito alegrezinho, e o outro ficava por algumas horas de máo humor.

— E a razão?

— Um dia consegui ficar em posição de ouvil-os, e apanhei-lhes o segredo. O escrivão é duas vezes infame.

— Como?... explica-te.

— Infame, porque recebeu dinheiro para queimar um processo, e por isso perdeu o officio; e infame outra vez, porque o processo não está queimado.

— E então?...

— Elle o guarda.

— Oh! mas isso é o diabo.

— Pelo contrario, eu julgo que é excellente. Já te disse que tenho estreita amizade com Jacob.

— E que pretendes fazer?

— Ir morar com elle.

— E esperas conseguir isso?

— Com dinheiro tudo se consegue d'aquelle homem : vou alugar-lhe um quarto em sua propria casa.

— E depois?

— Depois os papeis estão lá, e hão de ser meus, custe o que custar.

— Fallar-lhe-has n'isso?

— Deos me defenda : Salustiano deve têl-os pago bem, para que elle m'os quizesse ceder!

— Olha, João, se te vás metter n'alguma...

— Deixa o caso por minha conta ; mas que é isto?...

Ouvio-se uma voz terna e melancolica, que começava a cantar o romance do Sonho da Virgem.

« Era um dia um mancebo, qu'ardente,  
« Pobre vida esquecido vivia;  
« E uma virgem...

O velho Rodrigues sorrio-se.

— De que te ris?... perguntou João.

— E' que este canto me está chamando. A Bella Orphã tem que me confiar.

— Pois vai; adeos.

— Não, espera; póde ser que convenha que saibas o que ella tem para me dizer.

João ficou outra vez só no quarto de Rodrigues.

Uma hora depois voltou o velho guarda-portão.

— Que novidades ha? perguntou João.

— O caso vai-se complicando.

— Então que temos?

— A tal mulherzinha de mantilha obteve do nosso pequeno uma carta para Celina.

— Bravo! provavelmente o rapaz desmanchou-se todo em juramentos de amor.

— Ao contrario, declara ã nossa Bella Orphã que a não ama, e que não quer illudil-a por mais tempo.

— E esta!... que dizes a isto?

— Fiquei com a cara á banda, João!

— Que disseste á pobre menina?

— Que desconfiasse, e que esperasse.

— Realmente foi boa resposta.

— Agora vamos sahir, João.

— Para onde?

— Tu para casa de Jacob, e eu para o Purgatorio-triguero.

— Vamos.

Os dous velhos separárão-se á porta do alpendre. João entrou na casa de Jacob, e Rodrigues foi conversar com a velha Irias.

## XX

### O coração de Jacob

Estava correndo a segunda noite depois d'aquelle dia, em que João tinha sido lançado fóra da casa de Salustiano.

Erão cerca de dez horas.

Na acanhada saleta de jantar da cozinha, que ficava fronteira ao Céu côr de rosa, estavam tres personagens ceando alegremente, sentadas ao redor de uma pequena mesa: erão Jacob, Helena e João.

O antigo agente da casa de Salustiano tinha calculado bem com o genio interesseiro do ex-escrivão; logo que se separou de Rodrigues apresentou-se na casa de Jacob com a bolsa na mão, e foi immediatamente recebido e installado no melhor quarto da casa.

Logo na primeira noite João offereceu a seus hospedes uma excellente ceia: Jacob era amigo de bom vinho, e Helena, ou por condescendencia, ou por que quer que fôsse, gostava de tudo de que seu marido gostava: portanto comeu-se e bebeu-se até alta noite.

Na que se estava seguindo, repetio-se a mesma scena. No entretanto conversavão.

— Mas, como ia fazendo notar, disse João, parece que o destino foi quem decidio que nos ajuntassemos; eu fui um dos que cooperei para sua desgraça, e portanto era justo que viesse ajudal-o a soffrêl-a.

— Não nos lembremos d'isso, disse Helena.

— Sim, affoguemos os pezares com vinho.

— Vá feito! exclamou Jacob; á saude da boa amizade.

E apenas esvasiados os copos, João os encheu de novo, porém com vinho differente.

— Esta mistura de vinhos é que hontem me fez mal, observou Helena.

— Ora, saude... um dia não é todos os dias...

— Apoiado! bradou Jacob.

— Comamos um pouco d'este bôlo inglez para fazer lastro.

— Vamos a elle, que está excellente!

— Eu já pedi a uma comadre minha a receita dos bôlos inglezes; mas a maldita egoista deu-me uma como a cara d'ella.

— Perdemos uma duzia de ovos, meu caro João.

— Deixe estar, Sra. Helena, que eu lhe hei de trazer a verdadeira receita dos bôlos inglezes.

— Oh! Sr. João, não faz idéa do gosto que me dará.

— Sr. Jacob, lá vai a saude da sua boa senhora!...

— A' razão da mesma!

Jacob e Helena, pouco habituados a beber vinhos de diversas qualidades, começavão a demonstrar uma alegria e vivacidade muito significativa.

— Que vinho delicioso! disse o escrivão.

— Tem vinte e cinco annos de sepultado.

— Ah!... eu logo vi...

— Mais um copo.

Os dous não se fizeram rogar.

— A proposito, disse João; hontem o Sr. Jacob começou a contar-me uma historia que infelizmente não pôde concluir.

— Qual?

— A historia de uma grande trovoada domestica: uma briga entre marido e mulher, a consequente separação dos sujeitinhos, e depois a sua recente conciliação... que diabo! eu fiquei espantado de o ouvir contar as cousas, como se as tivesse testemunhado, e ainda mais me

espantei quando disse que tinha documentos d'isso no coração.

— Quando m!... ah!...

Helena soltou tambem a sua risada.

— Elle não entende o que é o meu coração!...

— E' verdade... confesso que não posso adivinhar semelhante charada.

— E' segredo de familia, e portanto...

— Basta... já não quero saber. Vá um copo de vinho aos segredos de familia.

— Vá!

João, que desde a noite anterior concebia as melhores esperanças de realizar o plano, que trouxera em mente quando viera morar em casa de Jacob, deixou passar cerca de um quarto de hora, durante o qual fez com que o ex-escrivão e sua mulher esvasiassem ainda mais dous calices de vinho, e depois disse :

— Mas, tornando, como lá se diz, á vacca fria, devo notar que não são muito concordes em um ponto da tal historia.

— Em qual?

— O Sr. Jacob diz que o casal brigado e separado reconciliou-se em consequencia de uma carta muito cheia de lamurias e de tolices, escrita por um d'elles.

— E' certo!

— Foi tal qual.

— Sim; mas hontem o Sr. Jacob sustentou que a carta estava assignada pela mulher, e a Sra. D. Helena jurou que era do proprio punho do marido.

— E' da mulher.

— E' do marido.

— Então em que ficamos?

Não faltava mais nada?... uma mulher abaixar a cabeça a um homem!...

— Pois digo-lhe eu que a carta é da mulher! exclamou Jacob, dando na mesa um forte murro.

— E' mentira, Sr. João!

O velho soltou uma gargalhada estrepitosa.

Jacob e Helena, extremamente *espiritualizados*, teimavam um com o outro com desespero e furor: João, em vez de apasigual-os, os desafiava cada vez mais com suas gargalhadas.

— Ferve-me o sangue quando esta mulher do diabo teima comigo!

— Este homem, Sr. João, não abre a boca que não minta! é um inimigo das mulheres...

— Pois se a carta é da mulher!...

— E' do marido!

— Oh! senhora.,. não teime...

— Tenho dito: é do marido

— A senhora não sabe que eu tenho a carta no meu coração?...

João fez um movimento.

— Pois, se lhe parece... eu não tenho medo...

Jacob olhou para João com ar ainda meio temeroso.

Deixemo-nos d'isto, disse este; acabemos com esta contenda; vá á saude dos bons esposos!

Os copos esvasiárão-se de novo; d'ahi a algum tempo João tornou:

— Mas vamos: a carta era da mulher ou do marido?

A embriaguez de Jacob e Helena já então era completa; gaguejavão ambos, fallando ao mesmo tempo.

— E' da mu... lher...

— E' do ma... ri... do...

— Quem falla verdade? decidamos.

— Eu...

— Eu...

Os dous disputantes ficarão desesperados outra vez.

— Eu... vou... bus... car... o co... ra... ção!... exclamou Jacob.

Helena respondeu-lhe com um insulto, e o escrivão, cambaleando e segurando-se pelas paredes, dirigio-se ao seu quarto.

No entretanto, e para que Jacob não se deixasse ficar no quarto, pois que tudo se podia esperar do estado de embriaguez em que se achava, João, instigando Helena, fazia com que a mulher injuriasse em alta voz a seu marido.

Jacob appareceu de novo á porta da pequena saleta.

João lançou um olhar cheio de curiosidade, de duvida e de esperança sobre aquelle homem.

O ex-escrivão vinha abraçado com uma caixa de jacarandá, que se mostrava sob a fórma de um coração.

Era de facto aquillo que ardentemente desejava vêr o antigo agente de Salustiano : era o coração de Jacob.

— Até que, emfim ! murmurou João por entre os dentes.

E ergueu-se para ir ajudar a Jacob que vinha cambaleando.

O ex-escrivão chegou finalmente á mesa, e indo depositar ahi a caixa que trazia, debruçou-se sobre ella olhando meio risonho, e ainda meio desconfiado para João.

— Vamos decidir a questão, disse este.

— E' do ma... ri.., do, balbuciou Helena.

Com um movimento de desespero o ex-escrivão desabotoou o seu infallivel fraque roxo, abriu a camisa, e deixando vêr um peito vermelho e cabelludo, foi com mão mal segura tirar um cordão preto, a que estava presa uma pequena chave.

— Vejamos... vejamos... disse João todo desejos e esperanças.

Jacob trabalhou por muito tempo para introduzir a chavinha na fechadura ; porêm, conhecendo que o nãe podia fazer, sentou-se de novo risonho, e disse gaguejando :

— Que... di... a... bo... não pos... so... pa... re... ce... me que... es... tou be... ba... do.

— Dê-me a chave, que eu abro...

O ex-escrivão soltou uma gargalhada, sacudiu a cabeça e tornou a enfiar o cordão no pescoço.

— Tambem não vale a pena perder tanto tempo por isso, tornou João; acabemos o prazer d'esta noite com um ultimo copo de vinho.

E encheu os copos. Jacob bedeu metade, e entornou sobre a mesa e sobre si mesmo a outra metade.

Helena não bebeu, porque já dormia a somno solto.

O antigo agente de Salustiano deixou cahir a cabeça, e pareceu adormecido.

D'ahi a pouco Jacob roncava como um endemoninhado.

No fim de um quarto de hora João ergueu-se, observou cuidadoso os dous esposos; abriu a camisa do ex-escrivão tirou-lhe o cordão do pescoço, e introduzindo a chavinha na fechadura da mysteriosa caixa, deu uma volta, e o coração de Jacob ficou por dentro patente a seus olhos.

A caixa estava cheia de papeis de todos os tamanhos e de toda natureza.

Cartas de familia, escriptos de amor, originaes de antigos impressos, tiras de papel com algumas linhas escriptas, mas cujo sentido era quasi impossivel decifrar, antigos processos... papeis judiciaes... e uma multidão immensa de outros objectos enchião o coração de Jacob.

O ex-escrivão tinha realmente dado um nome muito significativo áquella caixa: era o seu coração.

Era o coração do homem máo, intrigante, maledicente. Dentro d'elle estavam os materiaes, com que elle podia accender a guerra entre familias.

Jacob era um malvado, ou para melhor dizer, um miseravel malvado.

João não se demorou em fazer observações sobre o que tinha diante dos olhos; foi passando um por um todos aquelles papeis, até que chegou a um processo.

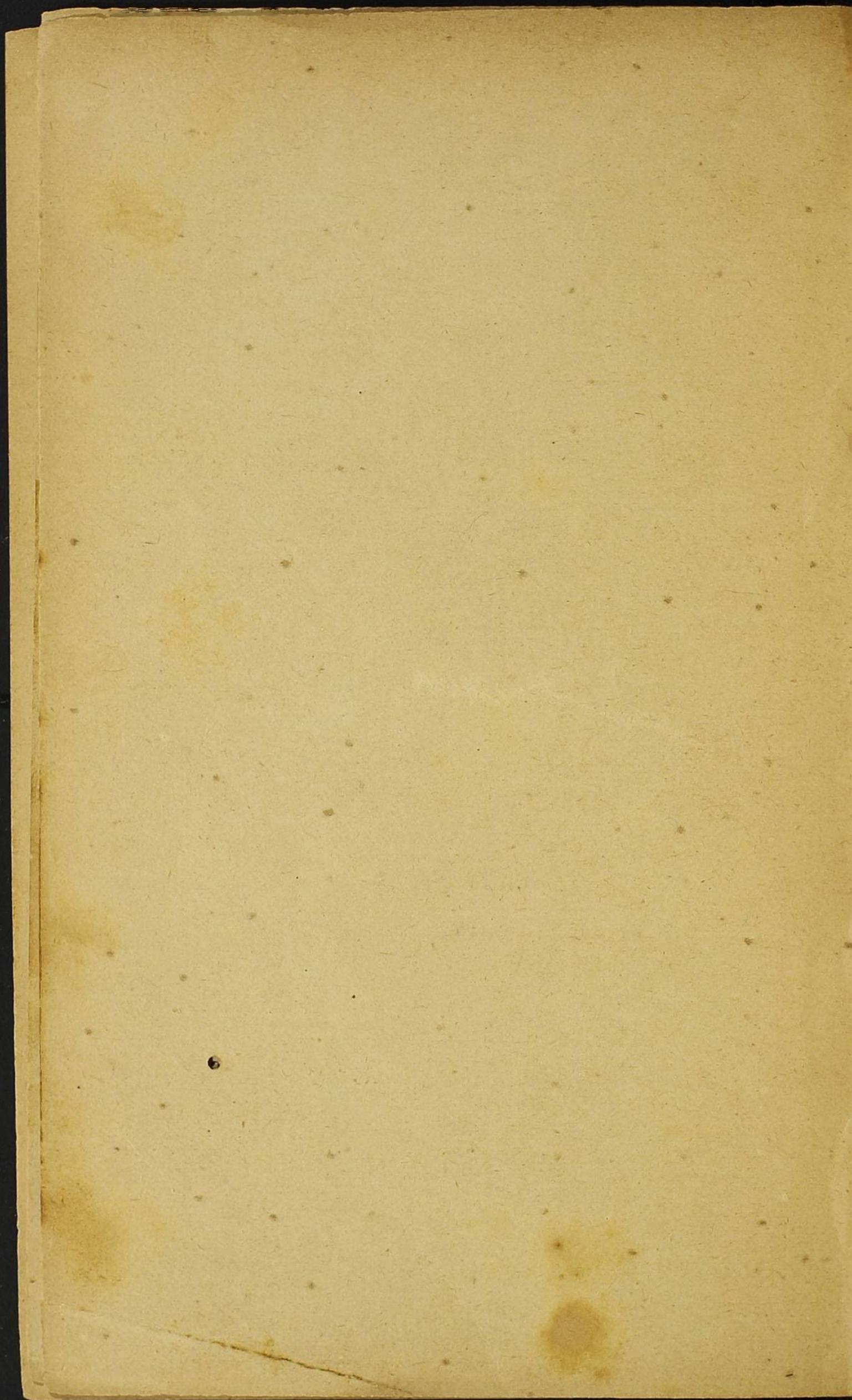
— Ah! eil-o aqui!... eil-o aqui!... exclamou sem poder suster-se.

E folheando o processo chegou a um lugar, em que havia um documento:

— A lettra falsa!... disse.

E como se mais nada lhe importasse do resto; como se houvera completado a sua missão n'aquella casa, guardou o processo no largo bolso de sua sobrecasaca, fechou o coração do mão, poz de novo o cordão no peçoço de Jacob, e indo ao corredor da casa despertou a escrava, mandou que lhe abrisse a porta da rua e tomando o chapéo, sahio.

Era mais de meia noite.



## XXI

### Marianna

Uma verdadeira guerra de emboscadas era a que estava declarada : cada um dos combatentes tinha seu segredo, e por elle velava ; alguns tinham dous segredos tambem ; um que fazia alentar, e outro que fazia córar : outros vivião suspensos e temerosos, victimas innocentes da intriga que fumegava.

João e Rodrigues, senhores das pontas d'aquella meada embaraçada velavão, tendo os olhos fitos em Salustiano e Marianna ; mas parecião guardar ainda para si o — seu segredo querido, — que era talvez a historia de Candido.

Salustiano e Marianna esperavão e tremião : tinham ambos que esperar : ambos porém tinham ao mesmo tempo de córar.

A velha Irias ignorava por ventura tudo ? parece ao menos que sim.

Anacleto, Candido e Celina erão aquelles que vivião suspensos e temerosos erão elles as victimas innocentes que se preparavão, porque o primeiro deveria chorar por sua filha, e os dous ultimos por seu amor.

Henrique nada temia, e tudo esperava : estava quasi a brilhar o dia de seu casamento.

Os acontecimentos se ião precipitando, e deixavão adivinhar que o drama corria para um proximo desfecho. O dia que succedeu á noite de embriaguez de Ja-

cob e de Helena, embriaguez que havia deixado cahir o coração do ex-escrivão nas mãos do antigo agente da casa de Salustiano, foi de terriveis sorpresas para o primeiro e para Marianna.

Salustiano soube na manhã d'esse dia que um documento importante, que o tornava criminoso publico, havia cahido nas mãos do homem, que dous dias antes se declarára seu inimigo.

Concebe-se qual deveria ser o effeito d'essa horrivel noticia: era um raio que acabava de levantar-se sobre a cabeça do misero mancebo.

A Providencia castiga o crime por todas as maneiras: castiga-o mil vezes por seus descuidos e imprevidencias; aquelles que tinham comprado Jacob, poderião e deverião tê-lo visto queimar o processo e a lettra falsa: a falta d'esse cuidado era agora um castigo que vinha sobre o crime, que não deveria ficar impune.

Salustiano mandou deitar fóra de sua casa o ex-escrivão, que acabava de lhe trazer a fatal nova, e ficou só... perdido em um mar de reflexões torturadoras... aterrado e furioso.

Depois lançou-se sobre sua secretaria, e escreveu uma carta com rapidez e desesperação.

. . . . .

Por sua parte Marianna tinha apparecido n'aquelle dia mais abatida que de ordinario. Um sonho terrivel a atormentára toda a noite; acordára tres vezes aos gritos de uma criancinha recém-nascida que lhe bradava; — minha mãe!

Depois do almoço retirou-se para o seu quarto, e ficou dolorosamente pensando... no futuro que a esperava.

Era um futuro portanto bem duvidoso!... de um lado estava Celina, que não daria nunca sua mão a Salustiano; do outro lado estava esse mancebo abominavel prompto para fallar, e com uma folha de papel na mão: e sua primeira palavra era a deshonra, e esse papel era o corpo de

delicto da desgraçada viuva!...e para completar o quadro, via-se no fundo um misero velho curvado pelos annos e pelos pezares, chorando com os olhos em sua filha, e descendo para dentro de uma cova funda como um abysmo!

E depois de tudo isso a imagem de um mancebo pallido e melancolico... a imagem de Henrique, tão bello, tão cheio do mais puro amor, tão capaz de fazer a ventura de Marianna!...

Pensava n'isso, via tudo isso a infeliz mulher, continuava sempre a pensar e a vêr, até que ás onze horas da manhã uma escrava entrou em seu quarto, e entregou-lhe uma carta que acabava de chegar.

Marianna abriu a carta e estremeceu ao lêr a assignatura.

Era a carta de Salustiano.

Retirou-se a escrava a um aceno da viuva, que, apenas se achou só, leu a carta: « Senhora, um acontecimento, que pouco lhe importará saber qual seja, porque sómente a mim diz respeito, acaba de obrigar-me a modificar minhas disposições: a escriptura de meu casamento com a senhora sua sobrinha deverá impreterivelmente ser hoje assignada. A's cinco horas da tarde terei o prazer de ir ao Céu côr de rosa, levando comigo a escriptura de que fallo, e a carta, que com toda probabilidade espero deixar hoje em suas mãos. Tenho a honra de assignar me, etc. — Salustiano. »

Marianna ficou petrificada, pallida e immovel como um cadaver ao principiô; depois com o rosto contrahido, os olhos espantados e o corpo convulso, causaria piedade ao coração mais duro.

Era a sentença final que a misera acabava de lêr... o que lhe restava?... o que lhe cumpria fazer?...

Mas passada uma hora a graciosa cabeça d'aquella encantadora mulher ergueu-se bella e orgulhosa; brilhárão seus olhos com ardor immenso, suas faces se animárão com o rubor da vida, e um sorriso que se não

podia bem traduzir, que tinha alguma cousa do rir terrível do desespero, e do rir socegado de um martyr christão, raiou em seus labios grossos e voluptuosos, deixando alvejar seus lindissimos dentes.

Animava-a a idéa de um novo crime: ella se exaltava com um pensamento sinistro.

— Vencerei... a meu modo!... murmurou ella.

— E depois, por entre uma risada nervosa, e como filha da loucura, accrescentou :

E' um tigre!... é um tigre que pretende devorar-me!... livrarei a minh'alma de suas garras...deixar-lhe-hei o meu corpo... ah! sim!... o tigre que se farte no meu cadaver!...

A infantecida meditava no suicidio!...

Porém ella sentio rumor : ouviu os passos compassados de alguém que vinha subindo a escada : erão os passos de um velho.

Marianna correu a receber seu pai.

— Meu pai!... exclamou ella.

O velho recuou dous passos, como sobresaltado, depois cruzou as mãos e disse :

— Graças a Deos !

— Porque, senhor?...

— Porque enfim te vejo alegre, Marianna.

Foi com tão viva expressão de prazer que aquelle bom velho agradeceu ao céo a alegria, que estava brilhando no rosto de sua filha, que ella mesma não pôde resistir á dôr que lhe causava a mentira que illudia seu pai.

Os olhos de Marianna arrasárão-se de agua : a misera começou a soluçar desabridamente, de joelhos, abraçada com as pernas do sensivel velho.

— Minha filha! minha querida filha!... que é isto?... bradou então elle; por acaso enganei-me eu?... és sempre incomprehensivelmente desgraçada?...

Marianna chorava mais ainda.

— Filha da minh'alma, continuou Anacleto chorando tambem, falla! derrama no meu coração os teus pezares...

falla pelo amor de Deos! se tens um segredo, onde acharás para esse arcano mais bem cerrado tumulo, do que o coração de teu pai?... oh! falla!... a alma de um pai se abre piedosa ás penas que te dilacerão; falla! se um tal silencio continúa, e continuão essas lagrimas e esse constante soffrer, cuja causa me escondes, eu não posso resistir mais... eu morro, de certo!

— Senhor... balbuciou a misera.

— Ah! é porque tu não sabes o que é ser pai Marianna; é porque ignoras que não ha punhal, que rasgue mais dolorosamente as entranhas de um pai, do que as lagrimas de uma querida filha!... falla, meu anjo, falla, meu amor, falla, minha filha!... porque choras?... tens por ventura commettido uma falta?... a alma de teu pai é grande para t'a perdoar!... offendêrão-te?... falla, e meu tremulo braço readquirirá as perdidas forças para vingar-te... o que tens? vê que o teu silencio faz mal a ti mesma... lembra-te que esse mysterio, em que envolves a tua dôr, póde dar lugar a que alguém suspeite...

— Com a rapidez do relampago desapparecêrão todos os signaes de dôr ou de enternecimento, que em Marianna acabavão de mostrar-se. Tinha despertado a vaidade... a mentira.

A viuva ergueu-se.

— Então, minha filha?

— Nada soffro, meu pai.

— Mas que contradicção é essa?... chego e acho-te risonha; dou graças a Deos pelo teu contentamento, e cahes a meus pés desfazendo-te em pranto; chorando tambem por minha vez, peço-te que falles; e tu te ergues altiva, com as olhos enxutos, e me dizes que nada soffres?! como explica isto?

A viuva pensou um momento, e depois respondeu tão socegradamente como se fôra a propria verdade, que nos seus labios fallasse:

— Meu pai, disse ella, tenho-lhe causado immensos pezares...

— Não nos lembremos das dôres passadas : o que eu quero saber é simples : o que te atormenta hoje ?

— Remorsos.

— Remorsos?!! exclamou Anacleto.

— Sim, meu pai ; remorsos dos desgostos, que lhe tenho causado.

O velho fitou por alguns instantes os olhos no rosto de sua filha ; depois, sacudindo tristemente a cabeça, disse :

— Não é isso.

— Oh ! é isso, meu pai, é isso mesmo. Fui desde criança uma louca, cheia de presumpção e vaidade, a mais pequena contrariedade offendia meu orgulho ; um homem, que deixasse de queimar incenso a meus pés me levava ao desespero ; e depois, envergonhada de meus sentimentos, de minhas puerilidades, eu escondia a causa de minhas penas a meu pai, que chorava julgando-me desgraçada, quando eu era sómente uma pobre louca.

— E mais nada ? perguntou Anacleto.

— Muito mais, meu pai, muito mais ; porém tudo se reduz pouco mais ou menos a isso.

— E ultimamente ?

— Ultimamente eu era, eu sou louca como d'antes ; eu sou criança ainda hoje, meu pai.

E com um sorrir gracioso Marianna continuou :

— Devo confessal-o?... pois bem : eu sou ciumenta, meu pai, perdidamente ciumenta : estou para casar-me, e se Henrique olha duas vezes para uma senhora, faz-me estar triste un dia inteiro ; se conversa com prazer com outra, sou capaz de chorar duas horas. E não disse já que era louca ?

— E mais nada ? perguntou Anacleto de novo.

— Pois o que mais, meu pai ?

— Minha filha, tu não queres ainda confiar-me os teus pezares ; não tens piedade d'este pobre velho, que tanto te ama!... paciencia !

Outra vez se enchêrão de lagrimas os olhos de Marianna.

— Choras ainda?... eis ahi...

— Meu pai! eu lhe tenho feito soffrer muito; ainda hoje, ainda agora acaba de chorar por minha causa; pois bem; eu lhe prometto que ámanhã, e que mais nunca me ha de ver pezarosa.

Anacleto estremeceu todo, e disse :

— Marianna!...

— O que tem, meu pai ?

— O que acabas de dizer póde-se entender de dous modos : é um pensamento que pertence tanto á vida como á morte, e talvez que ainda mais a esta ultina.

— Morte!... disse a viuva rindo-se; pensar em morte uma moça, que está em vespervas de casar-se ?

— Ah! Marianna, quem te poderá comprehender sufficientemente?!!

A viuva apertou a mão de seu pai entre as suas, e perguntou :

— Meu pai, encommendou as flóres ?

— Encommendei, respondeu o velho suspirando.

— Eu quero que o meu vestido de casamento esteja prompto ámanhã.

— Está bem.

— Meu adereço de brilhantes ?

— Tambem ámanhã o terás.

— Como meu pai me ama !!! exclamou Marianna abraçando o velho.

Anacleto apertou sua filha contra o coração sem dizer palavra.

O velho soffria muito; apezar de todos os esforços que fazia a viuva, o olhar penetrante de seu pai lia-lhe a mentira no rosto.

Ah!...se elle podesse lêrtambem o pensamento sinistro e infernal, que pairava no animo de Marianna; se elle adivinhasse que debaixo d'aquelle rosto tão bello e tão risinho, d'aquelles olhos tão ardentes, e dentro d'aquella cabeça tão graciosa estava a idéa da morte... o suicidio!...

— Mas, disse Marianna, agora é que eu reparo... meu pai está vestido para sahir.

— Sim; lembrei-me apenas ha uma hora, que faz hoje annos um de meus velhos amigos, e vou jantar com elle; vinha por isso dizer-te adeos.

— Não pretende voltar cedo?

— De ordinario a gente se demora mais n'estes dias...

— Então a que horas?

— A's dez da noite, pouco mais ou menos.

Apezar seu, Marianna sentio que lhe ião faltar as forças... tornou-se pallida, e segurou-se a uma cadeira.

Infelizmente escapou isso aos olhos de Anacleto, que se dispunha já a sahir.

— Meu pai, disse a viuva com voz muito commovida e suspendendo o velho, que já se achava na porta, meu pai, prometti-lhe que nunca mais me havia de ver pezarosa... pois bem; abençõe de coração a sua filha.

— Anacleto voltou-se com os olhos humidos, e abençoou Marianna. Depois sahio.

— Abençoou-me pela ultima vez! murmurou surdamente a viuva.

E ficou estatica., pasma... aterrada. Tinha a morte n'alma.

## XXII

### Os remorsos

O crime mesmo, quando parece triumphar ou poder fugir ao castigo dos homens, envolto nas sombras dos mysterios, é ainda assim mil vezes mais desgraçado do que a innocencia, que succumbe.

A innocencia é sempre bella, sempre pura, sempre anjo aos olhos de Deos, que vê tudo, que vê o bem e o mal. A innocencia espesinhada pelos homens, ou com nobreza os despreza, ou chora doida de suas injustiças; mas seu coração se volta para o céu, e suas esperanças voão para a eternidade: lá em cima o juizo dos homens é nada.

A innocencia é a virgem encantadora amada por Deos: Elle lhe paga cada lagrima com um triumpho: a gloria que a espera é tanto mais subida, quanto mais doloroso foi o seu martyrio cá em baixo.

E o crime?...

O crime é sempre duas vezes formidavelmente castigado, sem contar com as penas e tormentos a que o podem condemnar os homens.

E' castigado uma vez cá em baixo, e outras lá em cima: a sentença não tem appellação, nem na terra nem

na eternidade; porque, quem sentença é o juizo seguro, justo e severo de Deos.

Os castigos inventados pelos homens são nada. A que se reduzem esses castigos?... aos tormentos phisicos, á dôr: tornão-se inefficazes, ou por momentaneos, ou porque o habito de os soffrer os nullifica.

O que é a forza ou a guilhotina?... uma hora de terror, e um momento de dôr. O que é a prisão com trabalhos?... perguntai aos galés se no fim de um anno lhes pesão os ferros como no primeiro dia; se no fim de dez annos os seus soffrimentos são os do primeiro anno?...

E depois, contra a policia e vigilancia dos homens tem o crime os ermos, e as noites; e tem mil vezes, para vergonha da humanidade, uma protecção escandalosa, que o torna impune; embora em casos taes essa protecção deva ser considerada um outro crime... igual talvez ao primeiro.

Mas, graças a Deos, ahí está sobre os homens, vigilante sempre, o olhar luminoso da Providencia.

Não ha ermos para esse olhar; os bosques sombrios, as cavernas, as altas penedias apparecem diante d'elle lisos todos como a superficie de um quieto lago.

Não ha noite, não ha trevas, não ha mysterio: esse olhar é o sol.

Não ha protecção possivel; perante o alto juizo, quem protege um delinquente é o delinquente mesmo com o arrependimento sincero e profundo; com a pratica de nobres e puras accões.

E esse juiz severo e justo castiga duas vezes: cá... e lá! e os tormentos não são destinados ao corpo: o pó fica desprezado: quem soffre é a alma.

O juiz severo, justo e omnipotente castiga lá... em sua infinita sabedoria — elle sabe como; — nós, miseros insectos diante d'elle, não podemos comprehender esse castigar da omnipotencia.

E cá, elle creou na alma do homem a consciencia. A consciencia é terrivel!... a sabedoria de Deos fez cada

homem juiz de si mesmo, e cada criminoso algoz de si proprio.

A consciencia castiga com os remorsos. O corpo continúa sempre desprezado: os tormentos são ainda e sempre votados ao principio, que pecca.

O ladrão não dorme o somno, que regenera as forças; dorme um somno que fatiga; porque elle desperta com vezes ouvindo o tinir do ouro, que roubou; e outras tantas vezes vendo diante de si a imagem do carrasco.

O assassino inda mais: esse homem que, mercê da morte e da solidão, matou impunemente o seu semelhante, que enterrou seu cadaver ás escondidas no deserto, e que vos parece viver socegado e impune, porque a justiça humana ignora o seu crime; esse homem... soffre mais do que soffreu sua victima no momento terrivel, em que vio erguido sobre o seu peito o punhal mortifero: esse homem véla sempre... de dia e de noite um phantasma o persegue e maldiz; sua sombra tornou-se um espectro: elle vê a cada passo a sepultura que abriu; vê o cadaver que enterrou; escuta o som do soquete com que calcou a terra... e vê erguendo-se da cova vingativo e formidavel o esqueleto do morto.

Sabes quem é o pintor que prepara esse quadro formidavel?... é a imaginação escravizada pelos remorsos. Os remorsos não são outra cousa mais do que o castigo, que Deos impõe ao crime cá na terra.

A infinita sabedoria de Deos quiz que o homem se punisse a si mesmo; e o homem, com effeito, a si proprio se atormenta com esse apparelho de horriveis torturas, a que se dá o nome de remorsos.

A desgraçada filha de Anacleto estava sendo a prova viva d'esta verdade eterna.

Marianna era uma mulher enormemente criminosa: não tinha ainda comparecido como ré diante de nenhum tribunal da terra; mas o castigo de Deos torturava a misera.

Como havia essa mulher sido levada à perpetração de um crime horroroso? ella, filha de um homem bom, irmã de um homem virtuoso, tendo diante dos olhos constantes exemplos de piedade e religião?... como?... ah: não precisais ir pedir uma resposta ao pessimo da natureza humana, com quê erradamente pretendeis explicar os effeitos das paixões, que não forão combatidos desde o berço.

Quereis saber porque Marianna ousou tanto?... perguntai á vaidade.

A filha de Anacleto, lindo anjinho na infancia, encantadora moça depois, bella senhora inda então, cheia de graças e de espirito, havia sido creada sempre no meio de uma atmospherá de fataes lisonjas: respirou um ar de mentiras desde o principio: com esse ar habituárão-se os seus pulmões; a verdade que fôsse um pouco menos lisonjeira seria capaz de suffocal-a: objecto de um amor extremoso e cego da parte de seus parentes; objecto de culto e de adoração dos estranhos, Marianna julgou-se a princeza da formosura, empunhou orgulhosa o sceptro da belleza; ergueu a cabeça acima de todas as suas contemporaneas, e, cheia de vaidade, queria fitos em si todos os olhos, absortos diante d'ella todos os homens, e curvos a seus pés to dos os amores.

Perder essa posição seria morrer.

Mas ella amou: amou, e foi fraca: amou, e um dia vio que o seu throno ia ser despedaçado; que o sceptro ia escapar de suas mãos; que os cultos e as adorações tinham de desapparecer para ella; que ao muito ella seria d'ahi por diante objecto de commiserção e piedade; porque enfim, ella tinha amado e sido fraca: tinha murchado em seu rosto a mais bella das flôres, a fiôr da innocencia, e a natureza fallava em voz alta dentro de seu seio...

A misera lembrou-se então d'esse mundo encantador, que a adorava como rainha, e que bem depressa se ergueria rebellado e furioso para arrancar-lhe o sceptro de flôres...

Que partido havia a tomar ?

Um meio lhe suggeria o espirito; um meio que a livrava das humiliações: era um meio extremo.. e desesperado; era o suicidio: mas o mundo se mostrava a seus olhos tão bello... tão feiticeiro!... e ella tinha apenas quinze annos de idade!... qual é a moça de quinze annos, que não ama loucamente um mundo, que se sorri de joelhos a seus pés? morrer, não: aos quinze annos Marianna não se achou com bastante força para matar-se.

Que outro partido restava?... a resignação.

Ainda ha pouco, tinha fallado o amor do mundo para repellir a idéa da morte: agora, contra a idéa da resignação, ergueu-se o amor de si mesma levado a excesso; ergueu-se a vaidade. Resignar-se a que?... a passar de rainha a vassalla?... não ganhar mais nunca um só d'esses olhares ardentes e puros, que corações anhelantes dardejão sobre o rosto da innocencia?... resignar-se-ia, quando passasse pallida e dolorosa, ouvir dizer — coitada! — quando ella estava acostumada a escutar — formosa!... — oh! era muito para Marianna. A mulher vaidosa escolheria antes a morte que a resignação.

E com effeito, a filha de Anacleto não se quiz resignar ao triste papel, que lhe marcavão as consequencias do seu erro. Primeiro esperou que o homem que a illudira a salvasse; quando não pôde mais esperar nada d'esse homem, esperou do tempo... ella mesma não sabia o que; mas esperava sempre.

Quando porém o tempo correu tanto, que tinha já corrido assás... Marianna despertou assombrada ante o aspecto sinistro de uma desgraça eminente.

Fallou outra vez a morte... fallou outra vez a vaidade... a resignação ficou sempre vencida: as paixões triumpharão sempre.

A misera teve um dia de desespero, de febre... um dos mais fataes demonios, que tentão perdem e o

coração humano, a vaidade, soprou um pensamento horroroso... abominavel na alma da desgraçada mulher ; esse pensamento era uma infamia... era um crime... mais realisou-se.

Foi um infanticidio.

.....

Marianna era sempre rainha.

O segredo de sua honra tinha escapado aos olhos do mundo. Os homens não podião jugal-a criminosa...

Mas o olhar de Deos estava sobre ella terrivel e severo.

Mas a lei eterna da Omnipotencia se estava cumprindo á risca : a delinquente se punia a si mesma ; a mãe desnaturada era o algoz de si propria.

Marianna tinha remorsos.

No movimento bello, encantado, estrepitoso de um baile, quando tudo era prazer, perfumes e flôres ; ao som dos instrumentos, que executavão a musica viva de uma valsa ; ao som das doces lisonjas que dez cavalheiros murmuravão a seus ouvidos, Marianna via a imagem de uma criança recém-nascida, que jazia morta no meio da sala : ouvia a natureza exhalando um gemido pungente... e ouvia maldições e pragas, que mil bocas invisiveis estavam proferindo contra ella...

Depois vinha um menino loiro, travêso e bello brincar a seu lado... então ella se lembrava !... e essa lembrança era terrivel ; era um punhal de lamina envenenada... era o castigo de Deos.

A sua vida foi sempre assim, sempre triste e fria dentro do coração, embora os labios se sorrissem obedecendo ainda á vaidade, que os mandava sorrir. Era uma vida partida em duas bem distinctes uma da outra : uma, a vida exterior, que era a mentira, que lhe brincava no rosto : outra, a vida interior, que era a verdade, que lhe roía o coração. Resumidas e combinadas ambas essas vidas, davão em resultado a peor de todas : a vida de desgosto de si mesma.

Ao menos, porém, estava no meio de tudo isso, triumphando, a sua vaidade.

Ella era sempre rainha.

Mas uma noite... em uma d'essas noites de festa, de ardor, de prazeres fugitivos, um mancebo se apresentou junto d'ella, deu-lhe o braço, e aproveitando um passeio, pronunciou a seus ouvidos duas palavras sómente.

O terrivel mancebo sabia tudo!...

A rainha cahio do seu throno... uma palavra só d'aquelle mancebo a podia tornar objecto de sarcasmos e de maldições...

E a vaidade ainda triumphou : Marianna ainda se não quiz resignar : e para continuar a ser incensada n'aquelle mundo, que era tudo para ella, sujeitou-se a representar d'ahi por diante o triste papel de escrava de Salustiano.

O resultado de tudo isto já não se ignora. Marianna estava soffrendo tambem o castigo de seu crime, imposto pelo poder de um homem.

E o seu destino tocava um terrivel extremo : a hora fatal batia.

. . . . .

A desgraçada filha de Anacleto havia ficado em seu quarto pasma e aterrada logo depois que seu pai a deixou só.

Agora é o começo da tarde.

Marianna havia descido, e achava-se sentada no sofá, na sala de visitas do Céu côr de rosa.

Tinha vindo esperar Salustiano : no entretanto meditava.

O aspecto da triste viuva trazia em si um não sei que de sinistro : seus supercilios, bastos e negros, estavam dolorosamente enrugados de modo que quasi se confundião um como o outro : no entretanto, e apezar d'isso, seus olhos brilhavão, mas não com o fogo da vida... todas as suas feições se achavão contrahidas, e quando ella fallava, notava-se em sua voz alguma cousa, que se

não podia explicar, mas que produzia uma impressão sobre-modo desagradavel.

Estava toda vestida de branco, mais trazia cingindo-lhe a cintura uma fita negra, cujas pontas cahião até o chão. Essa fita era lugubre.

Conservou-se muito tempo na mesma posição, immovel, e indifferente a tudo : parecia haver medido perfeitamente o fundo do abysmo, aberto debaixo de seus pés, e como que penetrada da certeza de não poder salvar-se d'elle. Não estava socegada, estava inerte.

Marianna tinha tomado todas as medidas para não ser incommodada por testemunhas importunas n'aquellas horas : seu pai deveria voltar bem tarde; e a rogos d'ella, Celina promettera não descer ao primeiro andar senão quando fôsse chamada.

E portanto, ella esperava sómente uma pessoa ; esperava Salustiano... a morte.

Depois de algum tempo de sinistra immobilidade e mudez, a viuva levantou a cabeça que tinha um pouco inclinada, e, como se fallasse a alguem, murmurou com voz pausada :

— Eu-lhe disse um dia, que elle se não lembrava de que, se os homens sabem matar, as mulheres sabem morrer.

Sorrio-se terrivelmente, e disse :

— Provar-lh'o-hei.

Sorrio-se de novo, e ainda mais terrivelmente; depois tirou do seio um pequeno embrulho de papel; abriu-o com mão firme, e olhou; o que havia dentro era pó branco.

— Arsenico!... balbuciou a misera com ironia amarga e despedaçadora; arsenico!... o unico amigo, que n'esta crise me acompanha e me salva, é um pouco de arsenico!...

Guardou de novo o embrulho no seio, e depois proseguio :

— Vejamos se ainda me lembro do que li.

Ella pareceu recordar-se de alguma cousa, e foi repetindo compassadamente.

— Sabor acerbo e metalico... constrictão de garganta... soluços... syncopes... resfriamento do corpo... sêde... vomitos... prostração... delirio... convulsões... morte!...

Passado um instante perguntou a si mesma :

— E depois?!!!

E respondeu a si mesma com um tom horrivelmente lugubre :

— Depois, a eternidade.

E estremeceu da cabeça até aos pés.

Ficou por algum tempo muda, e como que aterrada; mas emfim começou a dar um livre curso a seus pensamentos.

— O suicidio!... o suicidio!... que quer dizer o suicidio! quer dizer que um homem ou uma mulher tem horror de si mesmo, julga-se de mais na terra, accusa-se perante si proprio, sentença-se, condemna-se, e executa-se!... Oh! tenho eu o direito de matar-me?... dizem que não : mas o mundo não tem tambem o direito de cuspir-me no rosto?

« Mas a religião proscreeve o suicidio... e o que faço eu?... tróco um martyrio horrivel por outros mais horrivel ainda... tróco os martyrios da carne pelos tormentos da alma... tróco o mundo pelo inferno!!!

A misera soltou uma risada nervosa.

— Ainda bem! proseguio; ainda bem que o sei... o inferno me pertence...

O rosto de Marianna tomou uma expressão medonha... ella murmurou no meio de uma dilatação de labios, que não era riso, que era quasi uma convulsão horrorosa :

— Eu sou um demonio... eu matei meu filho!...

Respirou dolorosamente e continuou :

— O suicidio! oh! sim! este é o meu segundo suicidio; pois então! não matei eu a carne de minha carne?... não derramei o sangue do meu sangue?... sim; esta é a segunda vez que eu mato; inda bem que é a derradeira.

« E eu devo realmente desaparecer do mundo; onde me havia esconder amanhã? entre os homens?... quem?...

eu?... a infantecida?... oh! os homens lançarião sobre mim os cães... eu não sou da sua especie... eu não tenho alma, ou então tenho alma negra!... deveria ir occultar-me nas brenhas?... oh! tambem não... lá os tigres amão seus filhos; eu sou mais feroz que os tigres.

« O que me resta é bem claro; n'este mundo resta-me um sepulchro... no outro espera-me o inferno.

« Este mundo dar-me-ha mais do que devia; porque o cadaver da mãe que mata seu filho ha de tornar esteril a terra, onde se enterrar. O outro mundo dar-me-ha o mais que póde... o que eu mereço.

« Ah! eu me amaldição a mim mesma!

« E' preciso que eu morra; sim... esta mão, que deveria estar mirrada, ia tocar a dextra de Henrique... a mão pura de um mancebo honesto e honrado; oh! o crime é contagioso... eu ia infectal-o... o meu amor é hediondo; eu sou para as feras mais sanguinarias o que as feras mais sanguinarias são para os homens.

« E' preciso que eu morra.

« E meu pai?!! »

A misera arrancou das entranhas um gemido pungentissimo; desenhava-se a seus olhos a figura dolorosa do pobre velho, morrendo, a chorar ajoelhado sobre sua cóva.

— Meu Deos! meu Deos! exclamou ella de joelhos e com as mãos levantadas: meus Deos! não me perdoeis embora os horriveis peccados, que tenho em minha nefanda vida commettido; mas perdoai-me, senhor da minh'-alma, perdoai-me as lagrimas que meu pai tem chorado e vai ainda chorar por mim; perdoai-me meu Deos, os desgostos de que tenho enchido aquelle amoroso coração! meu Deos! meu Senhor! valei a meu pai na dôr immensa, que elle vai soffrer!

Depois ella ergueu-se, e como se devesse estar vagando de tormento em tormento, como se tivesse antes de chegar o termo fatal, a morte, de passar por mil torturas, Marianna apertou as mãos contra o seio, e murmurou chorando:

— E meu filho !...

E proseguio por entre soluços :

— Meu filho, que hoje deveria ser um bello mancebo, que me levaria pelo braço á igreja e aos passeios, que me consolaria em minhas afflicções, que me defenderia... que daria a vida por sua mãe !... oh ! para que fui eu fazer-me a mais malvada e mais infeliz de todas as creaturas ?!!

« Meu filho ! meu querido innocente !... meu bello anjinho ! ah ! se elle vivesse, vêr-me-ia eu hoje reduzida a tanto miseria?... louca... criminosa que fui ? troquei a vida de meu filho por um pouco de arsenico ! crime duas vezes... demonio sempre !

E apertando a cabeça com as mãos, a misera, tendo os cabellos já cahidos desordenadamente, começou a vagar a largos passos pela sala exclamando de um modo horroroso :

— Eu o matei ! eu o matei !

Finalmente pareceu serenar : veio sentar-se de novo no sofá ; mas quem lhe visse o riso estúpido, que lhe enfeiava os labios, quem lhe notasse os movimentos successivos, rapidos e inconsequentes, comprehenderia que um excesso de dôr punha em desarranjo as idéas d'aquella infeliz mulher.

Ella sentou-se, pois, e d'ahi a pouco com uma especie de alegria que era capaz de fazer chorar, disse baixinho :

— Ninguem o sabe... ninguem o sabe ; só elle... o máo ; porém elle me verá morrer, e guardará segredo ; ainda bem... ainda bem... ninguem o sabe.

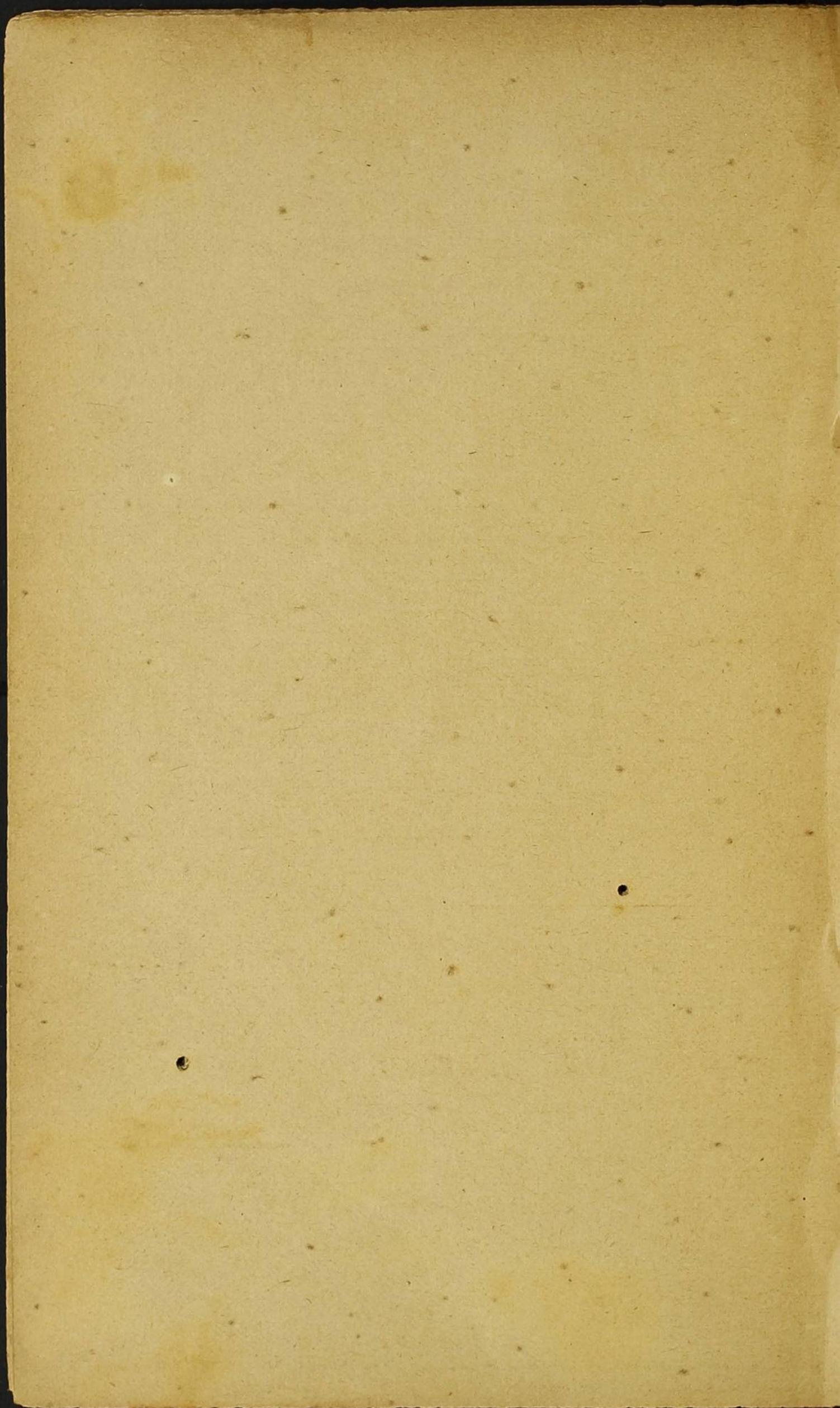
— Eu o sei, senhora ! disse uma voz rouca.

Marianna ergueu-se convulsa, lançou-se sobre a porta da sala, e perguntou desesperada :

— Quem está ahi ?

A porta da sala abriu-se.

Appareceu o velho Rodrigues.



## XXIII

### Marianna e Rodrigues.

Marianna, com os cabellos eriçados e os braços estendidos para diante, recuou espavorida, como se lhe tivesse apparecido um espectro.

O velho Rodrigues entrou vagaroso e socegado.

— Quem é?... perguntou a viuva aterrada : quem é o senhor ?

— Sou o guarda-portão do Céu côr de rosa, senhora.

— E ouviu tudo?... balbuciou a misera.

— Não, respondeu o velho : eu não precisava ouvir nada : desde vinte e um annos que eu sei tudo.

Marianna deixou-se cahir quasi desfallecida sobre o sofá.

Rodrigues vivamente commovido approximou-se da infeliz mulher, e repetio :

— Eu sei tudo.

A viuva sacudio dolorosamente a cabeça, e murmurou :

— Não... não... é impossivel !

O velho, em pé diante de Marianna, descansou a mão sobre o encosto da cadeira, e disse :

— Mulher ! tens soffrido muito.

- Oh ! sim !...
- Vaidosa, tu és ferida na tua vaidade.
- Oh !... sim !...
- Rainha, tu te tornaste escrava.
- Oh !... sim !...
- Character forte, intrepido, e até insolente, tu te rebaixas hoje, tu te revolves no pó, tu tremes de palavras, que se dizem em segredo.
- E' verdade !
- Mulher destemida, tu és hoje a mais covarde entre todas.
- E' certo.
- Tão covarde, que te queres despojar da vida !... .
- Oh !...
- Christã, tu olvidas as leis de Christo !
- Oh !...
- Ahi, no teu seio, tu escondes um instrumento de morte.
- Senhor !...
- Eu tinha os olhos sobre ti, mulher ; eu vi tudo. E sabes o que te acovarda?... sabes o que te leva ao desespero? sabes o que te empurra para o tumulo? oh ! tu o sabes, tu o sentes... é a consciencia do crime.
- Meu Deos !...
- Não ha véo bastante denso para esconder de todo os delictos : tarde ou cedo... tudo se descobre ; e muitas vezes, um homem que commetteu um crime abominável, e que se julga impune, porque acredita que todas ignorão a acção nefanda, que praticou ; vai passando pela multidão com a cabeça levantada, sem saber que outro estã apontando para elle e dizendo :
- « Ali vai um malvado !
- Oh ! é verdade !
- Mulher, desde muito que eu sei a tua historia : eu a sei mesmo muito melhor do que tu ; rou repetir-t'a. . escuta.

— Não... não...

— E' preciso que me ouças ; quem sabe se dentro em pouco não estarás de joelhos a meus pés? escuta.

Marianna escutou com o rosto abrigado entre suas duas mãos.

O velho Rodrigues começou :

— No fim do anno de 1822, a cidade do Rio de Janeiro vivia a vida do entusiasmo e das festas ; a independencia estava proclamada, os ferros coloniaes tinham sido quebrados com desprezo ; o congresso nacional, a assembléa constituinte ia em breve reunir-se, e trabalhar na execução da grande obra ; levantar o magestoso monumento. O povo entusiasta da liberdade festejava a liberdade ; os saráos seguião-se uns aos outros ; o prazer estava em toda a parte.

Marianna exhalou, involuntariamente talvez, um suspiro de saudade.

— E no meio de mil formosas donzellas, que davão vida e essas festas, havia uma joven senhora, uma moça que acabava de sabir da infancia, e que fazia o orgulho das sociedades, e martyrio das outras moças.

Marianna sentio apertar-se-lhe o coração.

— Era uma joven extrema e perigosamente encantadora ; era morena, tinha os cabellos e os olhos negros e brilhantes, o rosto cheio de viveza e malicia, o pescoço garboso como o de um cysne : e toda ella era bemfeita ; formosa e bemfeita, que arrebatava : e tinha um olhar magnífico, fixo e ardente como o do tigre, um sorrir meige e carrinhoso que enfeitiçava ; uma voz harmoniosa e tocante, e, finalmente, um andar que provocava : era uma mulher perigosa e terrivel... era capaz de ser o anjo da salvação, ou o demonio da perdição de um homem. Essa mulher immensamente encantadora chamava-se Marianna.

E Marianda suspirou de novo.

— Objecto de todas as attenções, os mancebos a ro-

deavão e festejavão de mil modos ; os pais davão parabens ao pai da feliz moça ; e as moças, a invejavão ; e as casadas tinham os olhos fitos em seus maridos por causa d'ella ; e as mãis a malquerião por causa de suas filhas ; porém Marianna, orgulhosa de seus encantos, passeava por entre aquellas senhoras, e por entre todos aquelles homens, como o sol que faz o seu giro no espaço, escurecendo as estrellas, e espalhando sua luz por toda a parte.

E a viuva suspirou ainda uma vez.

— Idolo de tantos, idolo de todos os homens, pelo menos, a indiferença de um era um insulto para essa moça tão bella, como vaidosa ; era um insulto de que ella sabia vingar-se, trabalhando por prender maneatado ao seu carro o insolente, que se esquecêra de vir queimar incenso aos pés da princeza das festas. Essa moça queria escravos adoradores, e presumçosa acceitava todos esses cultos, concecendo ás vezes um olhar a este um sorriso áquelle, uma palavra meiga áquelle outro, mas não dando o seu amor a nenhum.

— Foi assim ; murmurou a infeliz.

— Todavia appareceu nas sociedades um homem, que não se lembrou de correr aos pés de Marianna, não era uma criança, nem um velho ; ninguem lhe daria menos de vinte seis annos, nem mais de trinta ; estava livre, tinha coração ; e portanto devia pretender agradar á bella moça ; esse homem não curou d'isso : melancolico e abatido, sempre vestido de luto, parecia tão occupado com suas magoas passadas, que não tinha tempo de admirar a belleza do dia. Esse foi a principio julgado uma féra bravia por Marianna, e portanto indigno de suas costumadas vinganças ; depois, ella mudou de opinião, entendeu que era um montanhez mal educado ; depois, acreditou-o insolente e orgulhoso ; e depois....

— Provoquei-o !... balhuciou Marianna.

— Provocou-o, repetio o velho : Leandro (era o nome

d'esse homem) despertou ás provocações da bella moça; vio... vio então, e observou pela vez primeira esse diluvio de encantos e de graças, que a natureza tinha accumulado n'essa mulher, e não pôde resistir á necessidade de admirar-a: o amor tinha algum tempo antes aberto no coração de Leandro profundas feridas, que ainda não haviam cicatrizado; e pois, elle fugio de Marianna, como de um perigo, de uma tentação, de um encanto, insidioso.

— Offendeu a minha vaidade!

— Sim: offendeu a vaidade da mulher altiva; e ella jurou ser, a tudo o custo, dona d'aquelle coração: desde o momento em que concebeu um tal proposito, Marianna esqueceu todos os seus antigos adoradores, e, sem o pensar, queimou incenso por sua vez aos pés de um homem..

— Amei-o!

— Sim; a vaidade de Marianna fêl-a amar a Leandro. Todos os meios de seducção de que ella podia dispôr forão postos em campo... o homem não resistio; Marianna e Leandro amárão-se.

— Oh! foi assim mesmo!

— A' primeira hora de declaração do amor, seguirão-se dias de embriaguez e de felicidade inconcebivel, e seguiu-se uma noite de paixão delirante... de prazer feroz...

— Oh! basta.

— Teve lugar em um dos arrabaldes da çôrte uma brilhante festa campestre; havia um saráo no meio das flôres... um jardim illuminado... um lago cercado de luzes... um bosque de arbustos floridos adiante... encanto em toda a parte. Leandro e Marianna achárão-se presentes á festá: dançárão juntos, e fôrão juntos passear pelo jardim. Esquecêrão o mundo e os homens... lembravão-se unicamente de seu amor... e primeiro vagárão por entre as flôres... depois conversárão espelhando-se nas aguas socegadas do lago... e depois entrárão no bosque...

— Oh!

— O interior do bosque era sombrio; fóra soava a

musica terna e maviosa; dentro exhalavão-se embriagadores perfumes; mas...outra vez o bosque era sombrio... senhora! Leandro e Marianna perdêrão-se no bosque.

— Perdêrão-se!... balbuciou dolorosamente a viuva.

— Quando voltárão, para de novo tomar parte na festa, Marianna estava pallida, e Leandro mais que nunca apaixonado.

— Elle sabe tudo! disse a pobre mulher.

— No dia seguinte, proseguio o velho, Leandro foi visitar o pai de Marianna, e pediu-lhe a mão da bella moça; o casamento foi ajustado; deveria celebrar-se d'ahi a um mez: no eutretanto Leandro e Anacleto ligárão-se, como bons amigos.

— Ah!... por bem pouco tempo!...

— E' verdade; a intolerancia politica veio logo separal-os; com effeito, o ministerio da independencia, o gabinete Andrada acabava de cahir; homens accusados de sympathia pelo antigo systema subírão ao poder; a população dividio-se em dous campos inimigos, e a exaltação dominou em ambos. Anacleto extremava-se defendendo as velhas idéas: Leandro representava as novas, que pouco antes havião triumphado. Um dia o velho e o moço encontrárão-se defronte um do outro em completo antagonismo; o exaltamento de ambos inspirou-lhes palavras desabridas, e o pai de Marianna, estendendo o braço, mostrou ao noivo de sua filha a porta por onde devia sahir, para não tornar mais nunca á sua casa; ficárão inimigos irreconciliaveis.

— Oh! foi assim!

— Anacleto ordenou a sua filha que esquecesse para sempre o *feroz republicano*; e a desgraçada, que já não tinha o direito de esquecêl-o, não teve animo de cahir aos pés de seu pai e de confessar-lhe, que havia commettido um erro, e que sentia fortemente as consequencias d'esse erro. Mais ainda; Anacleto fez-se perseguidor de Leandro, que vio-se obrigado a viver occulto durante

alguns mezes d'essa época tão calamitosa. No entretanto, senhora, tinham chegado do campo dois amigos de Leandro dois amigos, que não hesitárão em dar a vida por elle; o infeliz abriu-lhes o seu coração... contou-lhes tudo; e João e Rodrigues, os dois amigos, tomárão sobre seus hombros o encargo de observar Marianna, de velar por ella...

Marianna levantou um pouco a cabeça.

— Como lamentavas tu, mulher, vaidosa, a desgraça, do homem que te amava?... como choravas tu, mulher imprevidente e louca, a tua propria desgraça?... alegre e festiva tu te embriagavas de novo com os prazeres da côrte... os saráos... os passeios... a vida de loucuras continuava sempre!,... parecias até esquecida de ti mesma: ah! sim! mulher, a tua cabeça não se lembrava de teu seio.

Marianna tornou a esconder o rosto entre as mãos.

— O teu viver exasperava o infeliz Leandro, que não podia estar a teu lado, e que, escondido, via-te apenas pelos olhos de seus dois amigos. Elle comprehendeu, que não serias nunca uma esposa extremosa e devotada em corpo e alma a seu marido; e todavia o pensamento unico que o occupava, a idéa que lhe roubava o somno, era a divida immensa, que te ficára devendo: suspirava pela liberdade para salvar-te; sabendo que te sorrias no mundo, que te sorrias, mulher, tu que devias chorar, o infeliz chorava em dobro... chorava por ti... e por si.

Marianna não disse nada; conhecia-se porém que estava soffrendo muito.

— No entretanto, proseguio o velho Rodrigues, o tempo corria... as perseguições continuavão, a assembléa constituinte tinha sido dissolvida... os mais extremados patriotas deportados: Leandro não podia ainda apparecer. Foi então que soubemos, que Marianna havia deixado a côrte para passar algum tempo com uma velha parenta estabelecida na roça. Comprehendêmos o fim da viagem, e um dos amigos de Leandro, eu, senhora, fui encarregado de seguir Marianna. Compenetrei-me da

delicadeza de minha missão, e, decidido a tudo arros-  
tar, tive uma conferencia particular com a velha parenta  
da amante de Leandro.

— Basta ! balluciou Marianna ; vejo que nada ignora...  
nem do que falta... mas basta.

Sorrio-se tristemente o velho, e proseguio :

— Rodrigues e a velha parenta derão-se as mãos, e  
velárão de commum acordo ; e queres saber, mulher,  
qual foi o primeiro resultado d'essa vigilancia?... foi des-  
cobrir-se que havia em uma das gavetas do toucador de  
Marianna um frasquinho cheio de um liquido sinistro... a  
decima parte d'esse liquido contido no frasquinho sobejava  
para afogar uma criança... e a mãid'essa criança tambem.

— Oh !...

— Pois, passado um mez, Marianna fez a sua primeira  
experiencia ; bebeu a decima parte d'aquelle liquido, e,  
contra sua expectativa, passou ás mil maravilhas.

— Senhor...

— Passado outro mez... segunda tentativa ; e o mesmo  
resultado ainda...

— Então...

— Ah ! o outro mez era realmente para temer-se : a  
mulher louca e vaidosa empunhou o frasquinho, levou-  
o aos labios, e esvasiou-o todo : devia ser a morte o que  
ella tinha bebido.

— Meu Deos !...

— Ao anoitecer... dôres... ancias horriveis... no fim de  
algumas horas perda completa de sentidos... ficou como  
morta.

— Oh !... porque não morri, meu Deos !

— Senhora, quando aquella mulher abriu outra vez  
os olhos, a natureza fallou antes da vaidade : ella abriu  
os olhos e exclamou com dôr immensa : — meu filho !...  
— e a velha parenta, que a pouca distancia o observava  
tristemente, respondeu : — nasceu morto.

Ah !...

— Porém no dia seguinte, ás onze horas da noite, senhora, a borrasca ribombava... a chuva cahia... os elementos estavam desenfreados... e um homem envolvido em longa capa negra, foi bater á porta de uma pobre casa na cidade do Rio de Janeiro. Dentro d'essa casa estavam rezando aos pés de Nossa Senhora das Dôres uma mulher velha, e uma escrava : a porta foi aberta ; o homem entrou, lançou a capa fóra de seus hombros, e em nome da Santissima Virgem Mãi de Deos, aquella mulher recebeu e adaptou uma criança recém-nascida.

— E essa criança ?... exclamou Marianna com um grito desesperado.

— Era teu filho, Marianna !

A viuva soltou um brado arrancado do amago do coração, e cahio aos pés do velho Rodrigues.

— O licor do sinistro frasquinho havia sido trocado.

— Meu filho!... meu filho!... bradava a pobre senhora.

— Mas desde que Leandro soube que a alma de Marianna concebêra o horrivel pensamento de um infanticidio, e tratára de realisál-o, aborreceu-a tanto quanto a havia amado.

— E meu filho ?... onde está meu filho ?... perguntava Marianna desesperadamente.

— Essa criança foi criada com desvelo e ternura ; nada lhe faltou nunca... ao sahir da infancia partio para a Europa... Educava-se lá quando seu pai morreu...

— E meu filho !

— Na vespera do dia de sua morte, Leandro fez sahir todos de seu quarto, e ficou só com seus dous amigos. « João, Rodrigues, eu vou deixar-vos o meu mais caro thesouro, disse-nos o triste pai ; deixo-vos meu filho. Eu podia fazer testamento, e reconhecer por meu filho esse pobre innocente, que ambos conheceis : mas elle póde morrer antes de chegar á idade em que deverá receber a herança que lhe compete, e eu teria infructivamente publicado um erro de minha mocidade, e dado

assim a conhecer a uma mãe desnaturada o filho, que ella pensa ter assassinado. Pensei melhor, quanto a mim.

« Leandro mandou-nos abrir na gaveta e tirar d'ella um papel que designou, uma carta que estava fechada.

« Eis aqui, continuou elle, uma carta que fareis chegar cautelosamente ás mãos da filha de Anacleto: vai ahi dentro toda a nossa correspondencia do tempo de amor e de esperança. Agora este papel, meus amigos, é a ultima prova, que vos dou da minha amizade. Este papel é o escripto de reconhecimento de meu filho, que vós ides assignar como testemunhas, guardar para depositar em suas mãos, quando elle fizer vinte e um annos.

— João e eu assignámos e guardámos então o escripto de reconhecimento de teu filho, mulher.

— Oh! exclamou Marianna; mas que me importa isso?... que tenho eu com essa historia? ouviu, senhor, eu quero meu filho?

— Leandro morreu, senhora, continuou Rodrigues sem attender a Marianna; e ficarão seus dous amigos velando sempre sobre o pobre moço. Elle voltou da Europa, e eu tive o pensamento de trazê-lo ao tecto em que morava a sua mãe.

— Oh! sim!... sim!... disse a viuva com as mãos postas.

— Para conseguil-o vim aqui pedir, como um pobre velho sem meios, o lugar de guarda-portão do Céu côr de rosa. D'ali, d'aquelle alpendre velei por teu filho, mulher! d'ali, d'aquelle alpendre concebi o projecto de trazê-lo para junto de sua mãe, fazendo-o esposo da mais bella das virgens, esposo de Celina...

— Oh!... bradou Marianna, em cujo espirito tinha brilhado um raio de luz.

— Agora, mulher, teu filho? teu filho tem já vinte e um annos... ama a Celina; e tu, mulher, queres matar a mãe do misero mancebo, porque não podeste conseguir roubar-lhe o coração da amada! sim, queres suicidar-te!...

— Meu filho!... meu filho!... meu filho!... bradava Marianna andando como louca pela sala.

— Tu o enxotaste já uma vez para longe d'esta casa!

— Meu filho!...

O movimento que havia, e o ruído que se fazia na sala, impedio que Rodrigues e Marianna ouvissem os soluços de alguém que se achava escutando junto da porta.

— Mas enfim, mulher, continuou o velho, tu tens sido já bem castigada!... agora...

— Eu quero meu filho!

Marianna fallava por entre lagrimas; seus cabellos estavam soltos, seu olhar brilhante, seu rosto enrubescido, e sua voz alterada.

— Escuta, disse o velho.

— Ouvi de mais, exclamou ella com força : não escuto nada... não quero... não posso : eu quero vêr meu filho... quero abraçal-o... quero beijal-o... quero... oh! meu filho é o anjo que me salva! meu filho é o perdão de meus peccados, que eu não merecia, e que Deos me concede!... ah!... não preciso que me guiem... eu conheço, eu sei quem é : eu sei onde está meu filho! vou vê-lo, vou buscal-o!... meu filho!...

E, quasi delirante, atirou-se para a porta.

Batião n'esse momento desesperadamente.

Rodrigues, com os olhos lavados em lagrimas, e soluçando com força, deu volta á chave.

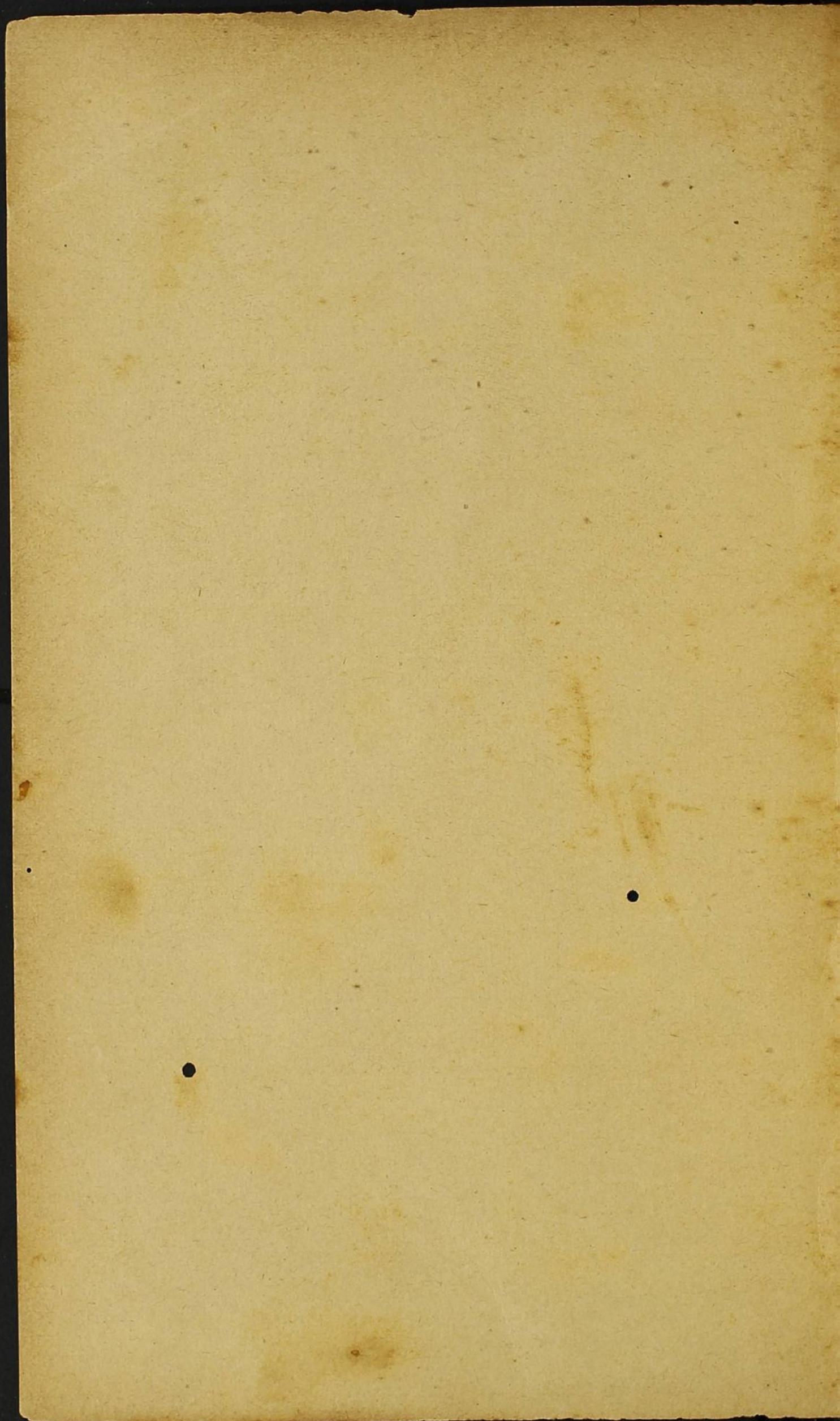
A porta abriu-se, e elle entrou...

Mãi e filho cahirão ambos de joelhos, e abraçarão-se um com o outro chorando, e exclamando ao mesmo tempo :

— Minha mãe! ..

— Meu filho!...

O filho de Marianna era Candido,



## XXIV

### Filho e irmão.

Elles continuavão abraçados misturando suas lagrimas e seus carinhos.

Era um thesouro insondavel, uma riqueza enormissima, que ambos acabavão de obter do céo.

Candido achava finalmente o objecto d'aquelle amor santo de seu coração ; abraçava sua mãe.

Marianna encontrava inesperadamente no mundo uma creatura, que suppunha ter ella mesma feito desaparecer do mundo : abraçava seu filho.

Não havia mais vacuo no coração do mancebo ; nem phantasma na imaginação da mulher.

Choravão ambos ; suas lagrimas porém erão bem doces ; erão lagrimas de uma felicidade que se não mede : felicidade tão grande que não lhe bastão os labios por onde sahe em sorrisos, que lhe são precisos tarabem os olhos por onde em lagrimas se derrama.

Completava o quadro a figura nobre do velho Rodrigues.

Aquelle moço e aquella senhora abraçados, e de joelhos junto d'aquelle velho alto e respeitavel, parecião talvez dous amantes trocando votos do mais terno e puro amor, á sombra de uma arvore secular e magestosa.

De repente, e com um movimento rapido e forte, Marianna desenlaçou-se dos braços de seu filho, e recuou dous passos.

— Minha mãe!... exclamou o mancebo com os braços estendidos para ella.

Marianna lançou a mão ao seio, e tirou de dentro o embrulho de arsenico.

— Era a morte!... disse ella, lançando o papel no chão e pisando-o com força : entre meu filho e meu peito estava ainda um crime de permeio ! agora sim... estou livre... estou bella... estou pura !... o amor de meu filho lava todas as minhas culpas.

E atirou-se de novo nos braços de Candido.

Aquelle prazer, a felicidade era tão grande em ambos, que Marianna esquecia Henrique, e Candido não se lembrava de Celina.

Mas ouvio-se o rodar de uma carruagem que parou junto ao alpendre do Céu côr de rosa.

— E' elle ! disse o velho Rodrigues.

— E' elle ! disse erguendo-se Candido, que já sabia tudo.

— Agora póde chegar, disse por sua vez Marianna erguendo-se tambem.

Com effeito pouco depois entrou na sala Salustiano, que pareceu admirar-se de achar Marianna acompanhada de duas pessoas.

O irmão de Candido estava mais pallido que nunca.

— Pensava encontral-a só, senhora, disse elle.

— Engamou-se : eu quiz que duas pessoas testemunhassem o que se vai passar entre nós dous, respondeu a viuva levantando nobremente a cabeça.

Salustiano chegou-se para uma janella.

— Se é uma traição o que se me prepara, tornou elle, lembre-se, minha senhora, que ainda não é noite fechada, que muita gente está passando por baixo d'esta janella, e que ao primeiro signal de emprego de força, eu farei presente de uma folha de papel ao primeiro que passar.

Sorrio-se Marianna, e disse :

— Descance, meu caro senhor, tudo se concluirá em perfeita paz ; vejo porém que me lembrou a tempo do que me devia ter já lembrado : a noite começa, e estamos quasi ás escuras.

Deu dous passos para a porta do corredor, e disse :

— Luzes ! tragão luzes !

Candido de um lado e Rodrigues do outro, observavão a scena de braços cruzados.

A sala achou-se bem de pressa illuminada.

— Nada de ceremonias : sentemo-nos. Vejamos, meu nobre senhor, apresente-nos o seu ultimatum.

— Senhora!...

— Nada de interjeições : sobretudo, eu tenho pressa.

— Pois bem, senhora ; eis-aqui um contracto de casamento, ao qual só falta a assignatura de sua sobrinha.

Marianna recebeu o contracto, e depois de seriamente exáminal-o, disse :

— Pouco entendo de direito ; todavia, creio que o tabellião e as testemunhas deverião ter-se achado aqui.

— E' possível que o desejasse ?

— Certamente ; e como faltou essa formalidade, que me dizem ser de modo mui positivo recommendada pela lei, peço-lhe licença para, em nome de minha sobrinha, rejeitar este papel.

Salustiano mordeu os beiços, e disse :

— E terei eu tambem licença para mostrar aqui, e em toda a parte um outro papel, que trago no meu bolso ?

— Aqui é desnecessário, respondeu Marianna sem hesitar ; porque sabemos ambos que o Sr. Rodrigues tem inteiro conhecimento d'esse papel, e o Sr. Candido já não ignora sobre que elle trata.

— E lá fóra ! perguntou Salustiano elevando a voz.

— Lá fóra, senhor, podera mostral-o a quem bem lhe parecer : mas já que se quer dar ao incommodo de tornar publico um erro de meus primeiros annos de moça,

ofereço-me para facilitar-lhe a prova viva e documental d'esse erro.

— Eu a tenho no meu bolso, senhora.

— Quero dar-lhe outra muito melhor.

— Melhor ainda? e qual?

— E' meu filho, disse a viuva apontando para Candido. Salustiano ficou estupefacto.

Candido aproximou-se d'elle, e offerecendo-lhe a mão, disse com accento commovido:

— Meu irmão...

A voz de Candido despertou Salustiano, que, soltando, uma risada de escarneo, exclamou:

— Impostor!

Candido córou até á raiz dos cabellos, e recolhendo a mão que havia estendido, encruzou de novo os braços.

Marianna apertou entre as suas uma das mãos do mancebo; dizendo-lhe:

— Não córes assim, meu filho; que importa que teu irmão te desconheça, se tua mãe te abre os braços?... vem... eu quero apertar-te contra meu seio diante d'elle; vem!

E depois de abraçar apertadamente seu filho, continuou dirigindo-se a Salustiano:

— Vê bem que já não receio o veneno da sua lingua: acabou-se o senhor, desapareceu a escrava! agora eu o desafio orgulhosa!

— Ainda quando o que se representa aqui não fosse uma miseravel comedia, respondeu Salustiano, ainda quando o que está dizendo tivesse todos os visos de verdade; acredita, minha senhora, que toda a esperança de vingar-me estava perdida para mim?

— Oh!... ainda?...

— Pois bem... o Sr. Candido é seu filho? qual é o nome do pai de seu filho?

Marianna fez um movimento.

— Senhor!...

— Não responde?... tanto melhor: irei perguntal-o ao Sr. Henrique...

A viuva empallideceu; lembrou-se do amor d'aquelle, que o inesperado apparecimento de seu filho fizera esquecer tanto tempo: duas lagrimas eloquentes pendêrão das palpebras de Marianna.

Candido com um olhar cheio de amor e de profundo sentimento, mostrou comprehender a significação d'estas lagrimas.

— A resposta de Henrique, senhora, será prompta e nobre; não preciso dizer qual seja...

— Embora... balbuciou, como gemendo, a mãe de Candido, olhando ternamente para seu filho.

— Deixarei Henrique, senhora, proseguio Salustiano, e hei de vir fazer a mesma pergunta a um honrado velho, que vive de amar sua filha... que a julga pura, que...

Marianna soltou um grito; Candido ia dar um passo; mas ella atirou-se entre elle e Salustiano.

— Embora! exclamou com fogo: embora! perca-se tudo! rompa-se este casamento que deveria fazer a ventura do resto da minha vida! derrame ainda meu pai lagrimas amargas por minha causa; mas renegar meu filho? affastal-o de meus olhos? negar-lhe o meu seio? nunca nunca! agora, senhor, antes de todos está meu filho.

E chorando lagrimas de amor, abraçou-se estreitamente com Candido.

— Bem, senhora, disse Salustiano tomando o chapéo; eu me retiro... tudo está decidido entre nós.

Candido tinha sentido vibrar todas as cordas do coração de sua mãe; comprehendeu que ia ser a causa de seus tormentos e de sua desgraça; e fazendo um violento esforço, desprendeuse dos braços que o apertavam, e lançando-se adiante de Salustiano, exclamou:

— Uma palavra, senhor!

— O que temos? perguntou com desprezo o moço.

— Conhece a lettra de seu pai?

— Sim.

— Pois veja.

— E' tirando do bolso uma folha de papel, que mostrava ter estado por muito tempo guardada, Candido abriu-a aos olhos de Salustiano.

Era o escripto pelo qual Leandro reconhecia Candido por seu filho.

Salustiano quando acabou de lêr, tremia da cabeça até aos pés, e estava pallido como um finado.

— Eu sou seu irmão, disse Candido.

Salustiano não respondeu.

— Metade da fortuna de que se acha de posse pertence-me de direito.

Salustiano, com os labios brancos e convulsos, olhou com um olhar espantado e feroz para aquelle, que lhe estava fallando.

Candido voltou o rosto para Rodrigues e perguntou :

— Diga-me, Sr. Rodrigues, sabe pouco mais ou menos quanto devo receber do Sr. Salustiano ?

— Um milhão, respondeu o velho.

— Pois bem, tornou Candido com todo o sangue frio ; Sr. Salustiano... meu irmão ; eu dou-lhe um milhão pela carta de minha mãe.

O velho deu um passo...

Marianna ficou extatica...

Salustiano continuou a olhar espantado para Candido.

— O caso é simples, continuou Candido: o senhor não conseguirá nunca desposar aquella que pretende ; ao muito fará infructiferamente a desgraça de minha mãe. E para que isso, senhor? para que procurar um remorso? acabemos com isto: eis-aqui uma vela que arde, accendamos n'ella nossas duas folhas de papel; um queima um escripto que lhe dá um milhão, outro extingue uma carta que vale uma desgraça. Senhor, outra vez, o caso é simples: trata-se de um milhão!

Salustiano instinctivamente lançou a mão ao bolso e tirou d'elle um papel.

Os dous mancebos aproximárão-se um do outro ; Salustiano estava desfigurado, Candido risonho e animado.

— Senhor, disse este, permitta que minha mãe examine se é essa a carta de que se trata.

Salustiano chegou-se a Marianna, que, depois de lêr a carta, respondeu :

— E' ella mesma.

— Senhor, continuou Candido dirigindo-se a seu irmão ; jura pela sua honra, pela salvação de sua alma, e pelas cinzas de sua mãe e de nosso pai, que nunca abusará d'este segredo?

— Juro, murmurou Salustiano.

— Então... ao fogo !

Chegarão-se os dous moços para junto da luz ; mas o velho Rodrigues, suspendendo Candido, exclamou :

— Mancebo, lembra-te que vais queimar um milhão.

Candido, com o mais eloquente silencio, apontou com a mão esquerda para sua mãe, e deixou cahir a direita sobre a luz.

Emquanto as duas folhas de papel ardião, Salustiano olhava para as chammas com a estupidez de um idiota, e Candido com o sorrir de um anjo.

Só restavão cinzas... Marianna lançou-se com enthusiasmo sobre Candido.

— Meu filho !

Candido recebeu-a de joelhos.

— Agora eu ! disse uma voz.

Todos olhárão : era João que acabava de entrar na sala.

— Que é isto?...

— E' a vingança ! bradou elle.

Salustiano deixou-se cahir aterrado sobre uma cadeira.

— Falsario !... falsario !... exclamou João sacudindo o processo, subtrahido a Jacob, diante dos olhos de Salustiano ; falsario ! falsario ! eis-qui a vingança !...

— O que quer dizer isto ? perguntou Candido a Rodrigues.

Breves palavras do velho explicarão tudo.

Candido avançou para João.

— Meu bom amigo, eu sou o filho de Leandro, eu sou o herdeiro da amizade de cem annos.

A voz do moço era doce e tão terna, como foi o olhar que João lançou sobre elle.

— Em nome de meu pai, em nome da sagrada amizade que d'ora ávante ha de ligar-nos até á morte, João, meu amigo, dá-me esse processo !...

João ficou immovel, arrasárão-se-lhe os olhos d'agua.

Candido estendeu o braço, e tirou-lhe o processo das mãos, sem que o velho fizesse a menor resistencia.

— Por mais que queiras, João, disse Rodrigues commovido, tu não podes ser máo...

Candido tinha-se chegado outra vez junto da luz, e queimava o processo.

— E' meu irmão, disse elle soluçando.

---

## CONCLUSAO

A felicidade e o prazer se estavam sorrindo de mil modos no Céu côr de rosa.

Candido frequentava de novo e mais assiduamente que nunca a casa de Anacleto ; dirigindo-se a Marianna, tratava-a por — minha senhora ; — mas sua voz tinha um tom de indizível ternura.

Marianna estava bella e deslumbradora como em seus primeiros dias de ventura ; chamava o mancebo como

d'antes — Sr. Candido, — porém seus olhos ardentes e amerosos lhe davão ao mesmo tempo o mais carinhoso dos nomes.

Anacleto não podia comprehender aquella metamorphose ; mas, respeitava o segredo da felicidade de sua filha, tanto quanto havia respeitado outr'ora o de seus tormentos.

Celina sorria-se para a vida... amava, era amada, e emfim esperava ser feliz ; que lhe importava o mais ?...

.....  
Chegou o dia destinado para o casamento de Henrique e Marianna.

Tudo estava prompto : o altar, o sacerdote, os dous amantes, e os convidados.

Só faltava Candido. Debalde o esperárão por muito tempo.

.....  
Na manhã d'esse dia Candido, ao erguer-se do leito, recebeu da mão de Irias uma volumosa carta a elle dirigida.

Abrio, e leu a carta curioso.

« Meu irmão : — Déste-me uma grande lição de virtude : mostrar-te-hei que a não gastaste mal comigo.

« Eu era um moço perdido, sem nobreza, sem generosidade, e sem amor do que é verdadeiramente bello : provarei, que, com o exemplo da honra, soube conhecer os meus erros.

« Meu irmão, quando eu tornar a apparecer a teus olhos, não te envergonharás de me apertar a mão. Eu parto, para onde não sei ainda...

« Voltarei talvez um dia... quando o estudo, a meditação, as lagrimas, e as viagens tiverem gasto todos os meus remorsos, e me disserem que já não sou o mesmo.

« Voltarei, digno de meu irmão ; digno d'aquelle que fez arder meus olhos um milhão e um processo.

« No entretanto, meu irmão, eu te deixo a minha casa, confio-te a riqueza, que nos deixou nosso pai. Acom-

panhão a esta a escriptura e todas as disposições necessarias, para que tomes a direcção da casa, como seu administrador geral e meu socio.

« Não é possível recusar, meu irmão; em nossa casa te esperáo; e quando receberes esta, já estarei longe do Rio de Janeiro.

« Adeos, meu irmão. Eu te agradeço teres-me feito bom... teres-me feito christão.

« Adeos! até um dia.

« Teu irmão, — *Salustiano.* »

Acabando de lêr a carta, Candido vestio-so apressadamente, e sahio agitado: encontrando João e Rodrigues, contou-lhes o que havia, e corrêrão todos tres em procura de Salustiano.

Perdêrão quasi todo o dia em inuteis indagações; finalmente descobrirão que o mancebo tinha tirado um passaporte, e que se embarcára ao romper d'aurora em um navio europeu.

Os tres amigos corrêrão á praia... tomárão informações; um inconveniente inesperado demorava o navio por algumas horas. Candido, Rodrigues, e João atirárão-se dentro de um bote, e mandárão remar com toda a força para o navio.

Já não estavam longe... reconhecêrão em pé sobre a tolda, com os olhos embebidos na cidade que ia deixar, o infeliz Salustiano: Candido soltou um grito de prazer; era-lhe possível arredar seu irmão d'aquella triste viagem.

Salustiano ouviu o grito... lançou os olhos sobre o bote, e estendeu os braços...

Mas o navio abriu de repente as azas... e gracioso deslisou-se sobre as aguas.

— Adeos! grito Salustiano agitando seu lenço branco; adeos! até um dia!

— Adeos! respondeu Candido chorando.

.....

Erão nove horas da noite quando, em companhia de João e Irias, Candido entrou no Céu côr de rosa.

O saráo tinha já começado.

O mancebo desculpou o melhor que pôde sua ausencia, dirigindo-se a Anacleto e Henrique.

Correu depois aos pés de Marianna, e, aproveitando um momento, disse-lhe toda a verdade em duas palavras.

Faltava Celina.

A Bella Orphã saudára com sorriso de amor a chegada de seu amado, e não podendo esconder sua perturbação, sahio da sala, e fugio para o jardim.

Marianna comprehendeu o olhar de Candido que se voltava por toda a sala, e apontando para a porta do corredor, disse sorrindo-se :

— No jardim.

Candido voou para o jardim.

Celina estava em pé junto de uma roseira.

Os dous amantes ficarão defronte um do outre perturbados, suspirando, e sem dizer palavra durante muito tempo.

Quando emfim Candido ia pronunciar a primeira phrase de amor... ouviu-se uma voz melancolica e tremula que cantava perto :

« Era um dia um mancebo, qu'ardente  
 « Sobre vida esquecido vivia ;  
 « E uma virgem formosa, innocente,  
 « Qu'outra igual não se vio, não se via.  
 « Quem separa o ardor da belleza ?...  
 « Um abysmo fatal : — a pobreza. »

Candido e Celina reconhecêrão a voz do velho Rodrigues, e ficarão suspensos escutando o romance da virgem.

Finalmente o bom velho chegou á ultima estrophe do romance, e cantou :

E o mancebo, que tinha tentado  
 A paixão que nascia, abafar,

Hoje a ella de todo curvado  
 Stá c'os olhos no céo a clamar :  
 « Quem não fôra nascido ; — ou então  
 « Quem me déra o terceiro botão !... »

Candido, sem pensar talvez no que fazia, repetio como um éco, o ultimo verso da estrophe.

« Quem me déra o terceiro botão !... »

A Bella Orphã comprehendeu o pensamento de Candido ; tirou da roseira um botão de rosa, e o offereceu ao feliz mancebo.

Dava-lhe o seu coração.

Candido recebeu de joelhos o presente de amor.

— Parabens !... disse uma voz doce.

Os dous amantes voltárão-se, e virão junto de si Marianna e Henrique.

Ficárão ambos confusos.

— Não se perturbem, exclamou Marianna : nós approvamos o vosso amor.

Depois, dirigindo-se a Henrique, continuou :

— Olha, Henrique, não são bem dignos um do outro?...

Henrique sorrio-se.

— Queres tu que os adoptemos por nossos filhos Henrique abriu os braços a Celina.

— Minha filha !... disse o esposo de Marianna abraçando a Bella Orphã.

— Meu filho ! exclamou Marianna com um grito d'alma.

— Minha mãe ! respondeu Candido cahindo-lhe ao pés.

— Graças a Deos ! disse o velho Rodrigues que acabava de mostrar-se.

FIM DO SECUNDO E ULTIMO TOMO